



UERN

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE -UERN

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

LINHA DE PESQUISA: Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão

LUIZA MARIA DE HOLANDA DANTAS

A DESCASCA DA CASTANHA COMO TEMA INERENTE AO CURRÍCULO

ESCOLAR: memórias e vivências nas vozes das crianças

MOSSORÓ/RN

2021

LUIZA MARIA DE HOLANDA DANTAS

A DESCASCA DA CASTANHA COMO TEMA INERENTE AO CURRÍCULO

ESCOLAR: memórias e vivências nas vozes das crianças

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação- POSEDUC, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, na Linha de Pesquisa: Práticas Educativas, Cultura Diversidade e Inclusão, como requisito obrigatório para o título de Mestra em Educação.

Orientadora: Professora Dra. Francisca Maria Gomes Cabral Soares.

MOSSORÓ/RN

2021

Divisão de Serviços Técnicos
Catalogação da Publicação na Fonte

D192d Dantas, Luiza Maria de Holanda.

A descasca da castanha como tema inerente ao currículo escolar: memórias e vivências nas vozes das crianças/ Luiza Maria de Holanda Dantas. – 2021.

162 f. : il. -

Orientador (a): Profa. Dra. Francisca Maria Gomes Cabral Soares

Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Mossoró, RN, 2021.

1. Infância – Dissertação. 2. Narrativa – Dissertação. 3. Prática Pedagógica – Dissertação. 4. Currículo Escolar – Dissertação. 5. Educação Contextualizada – Dissertação. I. Soares, Francisca Maria Gomes Cabral. II. Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. III. Título.

CDD 372.2

Bibliotecária: Valéria Maria Lima da Silva CRB15/451

LUIZA MARIA DE HOLANDA DANTAS

**A DESCASCA DA CASTANHA COMO TEMA INERENTE AO CURRÍCULO
ESCOLAR: memórias e vivências nas vozes das crianças**

Documento apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação- POSEDUC, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, na Linha de Pesquisa: Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, como requisito obrigatório para o título de Mestra em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Francisca Maria Gomes Cabral Soares.

Dissertação aprovada em: 27/07/2021

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Francisca Maria Gomes Cabral Soares
Orientadora/Presidente – POSEDUC/UERN

Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros
Avaliador Externo – UFERSA/DCHU

Profa. Dra. Meyre Ester Barbosa de Oliveira
Avaliadora Interna – POSEDUC/FE/UERN

Profa. Dra. Giovana Carla Cardoso Amorim
Suplente Interna – POSEDUC/FE/UERN

Profa. Dra. Karla Rosane do Amaral Demoly
Suplente Externa – PPGCTI/UFERSA/RN

Ao meu pai Manoel Batista de Holanda e minha mãe Maria Irene de Holanda por terem me concedido a vida e ao meu filho Pedro Ítalo, através de você Deus me permitiu a graça de ser
MÃE.

AGRADECIMENTOS

Refazendo o percurso de toda a caminhada que resultou nesta dissertação, tenho plena consciência de que uma experiência como essa expressa relevância e significado, sendo impossível não constatar que atingir o resultado final está intrinsecamente relacionado ao incentivo, orientação, amizade e amor de pessoas muito especiais que estiveram presentes na caminhada desta autora que vos fala. A minha palavra inicial de Gratidão não podia deixar de ser ao Senhor Jesus Cristo, Filho do Deus Uno e Trino que me oportunizou vivenciar esse momento tão almejado na minha vida pessoal, acadêmica e profissional.

Gratidão aos meus tesouros papai e mamãe a quem eu devo a vida, a educação e os valores que carrego ao longo da minha história de vida. Vocês são a videira que produziu muitos frutos e com muita gratidão e alegria posso dizer que sou fruto dessa videira.

A minha pedra mais preciosa, meu filho Pedro Ítalo que sempre me motiva, alegra-se com minhas conquistas, está sempre ao meu lado, é um filho exemplar, amigo, companheiro e o grande amor da minha vida. Sou muito grata ao Senhor da vida por ter me dado a graça de ter você em minha existência. Ao meu marido por sempre apoiar as minhas escolhas.

As minhas irmãs que torcem e alegram-se pelas minhas conquistas, em nome delas um destaque especial a minha caçula Isabele, que no dia da Qualificação estava presente acompanhando, dando força.

Aos meus admiráveis e amados sobrinhos e sobrinhas, Ezequiel Neto, Vinicius Holanda, o que seria de mim sem meus “técnicos em informática”, Ezequiel Neto além de técnico foi o meu tradutor e muito mais, não tenho palavras para definir sua participação e colaboração nesta tessitura. A Evilly por sua valorosa contribuição na leitura e na escrita, principalmente quando conversamos sobre a história da criança, a Yasmim minha “bonequinha” pela presença, a minha quase filha amada Ana Luiza, que no período da Qualificação foi meu anjo e em outros momentos desse caminho também. A minha “pequena” Ester, por todo amor que ela diz sentir por mim: “tia eu te amo cada dia mais”, nunca ninguém me amou com tanta intensidade. Amo cuidar dela, tão pequenina e tão cheia de encanto, de doçura e de sabedoria. Gratidão sempre, vocês sabem o quanto eu os/as amo.

A minha “irmã de Mestrado” Ana Paula Braga, assim nos intitulamos desde que nos conhecemos, por termos a mesma orientadora. Essa amiga especial que sempre me ajudou quando eu a busquei com algumas informações e orientações que ela conseguia abstrair melhor do que eu. Tenho muito amor e gratidão por tudo que vivenciamos minha amada.

Aos alunos/as da Serra do Mel que com suas histórias de vida identificadas pelas “mãos amarronzadas” e pelo cheiro que o óleo da castanha exala, estimularam a escrita sobre minha história de vida. Quatro décadas depois nossas realidades cruzam-se neste percurso chamado vida.

As minhas colegas professoras, profissionais guerreiras que eu tanto estimo, sem vocês a vida seria opaca, sem graça e sem aroma. Meu carinho todo especial principalmente as duas Docentes, Edineuma e Wênia que participaram deste sonho, Gratidão e admiração, a contribuição de vocês foi valorosa demais.

Gratidão com toda a força da minha alma a Professora Dra. Francisca Maria Gomes Cabral Soares, uma mulher admirável pela sua simpatia, paciência, compreensão e amizade. Muitíssimo obrigada, costumo dizer que nesta luta que foi conquistar uma vaga no POSEDUC e tê-la como orientadora, foi uma benção que Deus me deu, obrigada meu anjo. Te admiro demais, sua presença acalma, seu sorriso é alívio para a alma de uma pessoa de juízo acelerado, assim como eu. Serei eternamente grata a você pela confiança em mim, no meu projeto, e assim me oportunizar viver essa experiência tão almejada.

A Professora Dra. Meyre Ester Barbosa de Oliveira, uma mulher admirável, minha professora da graduação inesquecível, pelo seu jeito meigo, paciente e compreensivo de ser. Via em seus lindos olhos verdes sua alegria quando obtive a conquista do Mestrado, suas contribuições para o momento da Qualificação embora sua presença física não tenha sido possível, foram muito valorosas, falar de Currículo Escolar e não ouvi-la é injusto. Eterna gratidão minha amiga!

Ao Professor Dr. Emerson Augusto de Medeiros, o que dizer desse jovem brilhante e inteligente, meu sentimento é de admiração por tudo que você representa, te ouvir me encanta. Minha gratidão por me atender sempre que o busquei, você faz parte dessa construção, contribuindo desde o pré-projeto. Muitíssimo obrigada.

A professora Dra. Giovana Carla Cardoso Amorim, que honra tê-la comigo nesse momento tão singular da minha história, você é uma mulher admirável pela sua meiguice e doçura, além da beleza e da inteligência. Gratidão!

A Professora Dra. Milane Azevedo, secretária de Educação do Município de Serra do Mel, uma amiga que sempre me incentivou, que mesmo diante das atribuições que o cargo exige, sempre atendeu às minhas solicitações.

A professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar por todas as vezes que nossos caminhos se cruzaram, por todas as participações relevantes no caminho percorrido na UERN, nas

instituições que a buscam, pelas valorosas e significativas contribuições na vida das pessoas com Necessidades Educativas Especiais e que tiveram a sorte de serem acolhidas no seu grupo.

Muita gratidão a minha amiga Sônia Alves que no início desse projeto foi o meu anjo, sua contribuição foi muito importante, serviu de incentivo e de motivação para que eu atingisse o meu objetivo.

A minha amiga, Adriana Teixeira, que muito contribuiu com seu conhecimento técnico e suas palavras de incentivo para a concretude da Qualificação, minha admiração e meu carinho.

Gratidão também às minhas colegas da turma do Mestrado que sempre me incentivaram e apoiaram em algum momento. Camilla Moraes com seu jeito meigo se disponibilizou a ajudar na leitura, a Polliana Thaías pelas nossas horas e horas de conversas sobre o Mestrado e sobre a vida, tenho um carinho muito especial por ti, nos conhecemos no curso de Pedagogia quando fui professora e nos reencontramos no dia da entrevista para o Mestrado, sendo hoje colegas de Mestrado. A Jaine, Tadjá, Sandra, Darlyn e as outras amigas presentes nessa caminhada impossível de ser realizada sozinha, as amigas trouxeram palavras de ânimo e de incentivo que me ajudaram a continuar o percurso.

Para finalizar trago uma frase de um amigo que diz: “Num mundo tão doente e de amores tão distantes, amigo é uma espécie de transplante de alma”. (Silvio Brito, cantor e compositor). Sem essas pessoas amigas que torcem, incentivam, que emanam energia boa para a vida, concluir um trabalho deste seria quase impossível.

Quando a vida bater forte e sua alma sangrar,
quando esse mundo pesado
lhe ferir, lhe esmagar...
É hora do recomeço.
Recomece a LUTAR.
Quando tudo for escuro
e nada iluminar,
quando tudo for incerto
e você só duvidar...
É hora do recomeço.
Recomece a ACREDITAR.

Quando a estrada for longa e seu corpo fraquejar,
quando não houver caminho
nem um lugar pra chegar...
É hora do recomeço.
Recomece a CAMINHAR.

Quando o mal for evidente
e o amor se ocultar,
quando o peito for vazio,
quando o abraço faltar...
É hora do recomeço.
Recomece a AMAR.

Quando você cair e ninguém lhe aparar,
quando a força do que é ruim
conseguir lhe derrubar... É hora do recomeço.
Recomece a LEVANTAR.
Quando a falta de esperança
decidir lhe açoitar, se tudo que for real for difícil suportar...
É hora do recomeço.
Recomece a SONHAR.

Enfim,
É preciso de um final pra poder recomeçar,
como é preciso cair pra poder se levantar.
Nem sempre engatar a ré
significa voltar.
Remarque aquele encontro,
reconquiste um amor,
reúna quem lhe quer bem,
reconforte um sofredor,
reanime quem tá triste
e reaprenda na dor.

Recomece, se refaça,
relembre o que foi bom,
reconstrua cada sonho,
redescubra algum dom,
reaprenda quando errar,
rebole quando dançar,
e se um dia, lá na frente, a vida der uma ré,
recupere sua fé e RECOMECE novamente.
(Recomece Bráulio Bessa)

RESUMO

Ao observar a relevância da pesquisa educacional no fazer pedagógico dos profissionais da educação, utilizo da autobiografia e das histórias de vida, os sujeitos recriam o seu fazer didático, como também a sua própria história. Diante do exposto, este estudo tem como objetivo principal compreender as contribuições da descasca da castanha para o currículo escolar, a partir das memórias e vivências das crianças. No que se refere a metodologia é de cunho qualitativo, desenvolvida com base no método (auto)biográfico, buscando um (re)construir, (re)viver das minhas experiências como pessoa e profissional da educação, ouvindo as narrativas de crianças em seus contextos de vida. O resultado deste estudo, apresenta experiências subjetivas, vivenciadas em diversos momentos ao longo da vida, que constituem a pessoa como sujeito, revelando que o desejo de ser pessoa, no sentido de conquistar seu lugar no mundo, as vezes tem início nos primeiros anos de vida, ainda na infância quando a criança deveria estar vivenciando o brincar, viajando no mundo da leitura, da imaginação, sendo cuidada, amada, tendo a oportunidade de descobrir a vida de uma forma leve, vivendo a inteireza de ser criança sem preocupações com o futuro. Compreendeu-se também que por meio das narrativas há possibilidade de conhecermos a beleza dos sonhos que os sujeitos carregam dentro de si, suas histórias de vida, tanto as situações exitosas, quanto as adversas assim como as experiências resilientes podem vir a ser transformadas em sementes de vitória e de compaixão. Assim, humanizando o nosso olhar podemos contribuir para a vida de outras pessoas. Desse modo, propor essa discussão da escola, almejando favorecer o fazer pedagógico da instituição, despertou nos docentes o desejo em conhecer e entender o contexto social e familiar de seus educandos que vivenciam as realidades inerentes a descasca da castanha na infância.

Palavras-chave: Infância. Narrativas. Prática Pedagógica. Currículo Escolar. Educação Contextualizada.

ABSTRACT

Observing the relevance of educational research in the pedagogical work of education professionals through autobiography and life stories, subjects recreate their didactic work, as well as their own history. Given the above, the main objective of this study is to understand how manual cashew nut shelling contribute to the school curriculum, based on the narratives of children's experiences. The approach adopted to carry out this research is qualitative, developed based on the (auto) autobiographical method, seeking to (re)build, (re)live from my experiences as a person and education professional, listening to children's narratives in their contexts of life. The result of this study presents subjective experiences, experienced at different times throughout life, which constitute the person as a subject, revealing that the desire to be a person, in order to conquer their place in the world, sometimes begins in the first years of life, still in childhood when the child should be experiencing playing, traveling in the world of reading, imagination, being cared for, loved, having the opportunity to discover life in a light way, living the wholeness of being a child without worries about the future. It was also understood that through the narratives there is the possibility of knowing the beauty of the dreams that the subjects carry within themselves, their life stories, both successful and adverse situations, as well as resilient experiences can be transformed into seeds of victory and of compassion. Thus, our look at the other, being more humanizing, contributes to other people's lives. Thus, proposing this discussion within the school, aiming to favor the institution's pedagogical practice, awakened in the professors the desire to know and understand the social and family context of their students who experience the realities inherent to shell cashew nuts in childhood.

Keywords: Childhood. Narratives. Pedagogical Practice. School curriculum. Contextualized Education.

LISTA DE FIGURAS

Foto 1	- Casamento de Manoel e Irene	25
Foto 2	- Fazenda José de Queiroz, Município de Potiretama/CE	27
Foto 3	- A casa que eu nasci, com a arquitetura atualizada, rebocada e pintada. Fazenda José de Queiroz	29
Foto 4	- Celebração das Bodas de Ouro (50 anos de casados) dos meus pais	32
Foto 5	- Catedral Metropolitana de Natal	33
Foto 6	- Minha Primeira Eucaristia (11 anos)	35
Foto 7	- Meus doze anos	37
Foto 8	- Embaixo do pé de cajueiro	39
Foto 9	- Família que me trouxe para Mossoró.	42
Foto 10	- Celebração do matrimônio na Igreja de Iracema/CE	45
Foto 11	- A casa que meus pais moraram de 1983 a 2004.	47
Foto 12	- Meu filho com dezesseis dias de nascido	48
Foto 13	- Ordenação Presbiteral de José Robério de Holanda cidade de Potiretama/CE	51
Foto 14	- Colação de Grau do Curso de Pedagogia, UERN	56
Foto 15	- Colação de Grau no Tiro de Guerra 07/010	58
Foto 16	- Colação de Grau Curso de Comunicação Social, UERN	59
Foto 17	- Crianças brincando no parque	65
Foto 18	- Turma de Matemática Psicologia da Aprendizagem	67
Foto 19	- Homenageada em 03 turmas de Pedagogia	70
Foto 20	- Crianças brincando no parque	98
Foto 21	- Local: Corredor central da Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte	105
Foto 22	- Formação Continuada na Escola Estadual Padre José de Anchieta/Serra do Mel	106
Foto 23	- Reunião com a Gestão Escolar da Secretaria Municipal de Educação	107
Foto 24	- Lançamento do PROERD	108
Foto 25	- Turma concluinte do PROERD	108
Foto 26	- Imagem: na biblioteca da Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte	110
Foto 27	- Momento de leitura na biblioteca da Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte	110
Foto 28	- Imagem: parquinho construído por um grupo de amigos voluntários de Mossoró/RN	111

Foto 29 – Imagem: Entrada de parquinho	113
Foto 30 - Comemorações alusivas ao dia da criança em 2017	115
Foto 31 - Encerramento do ano letivo de 2019	117
Foto 32 - Inauguração do parquinho	126

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Resultado da busca com o descritor “narrativas de crianças”	77
Gráfico 2 – Pesquisa com a Palavra-Chave “Castanha”	78
Gráfico 3 – Pesquisa com o termo “histórias de vida com castanhas”	78
Gráfico 4 – Pesquisa com o termo “espaço escolar”	80
Gráfico 5 – Pesquisa com o termo “história de vida com as castanhas”	80

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Descrição dos artigos resgatados no Scielo com o termo “narrativas de crianças”	86
Quadro 2 – Descrição dos artigos resgatados no Scielo com o termo “vozes de crianças”	90
Quadro 3 – Descrição dos artigos resgatados no Scielo com o termo “currículo”	93

LISTA DE SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
DAIN	Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROERD	Programa Educacional de Resistência às Drogas
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
TEA	Transtorno do Espectro Autista
UERN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

1	DISSE A FLOR PARA O PEQUENO PRÍNCIPE: É PRECISO QUE EU SUPORTE DUAS OU TRÊS LARVAS SE QUISER CONHECER AS BORBOLETAS	16
2	UMA HISTÓRIA DE VIDA CONSTRUÍDA COM RESILIÊNCIA	22
2.1	Quinze sementes plantadas, onze floresceram e encheram aquele quintal de alegria	23
2.2	Enfrentamentos de uma jovem na quarta gestação: os cuidados do outro, os cuidados de mim	26
2.3	Na voz de criança o destemor, um desejo, um caminho a esperar	35
2.4	Retalhos da vida: do medo da morte a conquista profissional e acadêmica	49
3	PELOS CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO NO RASTRO DA LITERATURA	71
3.1	Ouvir, registrar, interpretar: o que dizem os estudos dos autores	72
3.2	Do desafio do conhecimento à construção dos caminhos da pesquisa	75
3.3	Nas relações da arte de fazer e saber, um olhar sobre os desdobramentos do estudo	85
4	VOZES DA INFÂNCIA: RELATOS DAS VIVÊNCIAS DAS CRIANÇAS NA DESCASCA DA CASTANHA, CONTRIBUIÇÕES AO CURRÍCULO ESCOLAR	97
4.1	Por entre o lugar, o trabalho o que inspiram os cajueiros e as castanhas, projetos, ações e parcerias: a escola para além do lugar	103
4.2	A escola espaço de produção dos conhecimentos do lugar	111
4.3	As substâncias decorrentes da narrativa sobre a prática pedagógica e os sujeitos aprendentes	116
4.4	Pensar um estudo/escola que tenha, também, significado aos estudantes a partir do contexto local	126
5	POR FIM: PASSEAR NA PRÓPRIA LEVEZA, TRANSFORMAR-SE NO PRÓPRIO SUJEITO E CONTINUAR A ESCRITA	136
	REFERÊNCIAS	141
	APÊNDICES	150

1 DISSE A FLOR PARA O PEQUENO PRÍNCIPE: É PRECISO QUE EU SUPORTE DUAS OU TRÊS LARVAS SE QUISER CONHECER AS BORBOLETAS

Todas as pessoas grandes foram um dia
crianças – mas poucas se lembram disso.

Antoine de Saint-Exupéry

Ao plantar uma semente, é necessário cultivar, proteger, dar condições de abrigo, luz do sol e água. A esperança é de que ela germine, traga alegria e beleza por suas flores e borboletas coloridas, produzindo os frutos mais doces e sutis. Assim como a semente precisa passar por adversidades até chegar ao seu resultado belo e saboroso, esse mesmo processo acontece com as pessoas. Muitas são as situações vivenciadas, dolorosas, que nos fazem indagar e pensar que não teremos a oportunidade de ver as borboletas flutuarem no jardim da vida.

Apresento o processo de construção dos três capítulos desta dissertação, buscando pontuar os caminhos significativos que norteiam o objetivo principal, compreender como a temática ou a prática da descasca da castanha perpassa o currículo da Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte e contribui no desenvolvimento curricular de competências e habilidades nos primeiros anos escolares. Por meio das narrativas (auto)biográficas será identificado como as crianças (res) significam seus saberes aprendidos e sonhos para o futuro.

Acredito que este estudo contribuirá para que os profissionais da educação, mais especificamente os professores, busquem conhecer o contexto de vida das crianças que compõem o cenário das salas de aula, que chegam com sede de saber, de conhecimento e trazendo consigo vivências, experiências, sonhos e que por vezes não lhes dão a oportunidade de narrar e partilhar com seus pares.

No âmbito das pesquisas mais recentes no campo da educação, é perceptível o crescimento do método que trata da autobiografia e das histórias de vida dos sujeitos. Estudos apontam que esse é um novo modo de fazer ciências.

Segundo Bueno (2002) o recurso do método biográfico, embora bastante recente na área das ciências da educação, é uma perspectiva metodológica que foi largamente empregada nos anos 1920 e 1930. Após uma crise vivida pelo método, o mesmo ficou praticamente em desuso, somente a partir dos anos 1980 ele ressurgiu e passou a ser utilizado no campo da sociologia entre outras ciências.

Justificamos o uso da primeira pessoa do singular dos verbos em quase todos os momentos da escrita por se tratar das narrativas pessoais da autora da dissertação, em outros momentos faremos uso da primeira pessoa do plural para apresentar as sugestões que foram tecidas junto com a orientadora e os sujeitos da pesquisa.

Narrar uma história de vida é algo muito prazeroso, conhecer os caminhos de construção e (re)construção de uma história vivida é algo de renascimento, embora seja visto como subjetividade, pois é nesse mundo interno dos sujeitos, onde ficam ancoradas as emoções, os pensamentos e os sentimentos que os indivíduos carregam pela vida. González Rey (2012), *apud* Castanho e Scoz (2013, p. 488) afirmam que:

A subjetividade está em contínua construção e parte das intersecções entre indivíduo e sociedade, emoção e pensamento, sentido e significado, consciente e inconsciente, em múltiplas configurações de sentidos de elevada variabilidade, tendo como base as trajetórias de vida do sujeito.

É importante ressaltar que a subjetividade acontece na relação com os sujeitos, nas quais as experiências são compartilhadas e surge como uma ciência globalizante. É uma compreensão da incompletude dos sujeitos.

Apresentamos como Introdução **DISSE A FLOR PARA O PEQUENO PRÍNCIPE: É PRECISO QUE EU SUPORTE DUAS OU TRÊS LARVAS SE QUISER CONHECER AS BORBOLETAS**, que fala de como se dará o processo de elaboração dissertativa da história de uma menina do sertão que enfrentou adversidades, assim como tantas outras pessoas no decorrer da vida, não perdeu a fé e conquistou seu objetivo. Neste caminho percorrido através das memórias narrativas, apresentamos também algumas histórias de crianças e adolescentes que vivenciam o mesmo contexto de vida experimentado por mim há mais de (40) quarenta anos.

O primeiro capítulo **UMA HISTÓRIA DE VIDA CONSTRUÍDA COM RESILIÊNCIA**, apodero-me da metáfora da semente para dizer que o trabalho aqui exposto é o resultado de uma semente que foi plantada há alguns anos, foi cultivada, nasceu, cresceu, passou por todas as transformações que uma planta é capaz de passar, sobreviveu a escassez de água, floresceu, deu frutos, perdeu seus frutos, murchou, quase morreu, mas a esperança, que alimentava e fortalecia, aquela semente a possibilitou beber da fonte da pesquisa e do conhecimento que será construído ao longo dessa caminhada.

Asseguro que falar sobre uma história de vida não é tarefa fácil, isso mexe com o passado que em muitos momentos está permeado de dor, de medo, de tristeza e que estão

guardados numa “gaveta” que muitas vezes preferimos não abrir. Mas também, proporciona observar a construção de vida ocorrida ao longo do caminho.

No segundo capítulo. **PELOS CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO NO RASTRO DA LITERATURA**, é apresentada uma Revisão de Literatura, como uma metodologia didática e bibliográfica que tem objetivo importante na condução da informação científica entre os pares, como também favorece a transferência das informações a outros pesquisadores. Estudos apontam que esse tipo de metodologia é muito utilizado levando em consideração a necessidade de situar o objeto de estudo, visando elaboração de trabalhos para publicação.

Embora, perceba-se um desenvolvimento científico bastante significativo nas ciências humanas e sociais, observa-se que nesta temática relacionada às crianças e as vivências com as castanhas, há uma carência de estudos quanto à abordagem dessa temática, comprovada pela ausência de trabalhos nos portais de pesquisa utilizados.

Por fim, no terceiro capítulo. **VOZES DA INFÂNCIA: RELATOS DAS VIVÊNCIAS DAS CRIANÇAS NA DESCASCA DA CASTANHA, CONTRIBUIÇÕES AO CURRÍCULO DA ESCOLA**, foi feito um recorte teórico da história da infância escrita ao longo dos séculos. Sendo apresentada as vozes das crianças, na escrita de si a partir da escuta realizada nas entrevistas, observações e registros em um diário de pesquisa.

Considerando que o meio infantil tem suas peculiaridades, é de suma importância pesquisar sobre o universo infantil, a partir das experiências vividas pelas próprias crianças, uma vez que existem aspectos sociais múltiplos que favorecem a negação do direito à infância, pois por diversas vezes essas vivenciam também os problemas dos adultos e sendo assim lhes falta tempo para aproveitar a fase das brincadeiras e das amizades na infância.

Com base na construção supracitada, a pretensão foi a partir da dissertação compreender quais as contribuições da descasca da castanha para o currículo escolar a partir das narrativas de vivências das crianças da Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte. O interesse sobre o tema central deste estudo, surgiu de experiências vivenciadas com professoras do Ensino Fundamental, Anos Iniciais, as quais frequentemente solicitavam a mim, como orientadora pedagógica, conversar com os estudantes que apresentavam desinteresse pelas atividades escolares.

Ao levar as crianças para conversar percebia que as mãos de muitas apresentavam manchas marrons, em alguns casos pareciam ferimentos. Tal condição despertou em mim a preocupação em saber a razão daquelas manchas, em conversas informais, as crianças responderam: “é porque eu trabalho com castanha”. Enquanto pedagoga/orientadora na Escola

Municipal Vila Rio Grande do Norte, desenvolvo um trabalho junto às professoras do Ensino Fundamental, dos anos iniciais, acompanhando crianças que apresentavam desinteresse pelas atividades escolares e foi através de conversas que identifiquei tal cenário.

Outro ponto que motivou a pesquisa e o interesse em conhecer mais de perto essa realidade, foi por sentir uma identificação pessoal com as histórias que essas crianças e adolescentes relatavam, décadas passaram e estou em confronto com essa realidade, ainda existente nas famílias em vulnerabilidade socioeconômica, para sobreviver, todos/as precisam lutar com as condições e ferramentas que a vida oferece, neste caso a descasca da castanha. Quando são questionadas sobre as atividades que realizam no contra turno escolar, muitas dizem que descascam castanha para ajudar a mãe.

E assim como estes seres tão pequenos e indefesos, vítimas de um sistema social de desigualdade me vi nestes estudantes, pois sou fruto desse contexto social, pois vivenciei algo semelhante a realidade dessas crianças, não a descasca da castanha, mas a retirada da castanha do caju. Certamente, isso despertou em mim o desejo em pesquisar sobre a temática, colhendo nas narrativas de vida, através do método autobiográfico uma contribuição que possa favorecer o fazer educacional da escola pesquisada.

No caminhar dessa pesquisa os conceitos de Auto(biografia) e da narrativa de vida serão conceituados com base em Josso (2010), a qual assegura que “[...] as narrativas de vida contam itinerários ao longo dos quais os autores qualificam as experiências de vida, classificando-as, quer em períodos felizes, quer em períodos psíquica ou fisicamente dolorosos”. A vida humana é formada por momentos conturbados, e/ou repletos de esperança, num movimento de (re)construção constante, instituindo o esperar.

Para trabalhar as narrativas de crianças, é necessário focar no conceito de infância. Os autores Ariés (1981) e Kramer (2003) ajudam a compreender a infância como temática histórica, tendo em vista que a abordagem referente ao universo infantil foi pouco explorada durante o transcorrer dos séculos. A criança enquanto agente social e como sujeito de direitos, é uma temática de estudo que se consolidou recentemente, frente às diversas transformações relacionadas à vida em sociedade.

Dando continuidade à abordagem dos conceitos levantados na pesquisa, tem-se ainda o conceito de vivências, o qual foi trabalhado principalmente em Freire (2003) que discorre sobre a compreensão de que o fato do inacabamento faz com que as vivências sociais tornem-se aprendizagens constantes, que a “[...] presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere” (FREIRE, 2003, p. 54). Portanto, o educador defende que os

sujeitos sejam inseridos na sociedade com direito a construir suas vivências de forma livre e participativa caminhando para uma educação libertadora, na qual todos têm o direito de participar da vida.

Trago para este estudo o conceito de currículo. Assunto discutido por Sacristán (2003) e Moreira e Silva (2002), que tratam das relações de poder que o currículo apresenta, e como ele produz identidades individuais, sociais e particulares. É importante ressaltar que o currículo deve ser construído numa perspectiva que favoreça a inclusão dos grupos e classes sociais menos favorecidas. Com a preocupação em formar sujeitos críticos e reflexivos, não se limitar apenas em ensinar a ler e a escrever.

Ao abordarmos a metodologia, a compreensão é que essa configura um caminho para a concretização de um estudo (MEDEIROS; AGUIAR, 2018). É também a prática exercida na abordagem da realidade, a qual inclui simultaneamente os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade). Para Richardson (2011), o método científico supõe que, para estudar um fenômeno científico, este deve ser perceptível, sensível e interpretável, ainda que o cientista social possa trabalhar com conceitos teoricamente abstratos, pode ser considerado algo como um telescópio; diferentes lentes, aberturas e distâncias produzirão formas diversas de ver a natureza.

Neste estudo, foi utilizado o método (auto) biográfico e de histórias de vida. Conforme Medeiros e Aguiar (2018), por permitir uma escuta sensível das narrativas das professoras, assim contribuindo para o aprimoramento das práticas pedagógicas. Nas palavras de Josso (2002) *apud* Passeggi (2008, p. 23), “[...] os relatos de vida [...], centrados sobre a perspectiva das experiências formadoras e fundadoras de nossas identidades em evolução”, de nossas ideias e crenças meio estabilizadas, de nossos hábitos de vida e de ser com relação a nós, aos outros, ao nosso meio humano e natural, “têm essa particularidade de ser territórios, por vezes tangíveis e invisíveis”.

Nos passos desta construção dissertativa abordo o método (auto)biográfico e de histórias de vida, com destaque para as experiências vividas de uma menina do sertão na perspectiva das narrativas (auto)biográficas, assim, dou voz às crianças que vivenciam o contexto das castanhas. Decerto que o estudo em consideração apresenta como questão de pesquisa, quais as contribuições da descasca da castanha para o currículo escolar nas narrativas e vivências das crianças da Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte? Tendo

como objetivo principal, compreender as contribuições da casca da castanha para o currículo escolar, a partir das narrativas de vivências das crianças.

Delineamos três objetivos específicos com o propósito de nortear o percurso percorrido: narrar a história de vida de uma menina do sertão, desbravando lugares, seus medos, e suas conquistas; apresentar por meio da revisão de literatura vivências de crianças com a casca da castanha; identificar as contribuições da casca da castanha como tema inerente ao currículo escolar da infância. Com esse propósito dividimos o estudo em três capítulos os quais responderão os objetivos específicos citados, com o intuito de respondermos o objetivo geral.

Por meio desta proposta, busquei entendimento maior acerca do processo de ensino e de aprendizagem no contexto escolar das crianças que vivenciam a casca da castanha. Mediante interpretação e compreensão da pesquisa realizada através da busca de informações, é possível afirmar que o estudo está suscetível a mudanças e/ou adaptações necessárias, considerando tratar-se de um objeto investigativo em permanente construção.

2 UMA HISTÓRIA DE VIDA CONSTRUÍDA COM RESILIÊNCIA

Semente, semente se não mente fale a verdade de que
Árvore você nasceu.
Se conseguir aquilo que você quer
E conseguir manter a nobreza de ser quem tu é
Tenha certeza, que vai nascer uma planta.
Que a flor vai ser de esperança
De amor pro que der e vie.

ARMANDINHO (2008).

Neste capítulo fazendo uso da escrita auto(biográfica), registrei a história de uma menina que aos onze anos de idade, pequenina como uma semente, saiu do sertão em busca de estudo e de oportunidades na capital cearense. Essa menina, sou eu. Fui uma menina muito cedo inserida no mundo adulto, cresci na vida, na profissão, conquistei objetivos e constitui-me como pessoa ao longo do caminho. Sou apaixonada por música, essa arte está presente na minha vida desde a minha infância.

No percurso busquei beber da fonte da metodologia (auto)biográfica, o método que me proporcionou a oportunidade de ver, e rever, uma história de vida, de cisão familiar, de renúncia, de saudade, de medo, de luta, de conquistas, de um refazer da vida, de resiliência e amor. Amor aos pais, aos irmãos, à minha família, ao meu marido e ao meu filho. O método (auto)biográfico permite (re)viver emoções e experiências. Diante disso Bueno (2002, p. 20) expressa:

O valor heurístico de método biográfico, torna-se legítimo, porque a biografia é uma micro-relação social. Aquele que narra história de vida sempre narra para alguém. Ou seja, nesse processo de elaboração se sua narrativa há sempre a tentativa de uma comunicação, mesmo que seja como um interlocutor imaginário como é o caso dos diários.

Nesta dissertação comunico-me com outros sujeitos que possibilitam essa construção. Sobre esse contexto utilizando a auto(biografia), traço um caminho relevante nas trilhas da pesquisa, Ramos, Freitas e Cota (2016, documento não paginado) assim expressam:

O trabalho com o método (auto) biográfico possibilita um exercício de escuta, uma ação na qual o sujeito da pesquisa escuta suas próprias experiências e analisa suas ações e age sobre elas com intuito de mediar a construção de um conhecimento significativo para si e para o outro. Assim, descrevo minhas memórias como forma de repensar a minha profissão, identificando os momentos em que as experiências vivenciadas pessoal e profissional conduziram-me ao que me tornei.

No exercício da escrita discorri sobre o meu nascimento, infância, adolescência, e a precoce inserção na vida adulta e matrimonial. A maternidade que me constituiu como um ser

especial nessa teia de sentidos e significados. Busquei a assistência das memórias da minha mãe para reconstruir tempos e lugares percorridos na infância que a minha memória não conseguiu registrar.

Os apontamentos que seguem, apresentam um transformar das experiências vividas no decorrer da minha vida. Acredito que o refazer do meu percurso de vida se faz necessário para o conhecimento de uma realidade, parte dela registrada em “agendas/diários secretos” e outra parte viva nas memórias que me constituem como pessoa.

Os escritos apresentados mostram a (re)significação atribuídas às experiências construídas ao longo do caminho que percorri. Ecoa dentro de mim o sentimento e o conhecimento de uma história de vida. No meu interior ressoam ruídos de memórias registradas na minha construção como pessoa, descritos nos diários. Muitas dessas memórias e experiências resilientes vividas oportunizaram-me compreender que é possível vencer mesmo enfrentando adversidades. Continuando esse diálogo, Polleti e Dobbs (2010, p. 17) asseveram que:

Os resilientes são feridos, mas possuem competências necessárias para curar a ferida e cicatrizá-la. No entanto, ao longo de suas vidas, essa cicatriz será testemunha de sua luta e vitória. Certos dias, as dificuldades da vida irritarão a pele dessa cicatriz psíquica, como pode acontecer com uma roupa muito apertada sobre uma cicatriz física. Outras vezes, os resilientes poderão usar a experiência adquirida para compreender melhor outras feridas na vida e ter compaixão delas.

É admirável ver a capacidade das pessoas em refazerem-se, perceber a esperança de um novo começo. Muitas marcas e cicatrizes ficam no corpo e na alma como sinais de conquistas, e ao olharmos para dentro de nós podemos ver a força que emana do nosso ser.

2.1 Quinze sementes plantadas, onze floresceram e encheram aquele quintal de alegria

Nos escritos apresentados nos subcapítulos a seguir, narrei a história da vida de uma menina do sertão, que desde muito pequena lutou para conquistar seu espaço no mundo através dos estudos. Por meio de narrativas, mostro a menina de onze anos, nascida no sertão, que conquistou seus objetivos em busca de oportunidades para viver os saberes da vida repassados pelos estudos.

Em seguida, trago memórias a respeito da minha escolaridade na Educação Básica, momentos significativos, permeados de afetos e de zelo por parte dos meus professores, meu matrimônio como alívio e transformação de um contexto de sofrimento vivido. Descreverei

com muita alegria minha conquista ao Ensino Superior, minhas conquistas profissionais na docência até o momento atual. Pois, a memória é um recurso relevante para uma investigação humana pessoal e temporal. A esse respeito, Abrahão (2003, p. 80) assim se expressa:

A pesquisa autobiográfica – Histórias de Vida, Biografias, Autobiografias, Memórias – não obstante se utilize de diversas fontes, tais como narrativas, história oral, fotos, filmes, diários, documentos em geral, reconhece-se dependente da memória. Este é o componente essencial na característica do (a) narrador (a) com o pesquisador trabalha para poder (re)construir elementos de análise que possam auxiliá-lo na compreensão de determinado objeto de estudo.

O diálogo a partir daqui, é sobre uma história de vida, um caminho que não é fácil de percorrer, visto que mexe com um passado que em muitos momentos foi permeado de dor, de medo de tristeza guardados numa “gaveta” que por vezes prefiro não abrir. Porém, ressalto que a construção desses elementos compõem a pesquisa na reflexão sobre a construção social de seres humanos que estão em um processo constante de autoconhecimento, ao longo da vida. Concordo com Moita (1992, *apud* NÓVOA, 2013) quando afirma que esta abordagem permite compreender de um modo global e dinâmico as interações entre as diversas dimensões de uma vida, pois;

Só uma história de vida permite captar o modo como cada pessoa, permanecendo ela própria, se transforma. Só uma história de vida põe em evidência o modo como cada pessoa, mobiliza os seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com seus contextos. Numa história de vida podem identificar-se as continuidades e as rupturas, as coincidências no tempo e no espaço, as “transferências” de preocupações e de interesses, os quadros de referência presentes nos vários espaços do cotidiano (MOITA, 1992, *apud* NÓVOA, 2013, p. 116).

Assim, a autora acima citada me faz refletir, pensar e repensar sobre muitos acontecimentos na minha história de vida, nas perdas que tive, medos, e ganhos que as minhas escolhas me proporcionaram, ressignificando muitos objetivos traçados. Nesse processo, vi também a esperança e a fé, auxiliando-me a alcançar caminhos que pareciam inalcançáveis.

Nesta escrita (auto)biográfica apresento o percurso daqueles a quem eu devo a vida. O ano foi 1963, num pequeno lugarejo no interior do Ceará, chamado de Bom Jardim, que evoluiu e tornou-se cidade, chamada Potiretama. A igreja católica daquele lugar vivenciava uma grande movimentação intitulada, “As Santas Missões de Frei Damião”, conhecida por quase todos os católicos, principalmente os que têm mais de quarenta anos. As pessoas dos sítios e adjacências se dirigiam para a cidade para rezar, e ouvir as pregações de Frei Damião.

A Minha mãe, seus pais e suas irmãs eram religiosos participantes das Missões e nessa realizada em 1963, um jovem rapaz meio tímido que acabara de chegar do Rio Grande

do Norte aproximou-se e começou a conversar com minha mãe. Ela uma jovem de dezoito anos de idade, morena bonita, de cintura bem delineada. Ele no auge dos seus vinte e cinco anos de idade, de estatura alta, cabelos pretos e de sorriso fácil, estava chegando naquela comunidade e não conhecia ninguém. Juntamente com sua mãe e seus irmãos saíram do sítio Passagem Limpa no município de Severiano Melo/RN, para começarem uma nova vida nas terras cearenses. Esse encontro transformou-se em um namoro e onze meses depois evoluiu para um casamento. Era outubro de 1964 quando aquele lindo casal de jovens subiu ao altar para receber das mãos do sacerdote as bênçãos de Deus para o matrimônio.

Foto 1 - Casamento de Manoel e Irene



Fonte: Arquivo Pessoal (1964).

Nos anos sessenta, o projeto de vida resumia-se particularmente a vida matrimonial, a constituição da família era estabelecida de forma natural e era impensado o uso dos métodos contraceptivos, não era-incentivado e desenvolvido, portanto não fazia parte da educação das mulheres. O conhecimento do ser feminino enquanto indivíduo social naquela época era um pouco ignorado, a liberdade de escolha não era opção, nascida como mulher a sentença era estabelecida, mãe, esposa, dona do lar e nada mais. Com minha mãe não foi diferente, um ano após o casamento nasce a primeira filha do casal, foi um parto difícil, minha mãe conta que sofreu demais, os partos eram realizados por parteiras em casa, não havia suporte financeiro para médicos, a sobrevivência era garantida por sorte ou por milagre.

Para a tristeza do jovem casal, o primeiro fruto daquele amor não floresceu, sofrimento inesperado no início de uma vida. As lembranças marcantes e profundas causaram feridas emocionais nos jovens pais, mamãe relata que depois de se debulhar em lágrimas escondeu a mala onde guardava o enxoval do bebê já tão amado e esperado, e um belo nome já possuía, Maria. Não demorou muito e o casal concebera outro filho, dessa vez nasce um lindo menino, que recebeu o nome de Antônio Dumont, eles estavam muito felizes, mas infelizmente essa alegria durou apenas dois meses, o bebê adoeceu repentinamente e em poucas horas falecera. Mais uma vez papai e mamãe vivenciavam a dor da perda, era difícil entender, porém não havia outra alternativa, era preciso aceitar a tristeza e seguir em frente sem perder a esperança de florescer o lar.

Tendo em vista que as mulheres tinham filhos praticamente todos os anos, com mamãe não foi diferente, três anos de casada iniciou uma nova gestação. A alegria renova-se na vida do casal, nasceu Francisco Xavier um menino, grande, gordinho e sabido, assim narra mamãe. Tudo parecia caminhar bem, com a chegada daquele ser que brotou alegria e esperança no coração do casal.

Certo dia, mamãe saiu de casa para lavar roupa, deixando o bebê saudável e ao retornar encontrou o seu filhinho muito doente, vindo a perder a vida em vinte e quatro horas, sem muita explicação, não se sabe o que ocasionou a morte repentina de Francisco Xavier. Sem acesso a médico e a informação não se sabe até hoje o que de fato ocasionou uma perda repentina e dolorosa. Pela terceira vez uma nuvem de sofrimento assola a vida do casal que lutava insistentemente para germinar os seus frutos, apesar da dor e da tristeza eles regavam o coração com amor, na esperança de fazer florescer um belo jardim.

2.2 Enfrentamentos de uma jovem na quarta gestação: os cuidados do outro, os cuidados de mim

O ano de 1968 narrado nos livros é contado através da memória do povo e, nos mostra que não só o Brasil mais o mundo todo viveu um período conturbado na economia, na política, na religião e na ciência. No Brasil, foi o período da Ditadura Militar, tempos difíceis que deixaram sequelas na vida de um povo que vivenciou essa experiência dolorosa.

Na casa simples de tijolo batido, também foi um ano marcante para o casal Manoel e Irene. No lugarejo onde moravam, num pé de serra onde só existiam duas moradias, pouco

conhecimento chegava da realidade mundial. A preocupação do povo era com a agricultura, com os caprinos, o cuidado com a vacaria e com o cultivo da terra.

Uma linda casa de fazenda construída no meio do tempo enchia os olhos de quem por necessidade e compromisso chegasse naquele lugar. No período chuvoso a casa branca rodeada de alpendres com um lindo açude do lado, se destacava no meio do verde das matas. No período chuvoso aquela paisagem acinzentada e seca, característica tão marcante do sertão, transformava-se numa linda paisagem verde.

Foto 2 - Fazenda José de Queiroz, Município de Potiretama/CE



Fonte: Arquivo Pessoal (2003).

Contudo, no meio do caminho tinha uma casa de tijolos, sem piso, sem reboco, cheia de cobras, meu Deus que horror! (Não gosto nem de lembrar). Quase todos os dias meus pais matavam uma cobra naquela casa, talvez por estar localizada, literalmente, no pé de uma Serra. Na frente da casa uma cobertura conhecida pelo sertanejo da época como latada, coberta de palha de carnaúba era o cenário que formava a paisagem de uma casa simples que contrastava com a bonita casa branca, rodeada de alpendre, da Fazenda José de Queiroz, município de Potiretama, Ceará.

Dentro desta casa morava um casal que estava no seu quarto ano de casamento e que insistentemente lutavam para criar um filho. Aquele casal já havia perdido três frutos do seu casamento, era muito triste não ter o gosto de ver germinar aquelas sementinhas. Era um período muito chuvoso, meu pai passava o dia trabalhando na agricultura e minha mãe às vezes ia ajudar a governanta na casa da fazenda, cozinhando para os trabalhadores rurais. Além de ajudar a fazer queijo, manteiga da terra, bolos e doce de leite. Era um lugar de muita fartura.

De repente, mamãe engravida novamente, ela diz que desejava tanto criar uma criança, por isso não desistiu e continuou insistindo e clamando a Deus por um milagre. Mamãe narra que a cada gravidez o seu coração enchia-se de alegria e felicidade. Ela foi perseverante, continuou regando as sementes, teve fé que Deus lhe prepararia outra oportunidade de plantar e colher.

Bráulio Bessa (2018, p. 81), poeta cearense diz:

A força de um coração que bate só para amar
 Que pode nos acalmar
 Num simples toque de mão.
 A força da proteção
 Daquele abraço bem quente
 Que planta e rega a semente
 De um amor puro e profundo.
 A maior força do mundo
 É o amor que uma mãe sente.

Nessa poesia intitulada *A força de uma mãe*, o autor declama os mais belos sentimentos que alguém pode expressar por uma mãe. Sentimentos esses que mamãe pôde vivenciar como: amar, acalmar, proteger, sorrir, chorar, repartir, passar fome para dar de comer aos filhos. Tudo que uma Mulher é capaz de experiências em prol da sua prole eu observei na minha figura materna.

No enfrentamento da quarta gestação dois acontecimentos marcaram a experiência da minha mãe, a patroa dela Dona Neci Queiroz, uma mulher admirável e bondosa, ambas desenvolveram uma forte amizade. Mais tarde dona Neci tornou-se minha madrinha de batismo, pessoa que eu amei e tive muita admiração. Ela foi uma mulher extremamente sábia, cuidadosa e humana. Conhecedora do histórico de perdas constantes da minha mãe, observou a necessidade de um tratamento, levando-a para um farmacêutico na cidade de Iracema/CE que prescreveu uma vitamina, chamada “Damater”, ela nunca havia tomado nenhuma medicação nas outras gestações e nunca havia consultado um médico.

Mamãe guarda nos registros da memória outra vivência que marcou a quarta gestação. Ela conta que certa vez uma senhora de aproximadamente oitenta anos chamada de Dona Ana, que sabia de toda sua história com as gestações anteriores, orientou-a a fazer uma promessa, crença muito comum entre os adeptos do catolicismo, onde se faz votos a Deus ou a algum santo de sua devoção em prol de uma graça que queira alcançar. Dona Ana então, chegou para ela e disse: “faça uma promessa com São Luiz Gonzaga, se a criança que você está esperando for homem, se chamará Luiz Gonzaga e se for uma menina, batize com o

nome de Luiza Maria”, e assim minha mãe fez. No dia quatorze de dezembro, no meio da madrugada, pelas mãos da parteira chamada Dona Toinha, eu nasci.

Foto 3 - A casa que eu nasci, com a arquitetura atualizada, rebocada e pintada.
Fazenda José de Queiroz



Fonte: Arquivo Pessoal (1999).

Mamãe narra que ela e papai ficaram muito felizes, que temiam a minha morte, assim como aconteceu com meus irmãozinhos, mas o tempo foi passando, fui crescendo e aos doze meses e quatro dias minha mãe me presenteou com uma irmãzinha, era uma linda menina de olhos verdes, um ano após esse presente, ganhou outro, dessa vez um menino. E assim meus pais cultivaram as sementes que foram nascendo, crescendo. Após a sétima gestação, ela sofreu um aborto espontâneo, o que não impediu de continuar a procriação, no total somos onze irmãos. Hoje meus pais colhem as flores e os frutos que eles cultivaram a vida toda, mamãe ama receber os filhos e os netos em casa, adora a casa cheia, fica florida como um jardim, ela diz “minha casa está cheia de rosas”.

Discorrendo sobre meus pais e seus percursos ao longo do caminho, ainda não os apresentei. Meu pai, que se chama Manoel Batista de Holanda, mas todos o conhecem por Manezim, sempre viveu da agricultura. Saía ao amanhecer e só retornava no início da noite, sempre foi um homem muito trabalhador e ainda hoje, aos oitenta e dois anos de idade, corta de machado, desobedecendo ordens médicas e familiares.

Eram tempos difíceis de muita necessidade alimentar, vestimenta, de educação e de tudo que o ser humano necessita para viver com o mínimo de dignidade. O meu paizinho trabalhava para latifundiários de terra, um homem extremamente honesto, viveu quase toda sua vida morando e trabalhando na propriedade desses senhores citados acima.

Papai a vida toda foi agricultor, quando acabava o período chuvoso, da colheita do feijão ele empreitava com os proprietários de terra a construção de cercas de lenha. Mamãe conta que ele fazia cerca como ninguém, até cerca de pedra meu pai já fez. Exercia o que podia para trazer o sustento para dentro de casa, mas o pouco que ganhava não era suficiente para suprir as necessidades daquela família que crescia quase anualmente. O agricultor só tem fartura em casa quando tem chuva abundante no sertão, porém no Nordeste do Brasil a seca é uma característica marcante, infelizmente.

A vida do homem agricultor é muito difícil, é um trabalho braçal que maltrata, que deixa marcas causadas pelo sol, pelo esforço físico e pela desigualdade social. Essa realidade foi vivenciada durante toda a minha existência, todas as vezes que olho para o meu pai vejo essas marcas, são visíveis no seu rosto ou nas mãos grossas cheias de calos, que mesmo não trabalhando na agricultura como antes, as mãos continuam calejadas.

Era realmente um tempo muito sofrido, mesmo criança eu já entendia que o caminho do saber e do conhecimento poderiam proporcionar uma vida mais digna para mim. Minha mãe não incentivava o estudo, por exemplo, “você tem que estudar para ser alguém na vida”, não tínhamos essa cobrança. Frequentávamos a escola regularmente, como qualquer criança, mas se um desistisse dos estudos ela aceitava, não tinha exigência quanto a isso. Quando não tínhamos condições de ter cadernos para levar para a escola minha mãe costurava folhas de papel de embrulho na máquina e fazia nossos cadernos. Mas, eu dizia sempre para minha mãe que eu queria estudar. Interessante o quanto lembro dessas memórias.

A memória guardará o que vale a pena. A memória sabe de mim mais que eu; e ela não perde o que merece ser salvo. Febre de meus adentro: as cidades e as gentes, soltas da memória, navegam para mim: terra onde nasci, filhos que fiz, homens e mulheres que me aumentaram a alma (GALEANO *apud* LIMA, 2012).

Minha mãe é Maria Irene de Holanda, uma grande mulher, dona de casa, criou e educou onze filhos com muita determinação, orientação, cuidado e zelo, sem ela nós não seríamos o que somos hoje. Mamãe é uma mulher enérgica, alegre, gosta de dançar e cantar, é muito preocupada com tudo e com todos, trabalhou muito para ajudar meu pai a criar os filhos, nas casas dos proprietários das terras que eles moravam, quando a demanda de

trabalhadores estava muito grande chamavam mamãe para ajudar a fazer a comida, ela também fazia vassoura de palha para vender na feira da cidade e foi professora em uma creche do sítio Baixinha no município de Potiretama/CE onde ela mora. Mamãe é uma mulher admirável!

Minha mãe carregou a grande missão que foi educar, disciplinar e orientar onze filhos. Papai realizava o trabalho braçal. Dessa forma nos proporcionou alimento para sobrevivência. Minha mãe é a cabeça do lar, os direcionamentos importantes na nossa educação eram ditos primeiramente por ela, dependendo da situação pedia opinião a papai. Não tenho dúvida de que foi um desafio e uma grande luta para mamãe amar, cuidar, disciplinar, punir e orientar seus filhos.

O sertanejo na esperança de uma terra fértil que produza alimento para sua família muda de cidade e até de estado, e assim foi com meus pais, foram muitas buscas e tentativas do meu pai por terras que produzissem grãos para alimentar suas crianças e sempre com o apoio e a companhia da minha mãe eles lutavam por uma vida mais digna.

O ano de 1978 foi marcante para nós, aqui eu tive que recorrer a minha memória auxiliar, minha mamãe. Quanto a isso Borges (1992, p. 220) diz que “[...] as pessoas necessitam da memória dos outros para confirmar suas próprias memórias, para legitimá-las”. Como eu era muito pequena, não lembrava o ano dessa mudança em minha vida - eles saíram das terras cearenses e foram à procura de uma sobrevivência, menos dolorosa para os sete filhos pequenos, em terras potiguares. Encheram-se de esperança e foram em busca de novas oportunidades. Ledo engano, foram aproximadamente seis anos de muito desengano, a seca e a estiagem maltratavam aquele agricultor carregado de filhos e aquela mulher que educava e partia o pouco que tinha com aquelas crianças tão inocentes e necessitadas. Como diz a música Cidadão de Zé Ramalho: Foi um tempo de aflição. Mas, o cuidado e o amor que meus pais tinham pelos filhos nos fortaleceu e nos fez homens e mulheres responsáveis, vivendo hoje com dignidade e compromisso os ensinamentos recebidos por papai e mamãe.

Uma das grandes alegrias da minha vida é ouvir minha mãe contar as histórias da vida dela e de papai construídas ao longo de cinquenta e cinco anos de casados. Normalmente, quando estamos nos almoços em família, que Deus tem nos oportunizado realizar algumas vezes ao ano, eu gosto de abordar o passado, de pedir que mamãe narre as memórias dela.

Ao longo da vida mamãe tem vivido muitas experiências, de fé, de superação, de medo, de conquistas e muitas alegrias. Sem mamãe para contar as histórias da nossa família, praticamente nós não teríamos história. Sem essa memória emprestada eu não conseguiria

(re)construir a minha própria narrativa. Halbwachs (1990, p. 54) assim se expressa: “Carrego comigo uma bagagem de lembranças históricas, que posso ampliar pela conversação ou pela leitura. Mas é uma memória emprestada e que não é minha”.

Ao evocar as memórias dos meus pais, elas me dão sustentação e veracidade dos acontecimentos que antecederam o meu nascimento. Papai, é um homem de pouquíssimas palavras, mas me enche de prazer poder escutá-lo, o pouco que ele fala é permeado de simplicidade, de paciência, de alegria e de verdade. Hoje, tenho a alegria de dizer que embora meus pais tenham enfrentado muitas adversidades para criar, educar e manter a sua família, eles tiveram sabedoria e paciência para regar e cultivar todas as sementes que foram lançadas neste caminho chamado vida. Além das onze sementes que são os filhos, eles plantaram a semente do amor, da união, do respeito, da responsabilidade, da liberdade e da educação. Construindo o que constitui um cidadão/cidadã honrado para viver em sociedade.

Desses (11) onze filhos/as, seis chegaram à universidade e isso é muito gratificante. São duas (02) filhas formadas em Pedagogia, (01) uma filha graduada em Letras (01) um filho padre e um casal de filhos acadêmicos de Enfermagem. Os que não percorreram o caminho dos estudos construíram suas vidas trabalhando com dignidade e honestidade, conquistando seus objetivos e sua sobrevivência. Isso é muito gratificante para um pai e uma mãe com cinquenta e cinco anos de casados.

Foto 4 - Celebração das Bodas de Ouro (50 anos de casados) dos meus pais



Fonte: Arquivo Pessoal (2015).

Celebrar as Bodas de Ouro de papai e mamãe foi um dos grandes momentos de alegria da nossa família. Filhos(as), netos(as), genros e noras participaram dessa comemoração especial, apenas uma das irmãs não pôde comparecer, ela mora no Rio Grande do Sul. Outro motivo de muito contentamento para meus pais, além da alegria em ter a família reunida, foi a Celebração Eucarística ter sido presidida pelo filho caçula, para meu irmão foi a realização de um grande desejo, presidir a Celebração das Bodas de Ouro dos nossos pais.

Fazendo um recorte temporal dos últimos (14) quatorze anos minha família tem vivenciado momentos de muitas graças, alegrias, conquistas e vitórias. Posso elencar o meu (re)nascimento após o câncer gástrico, duas irmãs minhas também foram diagnosticadas com câncer na tireoide e foram curadas, meus pais conquistaram a casa própria, e a Ordenação Presbiteral do meu irmão, que foi um acontecimento marcante e emocionante para a história da minha família.

Outras conquistas foram festejadas nesse marco temporal, o jardim da nossa família foi ficando mais florido, mais sementinhas chegaram, meus pais ganharam duas netas, três netos, uma bisneta e um bisneto. Três netos graduados e três no percurso, Ciências Contábeis, Fisioterapia e Pedagogia, inclusive há dois anos um se formou em Medicina, depois da festa da Ordenação Presbiteral do meu irmão, essa foi a festa mais linda que minha família vivenciou, na oportunidade meus pais tiveram o prazer de conhecer a capital do Rio Grande do Norte, todos os meus irmãos e irmãs, sobrinhos e sobrinhas reuniram-se com muita alegria, foi uma festa completa. Nesta imagem da Celebração Eucarística tem uma parte da família, os demais só participaram do baile de formatura.

Foto 5 - Catedral Metropolitana de Natal/RN



Fonte: Arquivo pessoal (2011).

Foi uma experiência emocionante, parece um conto de fadas, filho de agricultor e de professora, nascido no sertão do Ceará, passando necessidade, recebendo ajuda dos tios/as para sobreviver, saiu de casa aos treze anos de idade para estudar e se tornou médico aos vinte e quatro anos de idade. Um jovem responsável e admirável, desbravou caminhos inimagináveis e venceu. Está seguindo seu caminho ajudando a salvar vidas, colocando a própria vida em risco diante do contexto de Pandemia do Covid-19¹ que vive o mundo no período de 2020/2021. Embora estejamos vivendo um contexto difícil no mundo inteiro, em função da Pandemia do Covid 19, não posso deixar de mencionar a conquista mais emocionante deste ano difícil, meu sobrinho irmão do que é médico, graduado em Engenharia Elétrica, desistiu da carreira e passou a estudar para concurso de Banco, no dia das Mães deste ano ele nos presenteou com a convocação para o Banco de Brasília. Só tenho uma palavra para expressar os acontecimentos que minha família tem vivido até este momento, Gratidão.

Mas o que é gratidão? Após rápida busca sobre o significado desta palavra encontrei um autor que diz:

A palavra gratidão deriva do latim gratia, que significa «favor», e gratus, que significa «agradar»” Todas as derivações da palavra estão relacionadas com a bondade, a beleza de dar e receber, de partilhar, de ser gentil, generoso, de retribuir. A gratidão tem sido descrita de diversos modos, quer como emoção, estado de espírito, virtude moral, traço de personalidade, hábito ou, simplesmente, como modo de estar na vida (EMMONS, 2009, p. 35).

Na busca por um significado para este sentimento que considero tão nobre, que Santa Madre Tereza de Calcutá chama de “memória do coração”. O que me chamou atenção na citação do autor foram as derivações da palavra gratidão, principalmente no tocante a expressão de dar e receber. Assim eu vejo a vida, acredito que é necessário oferecer coisas boas e ser gentil, como já dizia José Datrinom (1971-1996)² mais popularmente conhecido como o profeta gentileza: “gentileza gera gentileza”, e assim a vida fica mais linda, mais aromatizada. A gratidão torna o espírito mais leve.

¹A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 04 set. 2021.

²Passou a ser conhecido como profeta a partir de 1961, quando começou a pregar no Rio de Janeiro sua mensagem anti-capitalista, ecológica, social e religiosa, cujo ponto de partida é a máxima “Gentileza gera gentileza” (REVISTA PROSA VERSO E ARTE, 2011)

2.3 Na voz de criança o destemor, um desejo, um caminho a esperar

Dando continuidade à narrativa da minha existência, o que há para dizer do caminho em busca de mim? Penso que posso denominar essa abordagem da minha história de vida como um autorretrato. Para Josso (2010, p. 85) “[...] por meio desse autorretrato mais ou menos explícito, evidenciar as posições existenciais adotadas ao longo da vida permite ao autor da narrativa tomar consciência da sua postura de sujeito e das ideias que, conscientemente ou não, estruturam essa postura”. Para compor esse projeto de conhecimento de si, trago uma imagem do momento mais significativo da minha infância. É a partir daqui que começo a elaborar o caminho da minha existência, passado, presente e futuro vão sendo relacionados e evocados nessa construção que se chama vida.

Foto 6 - Minha Primeira Eucaristia (11 anos)



Fonte: Arquivo Pessoal (1980).

Meus onze anos de idade, do tempo de infância, esse foi o mais marcante. Desde muito criança eu precisei realizar escolhas em minha vida, sou a primogênita de uma família de onze irmãos, nascida em um contexto familiar que vivencia de forma muito imbricada um modelo de educação severa, autoritária, disciplinadora e que tinha por obrigação enquanto mulher ajudar a mãe nas tarefas domésticas como lavar, engomar, cozinhar e cuidar dos irmãos mais novos. Assim fui me constituindo como pessoa e como adulta precocemente. Portanto, desde muito pequenina já comecei a assumir as responsabilidades para ajudar a minha mãe nos cuidados em específico com os meus irmãos mais novos.

Era janeiro de 1980, uma senhora chamada Amália, casada com um tio do meu pai, sr. Laurindo, morava em Fortaleza e foi passear onde nós estávamos morando, Santo Antônio,

município de Severiano Melo, interior do Rio Grande do Norte. Ao visitar meus pais, minha tia Amália perguntou se eu gostaria de ir morar na casa dela, estudar na capital alencariana³, imediatamente perguntei a mamãe se ela deixava eu ir, ela respondeu que sim. Não sei como mamãe permitiu, nem muito menos como eu tive coragem de ir com aquelas pessoas que eu nunca tinha visto na vida, mas fui. Mesmo fazendo uma visita ao mais profundo recôndito da memória, não consigo lembrar como foi aquele momento. Lembro-me apenas de ter passado todo o ano de 1980 em Fortaleza, na época fui matriculada no Colégio Piamarta onde cursei a 3ª série primária, como chamávamos na época. A casa dos meus tios era cheia de jovens e eu uma menina de apenas onze anos.

Por que considero o ano mais marcante da minha vida? Porque foi aos onze anos que aprendi muito, fui feliz com aquelas pessoas que me possibilitaram a oportunidade de conhecer a música popular brasileira recheada de grandes artistas como, Maria Bethânia, Roberto Carlos, Sandra de Sá, Fagner, Simone, Luiz Gonzaga e Fábio Júnior, o meu grande ídolo da adolescência. Outras músicas que marcaram minha trajetória foram as de Padre Zezinho, suas canções e composições incentivam à reflexão, fortalece e inspira a vivência da fé e da religião. Uma dessas canções tornou-se o hino da minha família, desde a celebração das Bodas de Diamante dos meus avós maternos, seu título é Utopia, essa música retrata o modelo da família desprovida das necessidades básicas para viver, porém a vivência e a experiência do amor, o sorriso e olhar eram o alimento que fortalecia o lar. Em todas as grandes celebrações familiares ela é cantada e é motivo de muita emoção para minha mãe, minhas tias e nós os filhos/as.

Das muitas coisas do meu tempo de criança, guardo vivo na lembrança o aconchego do meu lar. No fim da tarde quando tudo se ajeitava, a família se juntava lá no alpendre a conversar. Meus pais não tinham nem escola e nem dinheiro, todo dia o ano inteiro, trabalhavam sem parar, faltava tudo, mas a gente nem ligava o importante, não faltava seu sorriso e seu olhar.
[...] Correu o tempo hoje eu vejo a maravilha de ser ter uma família quando tantos não há tem, agora falam do desquite ou do divórcio o amor virou consórcio compromisso de ninguém, há tantos filhos que bem mais do que um palácio gostariam de um abraço e do carinho entre seus pais, se os pais amassem o divórcio não viria, chamam isso de utopia eu a isso chamo paz. (PADRE ZEZINHO, 1975, Documento não paginado).

Esta narrativa que o compositor faz a respeito do modelo ideal de família, está aquém da realidade contemporânea, por isso o título Utopia, parece que o amor está fora de moda. Os costumes e aprendizados que conquistei na convivência com a família de tio Laurindo e tia

³Tudo que se refere a obra de José de Alencar, assim como todas as pessoas naturais da cidade de Fortaleza devido a ser a terra natal do mesmo.

Amália agregaram muitos conhecimentos e experiências que só me fizeram bem. Despertaram em mim o gosto e o amor pelo catolicismo, me apaixonando pelos seus dogmas e espiritualidade. Não que minha família não fosse católica, mas tia Amália era muito praticante do catolicismo e levava-me às celebrações que ela participava, essas experiências e vivências não se apagaram da minha memória. A cidade grande nos oportuniza um viver com mais experiências e isso tem seus encantos. Na Zona Rural quase não existia celebrações religiosas, a missa acontecia uma vez por mês e nem sempre a gente podia participar.

Outro marco significativo nos meus onze anos foi a minha Primeira Eucaristia na igreja Nossa Senhora de Nazaré, minha tia Amália me matriculou na catequese, no mesmo colégio onde eu estudava, e aos domingos eu ia para a catequese. Na casa da minha tia eu era a única criança, bastante cuidada, o que não era premissa para deixar de ajudar nas tarefas domésticas diariamente. Sentia-me bem no meio daqueles/as jovens, tinha inclusive uma prima que me orientava, conversava comigo todas as noites quando chegava do trabalho e quando necessário também reclamava. Tudo que ela ia fazer me colocava ao lado dela. Diferente da minha casa, onde eu tinha responsabilidades de adulto, cuidando dos meus irmãos e ajudando a minha mãe, na casa dos meus tios sentia-me criança e talvez esse fosse um dos motivos que me fazia tão feliz vivendo com aquelas pessoas.

Durante esse tempo tive a oportunidade de sonhar com o que eu queria ser na vida. Na época, comecei a sonhar com a profissão de jornalista, eu me imaginava apresentando jornal, até hoje admiro essa área. Quando eu assistia aos telejornais, me imaginava fazendo aquilo no futuro. Eu visito esse meu passado e só vem a minha memória lembranças muito boas de um ano marcante, bate no peito uma saudade, uma vontade de rever as pessoas que tanto bem me fizeram.

Foto 7 - Meus doze anos



Fonte: Arquivo Pessoal (1981)

Chegando ao final do ano de 1981, Dezembro mês do meu aniversário, completei (12) doze anos, passei por média e fui passar as férias na casa dos meus pais. Tudo certo para eu continuar estudando em Fortaleza. No ano seguinte eu cursaria a quarta série, estava muito feliz por poder estudar num colégio grande, na capital, uma realidade totalmente diferente da qual eu vivia na casa dos meus pais.

Refazendo o percurso vivido na infância, tenho convicção do quanto eu não gostava daquela vida, não gostava de plantar, de trabalhar no sol, carregar lata d'água na cabeça, lavar roupas no açude. A gente saía de casa ao amanhecer com uma trouxa de roupas na cabeça e retornava às treze horas, às vezes era na companhia de mamãe, outras vezes era com minha irmã e um irmão que ia com um balde, para carregar água do açude para encher a bacia e ao chegar à casa estendia a roupa na cerca, isso tudo debaixo de um sol escaldante, no final da tarde colhia a roupa, dobrava e separava a de engomar no ferro a brasa.

Iniciou o mês de fevereiro e eu aguardava ansiosamente pelo dia do meu retorno à Fortaleza, um dos meus primos viria me buscar, mas um desvio no percurso da vida, mudou toda a minha história. No dia que meu primo Paulinho veio me buscar, um grave acidente aconteceu na minha casa com uma das minhas irmãs e minha mãe que na época estava grávida de sete meses, do nono filho, temia pela vida da minha irmã. Eu, como irmã mais velha, teria que ficar para ajudar a minha mãe, cuidar da minha irmã e do bebê que estava perto de nascer.

Tantos anos se passaram e hoje ao abrir a gaveta com esta parte da minha história de vida, ainda me emociono e até consigo ver a imagem da minha mãe dizendo para meu primo que eu não podia ir com ele, “pois eu era os pés e as mãos dela, que eu precisava ajudá-la a cuidar da minha irmã machucada”. Lembro-me bem que eu estava com a mala arrumada há dias e que aquela decisão da minha mãe causou muita tristeza regada de lágrimas. Mas o que fazer? Só me restava voltar a estudar naquele município e continuar vivendo conforme as necessidades e o desejo da minha mãe.

O ano transcorreu sem nenhum registro significativo na minha memória, cursei a quarta série do primário, ajudava a minha mãe nas atividades domésticas e a papai na agricultura sempre na companhia da minha irmã Irineide. Temos um ano de diferença de idade e durante o tempo que morei em casa éramos a companhia uma da outra, realizávamos todas as atividades sempre juntas, como levar o almoço do meu pai no trabalho e até apanhar castanha nas terras dos sítios de cajueiros.

Foto 8 – Embaixo do pé de cajueiro



Fonte: Arquivo Pessoal (1992).

Os sujeitos que compõem o cenário desta fotografia são meus familiares, da esquerda para a direita temos meu irmão, meu pai, meu esposo segurando nosso filho, e as outras crianças são meus sobrinhos. O objetivo é mostrar como as famílias vivenciam a separação do caju e da castanha.

Essa realidade é diferente do que vivi na infância, na qual os senhores proprietários de terras, levavam várias crianças na carroceria de um trator e passavam a semana longe de casa no cajueiral, tirando a castanha do caju. Lembro que voltávamos tão felizes com aqueles trocadinhos (dinheiro) que conseguíamos arrecadar com a cata daquelas castanhas. Com o dinheiro para comprar o nosso material escolar, dava também para comprar um pacote de bolacha para mamãe dividir entre os irmãos. Ao mexer nessa “gaveta”, bate forte a emoção. Buscando o maior esclarecimento do (re)encontro das minhas memórias camponesas, reflito com o sociólogo Martins, (2008, p. 121) que informa:

A memória nos fala justamente de relações e concepções sociais antigas, que perduram no tempo de hoje. A cultura não desaparece facilmente, sobretudo quando é orgânica numa determinada realidade. A memória das experiências passadas e dos antepassados se inscreve nos gestos, nos ritos, nos gostos, nos ritmos, no espiritual. E isso nem sempre é registrado na documentação escrita. Sobretudo quando a população é considerada marginal ao sistema, o que ocorre com os pobres e oprimidos históricos. E ele continua, todavia, trabalhar a memória como documento implica repensar o que é História: “Para eles, o sujeito da História não era o indivíduo do contrato social. Mas, o sujeito imortal que perdura ao longo das gerações no trabalho e na consciência de filhos e netos” (MARTINS, 2008, p. 121).

Concordo com o autor, principalmente quando afirma que a memória das experiências passadas repete-se nos gestos. A foto (8) oito retrata bem esse tempo, as crianças seguindo os gestos do pai, nas vivências do campo. Essa foto foi tirada no quintal da casa onde meus pais moraram, por muitos anos. Até o ano de 2003, meu pai apanhava castanha de meia, um saco para ele e outro para o patrão, na época da colheita todos os filhos ajudavam ao meu pai, só parávamos na hora de ir para à escola.

O momento das refeições na minha casa no tempo da minha infância, também ficaram em mim como um momento marcante, mamãe colocava uma espécie de toalha de plástico ou de tecido no chão e nos sentávamos em círculo, aquelas criancinhas sentadas no chão da cozinha com aquele prato de comida era muito bonito. Se alguém mexesse com o prato do outro e tivesse briga, mamãe obrigava-nos a dividir o mesmo prato, não tinha essa história de ficar com raiva, desunião entre os irmãos mamãe não permitia.

Normalmente o cardápio pela manhã era café com bolacha seca, um pacote era dividido em partes iguais, mamãe é muito inteligente, usava uma matemática de proporção, e todos comíamos. Durante um tempo nós não tínhamos nem bolacha, era café com farinha e açúcar, e a tarde era açúcar com farinha. O almoço normalmente era feijão, com óleo, arroz e farinha, somente isso. Carne só aos domingos e se tivesse num tempo bom, caso contrário só comíamos isso mesmo. A janta era uma sopa com os seguintes ingredientes: água, tempero knnor, colorau e macarrão, tomávamos sem reclamar, todos contentes e satisfeitos. Sobre a descrição desse cenário de pobreza extrema, Martins (2008), aponta:

A história, isto é, a criação social, se cumpre na práxis que emancipa o homem dessas limitações e dessa pobreza [...] O homem se produz na História, produzindo sua sociedade, suas relações sociais, insurgindo-se contra os poderes que o subjugam: a dominação e os cerceamentos políticos, a pobreza, os bloqueios nos acessos às grandes inovações culturais referidas à universalidade do gênero humano. (MARTINS, 2008, p. 147-148).

Seguidamente a ideia de desenvolvimento é reduzida à de modernização e, em consequência disso, os países do terceiro mundo são julgados à luz dos padrões dos países desenvolvidos, todos de modernização precoce. Este etnocentrismo conduziu à aplicação no mundo inteiro de um modelo único de modernização e, portanto, a ver “em atraso” os países “subdesenvolvidos”⁴.

⁴Hoje vendo através dos telejornais, mídias, entre outros meios de comunicação, penso que embora tenhamos tido algumas conquistas nos últimos vinte anos, no que tange ao setor social, percebemos que em 2021 estamos vendo de forma muito dolorosa as condições de fome e miséria que vivem mergulhados 52 milhões de pessoas. Essa é uma situação que me parece ter enraizado de forma tão profunda nesses pais, que o passado e o futuro estão sempre juntos, parece que a sociedade se acostumou a ver essa triste realidade.

Segundo o IBGE, o Brasil tem mais de 13 milhões de pessoas na extrema pobreza, aquelas que, de acordo com o Banco Mundial, vivem com até R\$ 151,00 por mês. E quase 52 milhões na pobreza - com renda de até R\$ 436,00 por mês. A situação é mais crítica no Maranhão, que tem um a cada cinco moradores na indigência.⁵

Retomando a narrativa dos meus (12) doze anos, na vida escolar, o ano transcorreu sem nenhum significado, porém dentro de mim eu tinha a certeza que queria continuar os meus estudos e que aquele município era pequeno para mim, aquela vida, não era a que eu almejava, continuava a alimentar dentro de mim o sonho de estudar fora.

Certo dia chegou à casa dos meus pais um casal que morava em Mossoró, que trazia no colo duas crianças, uma de aproximadamente dois anos e outra de quatro meses de vida. O homem é primo do meu pai em terceiro grau, um casal bastante jovem, a mulher muito bonita, buscavam uma menina para ajudar a cuidar das crianças e da casa, em contrapartida, eles dariam os “estudos”. Disseram para minha mãe que tinham ouvido falar muito bem das filhas dela, que eu era uma menina trabalhadora e de confiança. Como eu tinha muita vontade de estudar na “cidade grande”, minha mãe perguntou se eu gostaria de ir, respondi que sim, arrumei a minha malinha e no dia marcado pelo casal eu estava pronta.

Era janeiro de 1982, entrei na boleia de um caminhão amarelo e com o coração bem apertado, deixei meu pai, minha mãe e meus (08) oito irmãos e segui viagem com pessoas que eu nunca tinha visto, para uma cidade que eu nem imaginava como seria e que vida eu viveria longe dos meus. Essa cidade chamada Mossoró-RN é a minha segunda pátria, hoje posso dizer que me tornei cidadã Mossoroense. Ao relembrar toda essa trajetória percorrida, emociono-me com alguns poucos detalhes que me vem à memória, pois o tempo encarregou-se de apagar muita coisa e muitas emoções. Jamais eu poderia imaginar que naquele dia eu estava cortando o cordão umbilical com aquilo que eu tinha de mais importante na vida, meus pais e meus irmãos.

⁵Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/11/12/ibge-brasil-tem-quase-52-milhoes-de-pessoas-na-pobreza-e-13-milhoes-na-extrema-pobreza.ghtml>. Acesso em:

Foto 9 - Família que me trouxe para Mossoró.



Fonte: Arquivo Pessoal (1984).

Aos treze anos de idade eu começava a escrever a história que mudaria minha vida para sempre. Ao refletir sobre essa memória, recorro a Bosi (1998) *apud* Santos *et al* (2013, p. 69) quando diz que:

Se alguém colhe um grande ramalhete de narrativas orais, tem pouca coisa nas mãos. Uma história de vida não é feita para ser arquivada numa gaveta, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu. A pedra de toque é a leitura crítica, a interpretação fiel, a busca do significado que transcende aquela biografia.

Trago esse trecho para ajudar-me a refletir sobre lembranças que estavam arquivadas há muito tempo. Trago pessoas, lugares e vivências de um tempo de experiências tecidas construídas e reconstruídas.

Discorrendo a respeito da minha chegada à Mossoró, apresento com muita alegria no coração a minha primeira instituição escolar. Escola Municipal Professor Manoel Assis. Aquela que foi muito significativa para mim, onde tive professores/as inesquecíveis e admiráveis que marcaram minha vida. Eles/elas não eram somente professores/as, além de ensinar, orientavam-me, preocupavam-se comigo, conheciam a minha história e eu sentia-me muito cuidada. Buhur (2010) *apud* Barreiro (2009) destaca a importância das escutas e narrativas de vida no repertório formativo, que também traz valorização ao relacionamento com o aluno, cria uma postura de escuta do outro e de si mesmo e, assim, ao analisar essas escutas, amplia o repertório formativo e institui humanização. Lamentavelmente nem sempre

o espaço da sala de aula é esse lugar de escuta, de empatia, de conhecimento da realidade de vida dos alunos.

Eu vivi essa experiência de humanização na escola, da direção à sala de aula, guardo bem vivo na memória esses momentos, um desses foi com a diretora da escola. Impossibilitada de chegar antes de tocar o sinal para entrada dos alunos, visto que eu só podia ir para a escola depois que minha “cuidadora” chegasse da Universidade, quando eu chegava o portão já estava fechado, era muito ruim chegar atrasada na sala de aula. Eu ficava triste com essa situação, até chorava, precisava encontrar uma solução. Um dia me revesti de coragem fui até a sala da diretora, Sra. Maria José Frota, e contei a minha situação (me emociono ao rememorar aquele dia), ela levantou-se da cadeira foi até o porteiro, o chamou e disse: “a partir de hoje a hora que essa menina chegar o senhor pode deixar ela entrar, ela não chega na hora porque não pode”, como eu fiquei feliz com aquela atitude da diretora.

Os meus professores/as preocupavam-se comigo, sabiam que eu vivia uma situação atípica para aquela idade, dois deles marcaram muito minha vida, o de História e o de Matemática, eles são inesquecíveis, ambos não fazem parte desse plano terrestre. Lembro-os com muito carinho e gratidão.

Penso que minha identidade como professora foi construída a partir dessa experiência vivida no período ginásial, hoje Ensino Fundamental, desde aquela época eu já demonstrava um gosto pela docência, percebo pela minha atuação enquanto aluna. Eu gosto de escola, da vivência, do barulho dos alunos, das discussões dos professores, para mim isso representa vida, tem aroma de gente, emana energia boa. Ao reviver aquele tempo através dos registros da memória, posso observar que o Ser e o Fazer daqueles/as professores/as marcaram a minha vida, ao ponto de contribuírem para que eu, ao me constituir como profissional na área da educação tivesse sensibilidade para as histórias de vida que cada aluno carrega consigo e que estão bem presentes na sala de aula. Assim fui construindo minha identidade profissional.

De acordo com Dubar (1997 p. 13), *apud* Pimenta e Lima (2011, p. 63):

[...] a identidade humana não é dada, de uma vez por todas, no ato do nascimento: constrói-se na infância e deve reconstruir-se ao longo da vida. O indivíduo nunca constrói [sua identidade] sozinho: depende tanto dos julgamentos dos outros, como das suas próprias orientações auto definições.

Desta forma dar-se-á a construção da identidade, que vai se constituindo através das experiências, da formação acadêmica, na história pessoal e na relação entre os sujeitos na sociedade ao longo da vida.

Tenho excelentes registros na memória daquela Escola Municipal Professor Manoel Assis, a mais próxima de onde eu morava, na qual cursei o ginásio no turno vespertino. Concomitantemente eu dividia meu tempo com as atividades domésticas. Já havia se passado seis meses desde o tempo que deixei o meu lar, na esperança de ter uma vida melhor daquela que eu vivia anteriormente junto aos meus familiares e mesmo cheia de saudades da minha família eu tinha que ser forte e continuar, chorava muito quando deitava na rede para dormir à noite, porque eu acreditava que somente estudando poderia ter um futuro diferente daquele vivido. E assim o tempo se encarregava de fortalecer-me.

Não demorou muito e a convivência com a “minha família cuidadora” começou a se desgastar, e conseqüentemente os problemas começaram a surgir. Ela era uma mulher muito exigente, tratava-me com autoritarismo e indiferença, explorava-me demais nos afazeres domésticos, eu arrumava a casa, lavava roupa, engomava e cuidava das crianças. Eu vivia uma situação com características de trabalho infantil doméstico. Vivi essa experiência adversa por quatro anos da minha vida, entre janeiro de 1982 a dezembro de 1986. Durante esse período da minha adolescência experimentei tempos bem difíceis de suportar, mas, venci e sobrevivi a tudo aquilo.

Mesmo sendo adolescente, eu era bastante atenta às situações ao meu redor e fui percebendo que tinha um rapaz que morava quase em frente a “minha casa” e que todos os dias passava olhando para mim, certa tarde ele aproximou e perguntou diretamente, quer namorar comigo? Eu tinha apenas treze anos, não queria namorar. Mesmo assim o rapaz não desistiu, passaram-se seis meses, próximo ao dia do meu aniversário quando completaria 14 anos, mais uma vez fui pedida em namoro e desta vez resolvi aceitar. A partir desse dia um novo capítulo da minha vida começava a ser escrito, não sei como viveria tudo aquilo, talvez ele fosse a pessoa que me ajudaria a suportar as tribulações que eu vivenciava. Aquele jovem tornou-se o meu namorado apaixonado, que cuidou, me protegeu e a partir daquele momento enfrentou comigo as adversidades inerentes à vida de uma menina pobre, que trabalhava nas casas para prover seu sustento e principalmente seus estudos.

Com o passar do tempo, a relação com a minha “família cuidadora” estava insuportável, eu sofria demais e resolvi mudar. Fiz algumas tentativas com outras famílias, mas acabava voltando, mesmo tendo uma convivência difícil com a mulher que me trouxe para Mossoró eu acabava esquecendo, havia me apegado bastante as crianças, então era difícil ficar longe delas. Para reviver essas memórias Paulo Freire e Shor ressaltam as dimensões afetivas, marcadas a partir de um contexto histórico, e destaca;

Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado da nossa história, da nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós, um gesto tímido, a mão que se apertou, o sorriso que se perdeu num tempo de incompreensões (FREIRE; SHOR, 1992, p. 33).

Com esse pensamento Freire e Shor sinalizam uma compreensão a respeito de que cada indivíduo carrega em si mesmo as impressões da sua própria história, são impressões pessoais; sociais, atuais, todas contidas na memória, experiências essas que em determinada circunstâncias da vida surgem de forma tão complexa que dificulta as relações pessoais e interpessoais.

Embora eu vivenciasse um contexto de relacionamento danoso com quem deveria cuidar de mim, como é o caso da família que me trouxe para Mossoró, concomitante a isso o meu namoro se fortalecia a cada dia. Assim, aos dezesseis anos fui pedida em casamento, ficamos noivos por um ano e casamos quando eu tinha apenas dezessete anos, e até hoje caminhamos juntos.

Foto 10 - Celebração do matrimônio na Igreja de Iracema/CE



Fonte: Arquivo Pessoal (1986).

O matrimônio e a esperança trilhando o mesmo caminho em direção a felicidade. Refletindo sobre o casamento, posso dizer que é o sonho de muitos jovens e na minha opinião ele não combina com a adolescência, pois essa é a fase das descobertas, do namoro, da brincadeira, de passear com as amigas, do fortalecimento ou não das amizades. E mesmo frente ao sonho do casamento, a maioria dos jovens consideram antes estudar, ter uma profissão, porém comigo foi tudo diferente, costumo dizer que eu nunca fui criança e nem adolescente, normalmente haviam outras escolhas a serem feitas.

Aos dezesseis anos eu estava me arrumando para casar, tive a ajuda da minha sogra, que sempre foi uma mãe para mim, confiou em mim e acolheu-me na casa dela no momento que eu não sabia mais o que fazer e nem tinha para onde ir. Foi ela quem arrumou todo o enxoval, pois a situação financeira dos meus pais era muito difícil e não podiam me ajudar em nada.

Os meus adoráveis professores, organizaram um chá de panela na escola para que fosse arrecadado alguns utensílios para a minha casa. O ferro de engomar, presente dos meus professores, uso até hoje, nunca foi substituído. Minha mãe e uma prima minha vieram prestigiar esse lindo momento proporcionado pelos meus inesquecíveis mestres. Revivendo essa passagem da minha vida, tenho certeza que Deus sempre cuidou de mim, talvez as pessoas sentissem compaixão, não sei, mas a verdade é que sempre alguém acolhia e me ajudava.

Revisitando essas memórias, consigo ver exemplo de amor e de humanidade por parte daqueles/as professores(as) que se preocuparam em ajudar aquela menina. Pacheco (2018, p. 115) diz [...] “o mundo está precisando de pessoas com humanidade, garra, coragem para mudar, respeito pelas diferenças, capacidade de acolhimento e poder de decisão. [...] O mundo precisa de amor”. Que belo exemplo de amor esses professores demonstraram em preocuparem-se comigo, eles conheciam toda a minha história de vida, eles eram minha família. Penso que para eles, embora eu tivesse dezessete anos, era preferível me ver casada, cuidando da minha casa, sendo cuidada pelo meu marido do que continuar vivendo naquele contexto. Não imaginava que abrir essa gaveta da minha história de vida pudesse trazer tantas memórias emocionantes, ao ponto de as lágrimas rolares no meu rosto. Narrar sobre nossas memórias nos leva a um encontro com um passado que muitas vezes estava esquecido, promovendo um encontro a florado comigo mesma.

Segundo Dominicé (2006, p. 356), [...] “é possível dizer que uma narrativa (auto) biográfica é, antes de tudo, a escrita de si que tem como código primeiro [...]” elucidar como nos tornamos, o que somos ou como aprendemos o que sabemos. Vejo nos estudos que permeiam as narrativas uma oportunidade de (re)ver, (re)fazer da vida através das memórias e da história que vamos tecendo ao longo da caminhada terrena.

A memória que narro neste parágrafo remete ao momento divisor de águas na minha história, o casamento. A celebração do matrimônio aconteceu no dia 04 de janeiro, no ano de 1986 na cidade de Iracema no estado do Ceará, às 10h distante, 30 km da casa dos meus pais,

no Sítio Cajueiro, município de Potiretama/CE. O meu marido se chama Marco Antônio Dantas de Oliveira, meu primeiro e único namorado.

Nosso casamento foi uma celebração simples e após o encerramento, voltamos para a casa dos meus pais no sítio. Lá tivemos um almoço para os familiares embaixo do lindo pé de cajarana, no quintal da casa dos meus pais, até o padre Leonardo nos prestigiou com a presença. Foi uma bonita festa no meio da simplicidade e da beleza que caracteriza o sertão.

Foto 11 – A casa que meus pais moraram de 1983 a 2004.



Fonte: Arquivo pessoal (2003).

Nessa casa meus pais moraram por vinte e seis anos, quando eles foram residir nela eu já estava morando em Mossoró e só ia lá a passeio. Ao lado da casa tinha um lindo pé de jatobá, infelizmente quando o progresso chegou e trouxe o asfalto, o arrancaram. E o quintal, além de ser cenário do meu casamento, também foi o cenário dos casamentos das minhas irmãs Irineide e Gardênia, todos à sombra do pé de cajarana. São muitas memórias e experiências vividas nesta casinha. Sobre o afeto a terra, Freire (2015, p. 45) apresenta semelhante posicionamento quando escreve:

A terra que a gente ama, de que a gente sente falta e a que se refere, tem sempre um quintal, uma rua, uma esquina, um cheiro de chão, um frio que corta, um calor que sufoca, um valor por que se luta, uma carência sentida, uma sobra que maltrata a carência, uma língua que se fala em diferentes entonações.

É realmente essa a sensação que tenho quando chego à minha terra, embora eu tenha saído de lá ainda na infância, minhas raízes estão lá. É muito bom sentir o aroma da nossa terra, da nossa gente. Hoje a casa dos meus pais é uma linda casa amarela, rodeada de alpendre, tem um lindo pé de cajueiro no quintal e, na lateral, quatro lindos pés de coqueiros que embelezam o lugar.

A maternidade se deu no ano de 1988, quase três anos após o matrimônio. Eu e meu marido ganhamos um lindo presente, o nascimento do nosso filho. Foi uma grande alegria em nossas vidas, apesar da gravidez não estar nos nossos planos naquele momento, mas como eu não tomava pílula, o bebê foi concebido. Quando me vi grávida fiquei apaixonada por tudo que estava relacionado ao meu bebê. Eu tinha dezenove anos quando gerei o melhor fruto da minha vida, ainda guardo na memória as emoções vividas pela confirmação da gravidez, depois a preparação para o enxoval, tudo muito simples, mas feito com muito carinho e amor. Lembro das camisas e dos cueiros bordados, passava horas e horas desenhando como eu queria o berço e a cômoda, era tudo branco e com coração, eu era muito feliz preparando a chegada daquele ser que eu carregava no meu ventre. Não quis saber o sexo, naquela época não se faziam tantos exames de ultrassom como nos dias atuais, o médico disse que não havia necessidade e ficava ao meu critério fazer ou não, então optei em não fazer.

Chegou o grande dia! Era oito de novembro e aquela sementinha dentro de mim, deu sinal de que queria fazer parte da minha vida para sempre, e a partir da sua chegada eu não seria nunca mais a mesma pessoa, o viver agora teria mais sentido, alguém no mundo necessita muito de mim, do meu amor e dos meus cuidados. Após quase 24 horas em trabalho de parto, às 14 horas e 45 minutos desse dia citado me tornei mãe de um menino lindo, bem branquinho que veio ao mundo de parto normal, cheio de luz e de saúde e que se chama Pedro Italo. Antes de ver o seu rostinho já chorei ao ouvir o seu primeiro chorinho, me emociono até hoje ao reviver as emoções daquele dia único na minha vida.

Foto 12 - Meu filho com dezesseis dias de nascida



Fonte: Arquivo pessoal (1988).

O nascimento do meu filho trouxe muita alegria para os meus familiares por ser o primeiro neto, e sobrinho. Meus pais e meus irmãos ficavam cheios de alegria quando eu ia passear na casa deles em Potiretama, todos queriam pegar, brincar e admirar aquele bebê. Um fato interessante é que ele e a minha irmã caçula tem a diferença de dois anos e quatro dias de idade, ela era uma menina linda, bem grande e de olhos verdes, os dois brincavam muito e eu adorava cuidar deles.

Foi com muito cuidado, dedicação e disciplina que criei meu filho. Fui uma mãe muito enérgica e muito exigente, talvez pelo modelo de educação que recebi da minha mãe e das influências que tive na vida. Hoje com a formação acadêmica, o amadurecimento e a reflexão que faço a respeito da vida, vejo as falhas que cometi na educação dele, mesmo errando bastante, consegui educá-lo para a vida, ele se tornou uma boa pessoa.

2.4 Retalhos da vida: do medo da morte a conquista profissional e acadêmica

Quando meu filho nasceu eu cursava o Magistério, o sonho de ser professora estava dentro de mim, porém, mais uma vez precisei fazer uma escolha e optei por cuidar do meu filho. Desisti de estudar, eu era muito protetora e não tinha com quem deixar a minha criança, não havia familiares que pudessem me ajudar naquele momento. Mais tarde, quando ele ingressou na escola, retomei os estudos e concluí o Ensino Médio. Assim que concluí o Ensino Médio, prestei vestibular para Ciências Biológicas, era o primeiro ano deste curso na UERN, mas não obtive êxito.

Nesse período, estávamos passando por uma situação financeira bem delicada, eu precisava trabalhar para ajudar nas despesas domésticas, foi quando um amigo ofereceu um emprego e eu aceitei. Meu filho já estava grandinho, minha irmã Gardênia morava comigo, no entanto, mais uma vez precisei fazer uma escolha, e tive que adiar o sonho da Universidade.

Por falar nos meus irmãos, abrirei um parêntese para mencionar uma das vivências marcantes nessa trajetória da minha vida. A minha casa deveria ser intitulada talvez de “*casa de passagem*”, foi isso que configurou minha casa na vida dos meus familiares desde o meu segundo ano de casamento. No ano de 1987 uma prima que mora em Limoeiro do Norte passou no vestibular para Serviço Social na UERN, e enquanto ela não conseguia um lugar para morar ficou conosco até conseguir uma vaga na Residência Universitária. Alguns anos depois veio minha irmã Gardênia, ela estudava, cuidava do meu filho e ainda fazia faxina numa casa para ganhar dinheiro. Morou anos comigo, até o dia do casamento.

Concomitante a isso, meu irmão Rogério que estava precisando de emprego, conseguiu um para costurar saco de sal. Durante o dia trabalhava e a noite se matriculou na escola Lions, que tinha turma de Educação de Jovens e Adultos - EJA, já estava com vinte anos e não sabia ler. Morou conosco um ano e três meses, ele é um homem admirável pela honestidade e o caráter. Quando voltou para casa disse para minha mãe: “mamãe, meus vinte e um anos de vida se resumem em um ano e três meses que eu morei em Mossoró, pois foi lá que eu aprendi a ler”. Essas palavras do meu irmão foram tocantes para mim, eu e mamãe nunca esquecemos desse relato dele, como ele se sentiu importante, a vida ganhou sentido e significado.

Em seguida veio outra irmã trabalhar na saúde como técnica de enfermagem, quando ela terminou o curso foi embora, meu marido e eu resolvemos trazer meu irmão Raimundinho, que possui deficiência auditiva, consequência da Rubéola que acometeu minha mãe no trigésimo mês de gestação. O nosso objetivo era trazer Raimundinho para estudar e assim fizemos, o matriculamos em uma escola onde ele pudesse ser alfabetizado e nos sábados à tarde ele ia para uma escola especial, para estudar a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Conseguimos com que ele aprendesse a escrever o nome completo, até então a identidade dele só tinha a digital, o que o tornava muito insatisfeito. Insistimos muito para que ele aprendesse LIBRAS, mas infelizmente ele não aceitou. Estudiosos dizem que o querer é um pré-requisito para o aprender, sem o desejo é quase impossível aprender qualquer conhecimento novo.

Continuando a experiência da “casa de passagem”, certa vez minha mãe me liga, dizendo que meu irmão caçula José Robério queria estudar para ser padre e ela não sabia o que fazer. Trouxe-o para a minha casa. Chegando ao Seminário Santa Terezinha, já havia acontecido o processo seletivo, contudo era importante que ele todos os sábados fosse para o Seminário, para que isso acontecesse precisaria morar em Mossoró, portanto morou um ano conosco e no ano seguinte ingressou no Seminário. Este foi um dos dias mais importantes da vida da minha família.

Foto 13 - Ordenação Presbiteral. José Robério de Holanda.
Cidade de Potiretama/CE



Fonte: Arquivo pessoal (2011).

Tudo caminhava bem, todos estavam em construção de vida quando o inesperado acontece, o casamento da minha irmã Maria, acabou. Ela com uma criança de sete anos e sem condições de ficar na casa dos meus pais, vieram morar conosco. Logo em seguida ela conseguiu um emprego e seguiu seu caminho, deixando a filha comigo por três anos, hoje estão morando juntas no Sul do País.

Por fim, para encerrar o episódio a “casa de passagem”, no ano de 2017 minha sobrinha Ana Luiza, com treze anos de idade, que morava no sítio Bom Futuro, em Potiretama/CE, desejosa por um estudo mais qualificado e de maiores possibilidades de futuro, pede para vir morar aqui para se preparar melhor para o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM.

Essas experiências me trouxeram algumas alegrias é fato, minha casa oportunizou aquelas pessoas que assim como eu almejam percorrer um caminho diferente daquele do sertão. Sou feliz por ter acolhido todos/as, porém não posso deixar de dizer que foi uma experiência difícil. Ocasionei decepção em alguns? Certamente. Da mesma forma que carrego cicatrizes que esse experimento de acolhida de “casa de passagem” me causou, tive que silenciar muitas dores, chorar no meu silêncio, às vezes me pego a pensar sobre essa experiência e me pergunto, como foi que eu consegui viver tudo isso? 09 (nove) pessoas moraram na minha casa, foram aproximadamente 17 (dezesete) anos convivendo com essa realidade.

É gratificante saber que mesmo diante das minhas limitações pude contribuir com a história de vida dos meus irmãos/as, oportunizando-os a conquistarem seus espaços. Afinal, foi com o objetivo de estudar e conquistar uma vida digna que eu saí de casa aos onze anos pela primeira vez e segui um caminho que me trouxe até este momento tão gratificante e especial que estou vivendo nesta construção dissertativa.

Minha primeira experiência profissional se deu no ano de 1994, quando trabalhei como auxiliar de escritório. Nesta função trabalhei em várias empresas no ramo do sal, granja, na empresa Randon e no Hospital Psiquiátrico São Camilo de Lélis, onde fui muito feliz. Apesar das várias experiências na área administrativa, não era aquilo que eu queria para minha vida, não era minha realização. Já havia tentado quatro vezes ingressar na Universidade, mediante os exames do vestibular, mas não obtinha sucesso. Buscando em Heidegger (1987) *apud* Bondía (2002, p. 25), um aporte teórico para exemplificar uma melhor definição de experiência, exposição, apresentada importa saber que:

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo.

As experiências vivenciadas pelos sujeitos em qualquer campo da vida, podem ser de dor, de alegria, de perdas, de conquistas, um sujeito que no percurso da caminhada muitas vezes cai, mas sabe (re)construir e (re)fazer o caminho, mesmo no meio dos desafios, consegue se empoderar, realizar seus sonhos e projetos. Eu sou essa pessoa! Trago Bráulio Bessa um poeta dos últimos tempos, meu conterrâneo para fortalecer o meu pensamento sobre a caminhada rumo às conquistas da vida, nesta reflexão:

Só eu sei cada passo por mim dado
nessa estrada esburacada que é a vida,
Passei coisas que até mesmo Deus duvida,
Fiquei triste, capiongo, aperreado,
Porém nunca me senti desmotivado,
Me agarrava sempre numa mão amiga,
E de forças minha alma era munida
pois do céu a voz de Deus dizia assim:
Suba o queixo, meta os pés, confie em mim,
Vá pra luta que eu cuido das feridas. (BESSA, 2017, p. 110).

Deixei o tempo passar e sem muita explicação, certo dia, ao sair do meu trabalho, resolvi me matricular num cursinho preparatório para o vestibular da UERN, cursei aproximadamente quatro meses, foquei com toda força e fé que eu tinha e para honra e glória Daquele que tudo pode, o Deus que eu creio, fui classificada para o vestibular de Pedagogia semestre 2002.2, noturno. Esse foi o segundo dia mais feliz da minha vida, ouvir o meu nome pelo rádio, foi uma emoção indescritível, lembro de cada detalhe daquele lindo final de tarde.

Gosto de deixar registrado no diário anual as minhas expectativas para o ano que inicia e alguns projetos que eu desejo realizar e registrar também um pouco sobre o medo do desconhecido, daquilo que está por vir no ano que se inicia. Esse é um costume que tenho desde a adolescência.

Eu sempre início o ano cheia de dúvidas, expectativas, afinal, ninguém sabe o que vem pela frente, mas confio em Deus que o ano de 2002 será cheio de realizações, de saúde e paz, o mais se Deus quiser conseguiremos. A primeira coisa que eu almejo é passar no vestibular da UERN. Se não passar vou traçar outras metas⁶.

Sempre ouvi as pessoas falarem da importância que tem o acreditar, o planejar e registrar os objetivos que você traçou para aquele ano que inicia, inclusive existem estudos que discutem isso e comigo tem funcionado muitas vezes, sejam as conquistas como também o medo do que possa surgir como doenças, morte, entre outras situações adversas. No ano de 2002 o meu objetivo traçado foi atingido e com grande alegria e expectativa eu aguardava ansiosamente pelo meu primeiro dia de aula na UERN. Continuando a busca no meu arquivo pessoal que são as minhas agendas, encontrei a seguinte prece.

Senhor meu Deus, este é um dia muito importante para mim. É o meu primeiro dia de aula na Universidade. Por isso peço-lhe muita graça, tenho pensado bastante nesta nova fase da minha vida, sei que não vai ser fácil, mas se o Senhor olhar para mim, eu conseguirei⁷.

A partir daquele dia profissionalmente falando a minha vida tomaria outro rumo, novos caminhos estavam sendo traçados e uma nova história seria escrita. Logo que ingressei no curso de Pedagogia, fui percebendo que não fazia mais sentido eu continuar trabalhando no setor administrativo.

Trabalhava na Casa de Saúde São Camilo de Léllis, tinha patrões e colegas de trabalho maravilhosos, mas almejava percorrer os caminhos da educação. Certa noite cheguei à Faculdade de Educação e procurei a diretora, uma senhora muito simpática a qual eu sentia

⁶Transcrição retirada das anotações feitas no Diário pessoal da autora deste trabalho, no ano de 2002.

⁷Transcrição retirada das anotações feitas no Diário pessoal da autora deste trabalho, no ano de 2002.

grande simpatia e admiração, e pedi um emprego pois eu já sabia que ela era diretora de um colégio da rede particular de ensino.

E para minha surpresa ela disse que estava precisando sim de uma pessoa para ser professora auxiliar, fiquei perplexa por ter batido à porta na hora certa. Não pensei muito e logo pedi as contas do meu emprego na área da saúde e fui trabalhar em um colégio da rede privada de ensino. Nesta escola fui professora auxiliar de informática por três anos, mas não fui feliz. A gaveta desse tempo vivido prefiro deixar trancada, as memórias contidas ali são de dor e de tristeza, ainda tenho as cicatrizes enquanto mulher e profissional, são as minhas “memórias silenciadas”, são as minhas zonas de sombra, silêncios “não ditos” (POLLACK, 1989), são memórias bem dolorosas, indeléveis.

Dando início ao percurso da vida de professora, discorro de como se deu essa construção, para Nias (1991) *apud* Nóvoa (2013, p. 15) “O professor é a pessoa. E uma parte importante da pessoa é o professor”, apropriando-me desse pensamento trago um pouco do meu processo de formação narrando minha história de vida nessa construção. Os apontamentos tratados aqui narram como foi a história da vida de uma menina do sertão, que desde muito pequena lutou para conquistar seu espaço no mundo através dos estudos, aquele objetivo tão almejado que era de ser professora estava prestes a se tornar realidade.

Quando me graduei ganhei minha primeira sala de aula. Pimenta e Lima (2011) veem a sala de aula como lugar de conhecimento, que se configura como uma necessidade pedagógica para quem ensina e para quem aprende. Portanto, naquele espaço de aprendizagem além de ensinar, também tinha muito o que aprender com aquela experiência desafiadora, que me proporcionou muita aprendizagem com (35) trinta e cinco crianças em sala.

Como já falei, um caminho novo estava sendo traçado na minha vida, a gente nunca sabe o que vai encontrar no percurso, se tem curvas, se tem pedras, quais obstáculos teremos que superar, mas a gente vai desbravando e lutando para vencer o que tiver que enfrentar e comigo não foi diferente. A vida nunca foi fácil para mim, tudo foi conquistado com dores e lágrimas, embora tenha obtido muitas vitórias, sou muita grata por poder fazer um resgate autobiográfico da minha vida e perceber que ao longo dessa caminhada apesar dos espinhos colhi “flores, frutos” e hoje resumo tudo em gratidão.

Nesse caminho, o impossível parecia se tornar possível. Os sonhos profissionais se realizando, era o último ano na faculdade, tinha sido promovida, agora era professora titular, estava me realizando nos caminhos profissionais que tracei. Tudo que eu desejava era me

tornar uma professora preparada, conhecer e compreender meus alunos desejando contribuir de forma que o meu fazer pedagógico de forma positiva fizesse a diferença na vida deles. Porém, concomitantemente à realização profissional, surge uma grande novidade na minha vida, eu engravidei. A maternidade não fazia mais parte dos meus planos, já havia perdido a esperança, meu filho único já havia completado dezoito anos, para a ciência era impossível eu engravidar, visto que eu já tinha realizado todos os tipos de exames médicos e ficou comprovado que eu tinha apenas uma trompa e, de acordo com as palavras do médico “estava muito estragada”, “é impossível você engravidar”.

No momento que recebi esse diagnóstico fiquei bastante triste e com o tempo fui aceitando, apesar de nunca me conformar. Contudo, sem nenhuma explicação fiquei grávida, foi muita felicidade, emoção e alegria, uma mistura de sentimentos que eu nem imaginava sentir. Minha casa, minha família se encheram de luz, meus/minhas alunos/as ficaram tão felizes, compraram presentes para o meu bebê, eu estava muito realizada. Mas, no dia 10 de maio de 2006, fiz o seguinte registro no meu diário:

O pior aconteceu. Perdi o meu bebê. Vi o meu bebezinho sair de dentro de mim. Que dor eu senti no meu coração. De repente eu vi todo o meu sonho, do meu marido e do meu filho ir por água abaixo, eu não queria acreditar e nem aceitar o desfecho que tomou a minha gravidez. A dor no meu coração era duas vezes maior do que aquelas que eu sentia no meu corpo enquanto era levada para a sala de curetagem, não conseguia me imaginar voltando para casa sem o meu filhinho na minha barriga. Só restou um tremendo vazio, não fui capaz de proporcionar a felicidade que meu filho e meu marido tanto desejavam. O meu sonho se perdeu⁸.

O dia (10) dez de Maio ficou marcado na minha vida, como um dia muito triste. Após cumprir o período de repouso necessário, mesmo estando muito triste ainda, me revesti de resiliência e voltei a trabalhar. Lembro que minhas criancinhas ficaram felizes quando eu voltei para a sala de aula, mas diziam que estavam tristes porque eu havia perdido meu bebê. Intitulei esse dia como “a negação do meu segundo sonho enquanto mãe e mulher”. Eu precisava continuar a viver, embora tivesse passando por esta situação de dor e de perda o ano de 2006 era um ano muito importante para mim, estava me preparando para concluir o curso na Faculdade de Educação, estava muito envolvida com o estágio e com os preparativos da Colação de Grau, fazia parte da Comissão de Formatura. Diante de tudo isso fui desviando o foco daquela perda e canalizei todos os meus pensamentos e minha energia nos preparativos para a Colação de Grau, afinal estava prestes a realizar o maior sonho da minha vida.

⁸ Transcrição retirada das anotações feitas no Diário pessoal da autora deste trabalho, no ano de 2006.

Foto 14 - Colação de Grau do Curso de Pedagogia, UERN



Fonte: Arquivo pessoal (2006).

Vivi intensamente a minha graduação, aproveitei tudo que pude e aprendi muito, para mim a graduação foi o divisor de águas na minha vida, em todos os sentidos. Sou grata a Deus e a todas as forças celestiais do universo que me ajudaram a chegar a este dia. Graduada no curso de Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Tudo isso culminou com um lindo baile de formatura, a minha primeira festa com tudo que tinha direito. Imaginei um lindo vestido de gestante para este dia, mas não fui merecedora dessa graça. Quando a gente não entende certos desígnios na vida é melhor aceitar e ao mesmo tempo agradecer pelas conquistas, afinal a vida é feita de perdas e ganhos.

Inicia-se o ano de 2007 e muitas surpresas estavam reservadas para mim naquele ano que estava só começando. Dialogando com minha Agenda Diário fiz o segundo registro:

Inicialmente quero agradecer a Deus por mais um ano de vida, é uma dádiva do Senhor. Por isso mesmo quero lhe pedir que me permita sempre o início de mais um ano junto de todos os que eu amo. Tenho esperança que o ano de 2007 seja um pouco melhor do que o ano de 2006, já que considero o citado ano como um ano difícil. Logo no início tive que mudar do meu setor de trabalho de uma forma dolorosa, assumi uma sala de aula com (35) trinta e cinco crianças, tive medo de não dar conta, fiquei grávida e perdi o meu bebê tão sonhado e desejado. Logo após toda essa tempestade, vem todos os compromissos que tive que enfrentar a frente da comissão de formatura, foram muitos os obstáculos e desafios e que hoje eu posso dizer orgulhosa que eu consegui vencê-los. Então é isso aí minha agenda, espero ter coisas boas para registrar durante este ano que se inicia. Ao Deus que pode todas as coisas eu peço que nos dê saúde, paz, e abençoe o futuro do meu filho Pedro Ítalo⁹.

⁹ Transcrição retirada das anotações feitas no Diário pessoal da autora deste trabalho, no ano de 2007

Já no início do citado ano o inesperado mais uma vez surgiu na minha vida. Para minha surpresa, e esperança, engravidei novamente, mas um momento que minha família se alegrava com essa notícia. Porém durou muito pouco a nossa alegria, com oito semanas sem nenhum sintoma aparente perdi outro bebê, jamais poderia imaginar que eu passaria por tudo aquilo novamente. No meu diário, registrei esse momento:

Este é mais um daqueles dias que eu nunca mais vou esquecer. Fui fazer um exame de ultrassom e tive uma notícia muito desagradável. Que o meu bebê está morto, eu não quis acreditar, repeti o exame, pois tinha esperança que estivesse errado. Mas veio a confirmação e que o meu bebê estava morto há dias. Fiquei muito mal, chorei tudo que podia, é uma dor horrível, eu tinha esperança de ter o meu bebê. Não sei o que Deus quer de mim. Acho que é consequência dos meus pecados¹⁰.

E continuei a viver com a minha tristeza, meus questionamentos e angústias por não ter conseguido dar à luz aos meus filhos que eu tanto sonhei e desejei. Confesso que já questionei muito, me arrependo de não ter buscado tratamento, não encontrei respostas para minhas perguntas. E assim continuei vivendo, certamente em algum momento encontraria uma resposta para tudo aquilo que eu estava vivenciando. Passaram-se (04) quatro anos, cursei a faculdade, perdi dois bebês muito desejados, estava conquistando meu espaço no magistério e a vida estava caminhando, com dores e alegrias, mas sem nenhum sintoma patológico que necessita de cuidados. Certa noite, um sinal, através de uma dorzinha simples no meio do tórax despertou em mim a necessidade de uma visita ao gastroenterologista, e assim o fiz. A médica solicitou uma endoscopia para ver como estava o meu estômago, para este exame tudo normal, nenhum sinal de patologia grave, faltava ainda receber o resultado da biópsia.

Era outubro de 2007 quando literalmente o meu chão sumiu, fui diagnosticada com adenocarcinoma, um tipo de câncer gástrico. “A vida sempre pega a gente numa curva, é feito chuva em plena tarde de verão”, trago esta frase de uma música Rio e Canoa que gosto para descrever o maior medo que senti na vida. Tudo parecia fora do lugar, na vida pessoal eu não estava bem, o casamento já com muitas marcas, o ambiente do trabalho estava me causando sofrimento no corpo e na alma, ou seja, eu não estava feliz, as minhas emoções psicológicas estavam muito abaladas. Mas, nada que me levasse a pensar que numa dessas curvas da vida, me depararia com uma ameaça de morte tão iminente. Neste contexto de desventura e tribulação, me perguntava por que estava passando por tudo isso? Por que tanto sofrimento? Não tinha resposta. Não fazia parte do grupo de risco, não bebo, não fumo, cuidadosa com

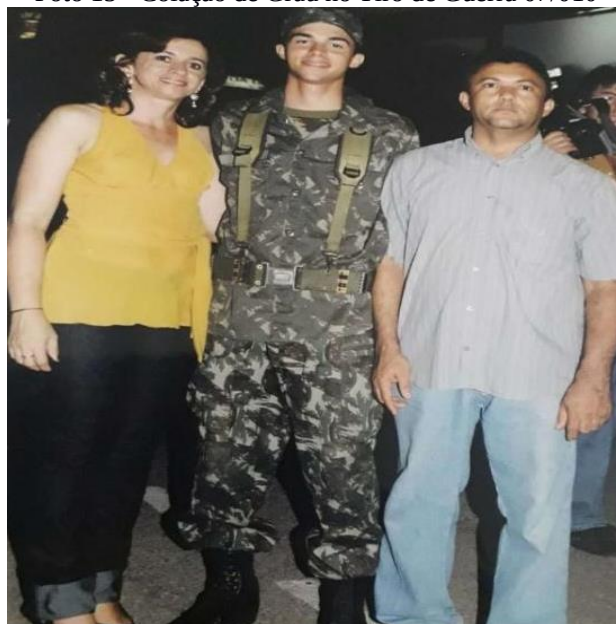
¹⁰ Transcrição retirada de uma atividade avaliativa da disciplina Psicologia da Educação.

alimentação e agora com câncer no estômago, um dos mais devastadores, só tinha um caminho, enfrentar. Ao apresentar a médica que solicitou, ela não acreditou, visto que a endoscopia tinha dado positivo para o vírus H-pylori, mas que segundo ela é muito comum, era só tratar e tudo estaria resolvido.

O resultado da biópsia fez a médica “franzir a testa”, diante do resultado inesperado, sem perder tempo já fui encaminhada para um cirurgião aqui de Mossoró, ele analisou tudo com muita cautela e perguntou-me se eu tinha condições de ir para Fortaleza. Esse médico foi um anjo na minha vida, ele prontamente falou com o colega médico de Fortaleza e pediu para ele me atender, uma parte da fala dele foi: “Estou com uma amiga de 38 anos aqui na minha frente, com um Adenocarcinoma Gástrico, estou encaminhando-a para você”.

A consulta foi marcada para o dia 28 de novembro, em Fortaleza, porém, dois motivos me impediam de ir imediatamente. Com a autorização do médico, busquei força e controle emocional para concluir as minhas responsabilidades profissionais, minhas crianças estavam de férias, ano letivo estava praticamente encerrado. O outro motivo e muito importante, era que o meu filho estava servindo o Exército e o encerramento era dia 26 de novembro, eu gostaria de participar dessa etapa significativa da vida dele, logo eu que sempre fui muito presente nos momentos da vida do meu filho, escola, futebol, festa, etc. Aquele era um momento muito especial para ele e para mim também, pois admirei a disponibilidade e o desejo dele em servir ao Exército, além do mais, aquele momento poderia ser o último que eu participaria da vida dele, então fiz questão de estar presente e registrar o momento ao lado dele.

Foto 15 - Colação de Grau no Tiro de Guerra 07/010



Fonte: Arquivo pessoal (2007).

Embora eu estivesse feliz ao lado do meu filho e do meu marido, como mostra a foto acima, o meu coração e a minha cabeça estavam repletos de preocupação e temor pela minha vida, imagino que para eles esse momento também não foi fácil, afinal ali dentro de mim um tumor se desenvolvia. Apesar dos conflitos internos, foi muito gratificante estar presente neste dia ao lado de Pedro Italo e de Marco Antonio. Essa foto tem um significado muito especial para minha história de vida.

Interrompendo a narrativa sobre o desenrolar da minha enfermidade, aproveito esse momento da história para discorrer um pouco sobre os estudos na vida do meu filho, sempre o apoiei nos desejos que ele almeja, o grande sonho dele era ser jogador de futebol e tinha muito talento, mas não tivemos coragem de nos aventurar batendo nas portas dos clubes por uma oportunidade, o pai dele até tentou, foi à Fortaleza, mas não tivemos êxito. Concomitante a esse desejo e essa busca por um time de futebol, continuava incentivando-o aos estudos. Na verdade, sempre torci muito para que ele estudasse, por acreditar que o saber, o conhecimento oportuniza muitas possibilidades de viver. Ele não é muito estudioso, apesar de ter uma inteligência admirável, insisti bastante para que ele estudasse, sou aquela pessoa persistente e como mãe então! E como eu amo o aroma do saber, dos estudos, da Universidade, tinha o sonho de ver meu filho trilhar a vida acadêmica. Os sentimentos de alegria e gratidão vivenciados por mim no dia que Pedro Italo passou no vestibular da UERN, foi tanto quanto, ou maior do que no dia da minha aprovação, uma explosão de euforia se espalhou pela casa, ele gritava, pulava e eu tremia de emoção e felicidade. É muito gratificante poder reviver aquele dia nesse exercício que estou fazendo de visitar as minhas memórias.

Foto 16 - Colação de Grau Curso de Comunicação Social, UERN



Fonte: Arquivo pessoal (2015)

Para aquele jovem que não tinha paciência para os estudos e que não acreditava que fazer uma graduação era algo significativo para vida, tem mudado bastante de opinião. Foi uma sensação de deleite inesquecível para o coração de uma mãe, que lutou, incentivou com paciência, com diálogo e hoje estou vendo as conquistas acadêmicas do meu filho. Falando em felicidade, Josso (2010, p.20) assim se expressa:

Nessa pluralidade das componentes da felicidade e da sua “dosagem” sutil, de acordo com cada pessoa, há uma que exige atenção especial, tendo em conta o lugar soberano que ocupa nas nossas vidas e o papel que desempenha quando a busca da felicidade reúne a busca de si e de nós e a busca de sentido. Trata-se do amor, dado ou recebido, sob todas as suas formas: sentimentosamoroso, paixão, amizade, amor filial, camaradagem, compaixão, solicitude, por outras palavras, todas as formas de ligação ou de relação eu uma pessoa considera afetivamente significativa.

Tenho muito prazer em narrar essa experiência de alegria, resultado do meu esforço como mãe que incentiva, que não desiste de acreditar que a conquista videacordo com Pedro Italo graduou-se em Comunicação Social, com habilitação em Rádio e TV, tem alguns trabalhos nessa área, durante (05) anos trabalhou na coordenação de cursinho pré-vestibular, em uma escola particular aqui da cidade, está cursando sua segunda graduação, desta vez na área da saúde. Meu filho ganhou uma bolsa de estudos, é acadêmico do curso de Fisioterapia, com o objetivo de se especializar na área esportiva, isso me enche de contentamento. Ele sabe aproveitar as oportunidades que a vida oferece. Tenho muita fé em Deus que ele vai me proporcionar a graça e a felicidade de estar ao lado dele na segunda festa de Colação de Grau de sua vida. No quesito trabalho está atuando na área da comunicação trabalhando na TV Câmara da cidade de Mossoró.

Retomando a narrativa da experiência marcante deste percurso chamado vida, no dia seguinte à cerimônia do Tiro de Guerra, na companhia da minha mãezinha entrei no ônibus com destino à Fortaleza. Só Deus sabe como eu estava vivendo aquele momento, me fazendo de forte, sabia que minha mãe estava preocupada comigo e eu temendo a morte, nunca tinha feito uma cirurgia na vida, não sabia o que ia ser de mim. Ficamos hospedadas na casa do meu irmão Rogério, fomos muito bem acolhidas, ele foi um grande parceiro e companheiro nesse processo. Após a consulta com o cirurgião, ele olhou as biópsias, solicitou os exames pré-operatórios e já me encaminhou para a cirurgia. No dia (03) três de dezembro de 2007 fui hospitalizada e quem me acompanhou foi outro anjo em minha vida, minha amada cunhada Rossana, largou família, emprego e foi cuidar de mim. Sou eternamente grata por essa dedicação e assistência para comigo.

Amanheceu e eu tão pensativa, aguardava ansiosamente a ida ao centro cirúrgico, e às 10h quando uma enfermeira entrou no quarto chamando pelo meu nome, lá estava eu pronta para o agir de Deus. Passei a noite em oração, clamando a Jesus Misericordioso e a Nossa Senhora pela minha vida, recebi muitos recados das pessoas que estavam rezando por mim, só me restava confiar. Rossana me acompanhou até a entrada do centro cirúrgico, eu estava muito nervosa e em lágrimas pedia a minha cunhada que olhasse para o meu filho, foi o meu último pedido. Quando retornei para o quarto pela janela eu vi que já estava anoitecendo, eu estava muito feliz porque eu estava viva.

Costumo dizer que faço aniversário duas vezes em dezembro, no dia 14 eu nasci de parto normal, das mãos da parteira para os braços da minha mãe e no dia 04 de dezembro de 2007 eu nasci novamente, estou aqui com mais uma oportunidade de viver.

Passados (19) dezenove dias que eu estava em Fortaleza, retornei para Mossoró, para a minha casinha, para o colo dos meus familiares, um momento muito forte desse retorno, foi quando cheguei à casa dos meus pais (nesse tempo eles estavam morando em Mossoró, moraram seis anos aqui e decidiram retornar para Potiretama), e o meu pai quando me viu, chorou e disse “como minha filha está magrinha” o sentimento de emoção aflora ao lembrar desse momento. Realmente eu estava muito magra, havia perdido 5kg em uma semana, passei quatro dias sem comer e sem beber, não foi fácil, Rossana molhava a gaze e passava nos meus lábios para aliviar tamanha sede. Fui muito bem assistida por meus familiares e graças a Deus tinha muita gente me fazendo companhia, além de mamãe e da minha cunhada, estavam também meu marido, meu filho, minha irmã Ana Maria, meu irmão Rogério, e meus/minhas primos/as que moram em Fortaleza se fizeram presentes em tudo, me senti amada e cuidada por todos/as.

Chegou janeiro de 2008, eu me perguntava o que estava reservado para mim naquele ano, tinha que voltar para Fortaleza para receber o resultado da biópsia e apresentar ao médico. Arrumei a mala e fui com o meu marido, não sabia quanto tempo eu passaria lá, pois o tratamento normalmente além de doloroso é difícil e complexo.

Sempre fui movida por um espírito de fé, apesar de tudo eu estava bem, uma força tomava conta de mim e estava preparada para qualquer resultado da biópsia. Sempre busquei me fortalecer espiritualmente através da oração, e nesse tempo de incertezas, de medo eu buscava mais e mais viver essa prática. Muitas pessoas também rezavam, faziam promessas, pedindo a Deus e a Nossa Senhora por minha vida e por minha saúde. Um desses momentos de experiência espiritual, aconteceu no dia 08 de janeiro de 2008, às 3h, quando eu acordei e

não consegui mais dormir, entrei em oração e pedi a Deus um sinal de cura, eu estava com muito medo, e fragilizada, ao abrir a Bíblia Sagrada, meu principal livro de cabeceira, através do profeta Isaías, 38, 9-20, o Senhor assim falou:

A vida é dom de Deus: Cântico de Ezéquias, rei de Judá, por ocasião de sua doença e da cura que obteve. Eu dizia: “Bem no meio da minha vida eu me vou; pelo resto dos meus anos ficarei prostrado à porta da mansão dos mortos”. Eu dizia “Não verei mais a Javé na terra dos vivos, nem verei mais ninguém entre os habitantes da terra. [...] Aqueles que Deus protege, vivem: e entre eles, viverá o meu espírito: tu me curaste e me fizeste reviver. A minha amargura se transformou em paz, quando arrancaste a minha vida da tumba vazia e voltaste as costas para os meus pecados. De fato, a mansão dos mortos não te louva; não é a morte que te entoa hinos. Quem baixa a cova não espera mais a tua fidelidade. Quem está vivo é quem vai te louvar, como eu estou fazendo agora. O pai ensina a seus filhos a tua fidelidade. Salva-me Javé, e tocaremos nossas harpas todos os dias da nossa vida no templo de Javé. (BÍBLIA..., 1999, p. 983).

Ao ler essa palavra caí em prantos, pois a minha fé me faz acreditar que era a resposta de Deus para aquela situação de medo e de incertezas que eu estava vivenciando. Este é um dos vários registros que tenho dessa relação de diálogo orante com Deus, muito embora eu estivesse ouvindo-o através da oração eu ainda estava cheia de medo e de incertezas.

O médico iniciou a nossa conversa dizendo: “sua biópsia deu muito trabalho, foram feitas 82 lâminas e positivou em três. Quando disse que o meu câncer tinha sido resolvido com a cirurgia, fiquei muito emocionada e hoje com toda convicção e certeza posso dizer, aquele foi um dos dias mais feliz da minha vida. Voltei para Mossoró cheia de alegria e gratidão a Deus por tamanha graça.

Ao voltar para casa continuei me recuperando, era o período das férias escolares e em fevereiro voltaria para o trabalho. Mas isso não aconteceu, minha patroa não acreditava que eu estava curada, me desprezava e me questionava o tempo todo, vivi na pele a grosseria, a indiferença e a falta de compaixão. Essa gaveta das minhas memórias eu prefiro não mexer, como falei anteriormente, são as minhas lembranças não ditas, silenciadas. Pollak (1989, p. 6) diz que:

Existem nas lembranças de uns e de outras zonas de sombra, silêncios, “não-ditos”. As fronteiras desses silêncios e “não-ditos” com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento.

Durante todo o ano eu fiquei em silêncio, calaram a minha voz, a voz da professora, não me escutaram, não acreditaram na ciência e nem em mim. Nem tudo podia ser dito, mas ficava explícito na exclusão, na falta de empatia e de caridade existente na relação empregador/empregado. Foi um tempo que doeu demais, por isso melhor não ser dito. Estava

vivendo quase um isolamento social, pois passava o tempo todo em casa, sozinha, rezando, chorando, sentindo o desinteresse por parte da minha patroa em não acreditar que eu podia trabalhar, ela simplesmente me ignorava.

Estava quase perdendo a esperança de trabalhar naquele ano, certo dia recebi a ligação de uma amiga perguntando se eu tinha interesse em trabalhar e me indicou para uma entrevista na escola que ela trabalhava. A mesma escola que certa vez passei em frente com minha mãe e do nada eu disse: “mamãe eu ainda vou trabalhar nessa escola”. Eu não acreditei quando recebi o convite, a escola era linda, tinha poucos anos de funcionamento, vivi experiências inesquecíveis, minhas turmas tinham no máximo oito alunos. Só guardo na memória momentos bons, foram dois anos muito especiais, fiz amizades verdadeiras, tenho muito carinho por esta experiência. Tudo caminhava dentro da normalidade, como já coloquei posteriormente estava satisfeita no meu trabalho, tinha boas amizades e maravilhosas crianças numa sala de aula com cinco meninas lindas e um menino inesquecível, com ele eu vivenciei pela segunda vez a experiência de lecionar para uma criança com autismo.

O saber dessa experiência foi construído na prática, “o exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de fazer “algo” ou “ação” (PIMENTA; LIMA, 2011, p. 84). Diante disso, como eu já tinha tido a experiência com uma menina numa sala de aula com 35 crianças, e uma delas diagnosticada com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), lidar com essa outra criança foi menos desafiador. Uma experiência muito tranquila, mas hoje eu vejo que eu precisava de mais conhecimento para compreender e contribuir melhor com a aprendizagem daquelas crianças, apesar do assunto autismo há treze anos não ser tão amplamente discutido como é hoje. Ao narrar a minha história de vida consigo revisitar espaços do meu processo de formação com novos olhares para minha atuação e prática reflexiva. Souza (2004, p. 174) diz que:

Ao narrar-se, a pessoa parte dos sentidos, significados e representações que são estabelecidas à experiência. A arte de narrar, como uma descrição de si, instaura-se num processo metanarrativo porque expressa o que ficou na memória. [...] um olhar para si marca, no contexto da pesquisa, a implicação e o distanciamento dos sujeitos narrarem suas histórias a partir de lembranças particularizadas das histórias de vida.

Ao (re)visitar a memória, buscamos relacionar comportamentos e conhecimentos, buscando organizar as informações que nortearam a prática e a formação, que foram adquiridas no decorrer dessa construção.

Da sala de aula com crianças ao Ensino Superior: a experiência mais significativa vivida na docência, estava desenvolvendo minhas atividades com as minhas crianças,

seguindo percurso normal do ano letivo, quando uma colega de trabalho me comunica do processo seletivo para professor substituto na UERN, ela iria se inscrever e me motivou a fazer o mesmo. No início eu relutei um pouco, pois não me achava capaz de conquistar tamanha realização, mesmo assim, pedi para uma colega ficar com as minhas crianças e fui fazer a inscrição, que era presencial.

Ser docente na Universidade era o meu maior desejo profissional, mas não sabia se conseguiria atingir tamanho nível. Estava insegura quanto a minha base de conhecimento para lecionar no ensino superior, visto que é necessário um vasto conhecimento, como também exercício de leitura, e por buscar uma experiência socioprática através das vivências na sala de aula. Mas resolvi tentar e se conseguisse daria o melhor de mim para ensinar e para aprender também com os estudantes. Busquei em Roldão (2007, p. 101), as afirmações que corroboram com o pensamento acima.

A função de ensinar é socioprática, porém o saber que envolve é teorizador, compósito e interpretativo. A ação de ensinar é inteligente e fundada em um domínio seguro do conhecimento, que emerge de vários saberes formais e do experiencial. Assim sendo, o professor precisa mobilizar todo tipo de saber que possui, transformando-o em ato de ensinar enquanto construção de um processo de aprendizagem de outros e por outros. Nesse processo reside o que lhe é próprio, o ato de ensinar - que caracteriza a docência e, conseqüentemente, é alvo de investimento para sua profissionalidade.

A aprendizagem socioprática tem sua atenção voltada para a prática que ocorre a partir da interação com os sujeitos. A ação de ensinar é inteligente e experimental, portanto é preciso que o professor busque o conhecimento e o transforme em ação de aprendizagens. Lembrando que esse saber será transmitido a outros sujeitos que ao recebê-los transformarão em conhecimentos, os quais serão aplicados na prática profissional. A minha experiência profissional e o embasamento teórico que sustentam a minha prática me prepararam para ser professora no Ensino Superior, caso eu fosse classificada.

Lembro-me que esse processo de contratação para professores substitutos aconteceu em outubro de 2010, em caráter de urgência, visto que já era final de período letivo. O processo ocorreu e eu tive o privilégio de ser classificada, foi uma grande emoção, me preparei com toda vontade, responsabilidade e comprometimento e deu certo, fui aprovada e designada para lecionar as disciplinas de Psicologia, pelo fato de ter especialização em Psicopedagogia. Quando a gente quer, a gente luta e tem muita chance de conseguir e quando consegue, é importante dar o nosso melhor. E assim fui me preparar para assumir aquele que era o meu maior sonho enquanto professora, ser docente na Universidade do Estado do Rio

Grande do Norte. Estava retornando àquela casa que durante (4) quatro anos fui muito feliz, era minha segunda casa, amava estar naquele ambiente, meu curso de Pedagogia, de ir todas as noites assistir aula. Josso (2010) define a felicidade assim:

Se a felicidade pode resultar de uma feliz e excepcional disposição interior que leva a satisfazermos com a sorte que temos e as oportunidades que a vida nos oferece, o seu alcance é considerado, na maioria das vezes, como o fruto de uma longa peregrinação e resulta do mérito dos nossos esforços para conquistá-la. [...] o segredo da felicidade para cada um está, portanto, bem guardado no centro da interioridade, nas sensibilidades e nos sonhos (JOSSO, 2010, p. 119/120).

No dia (08) oito de novembro de 2010, quando dei início ao meu maior sonho profissional, o meu primeiro dia de aula como professora em regime provisório. Estava muito ansiosa, e uma onda de felicidade e gratidão invadiam meu ser, era uma mistura de sentimentos que mal cabia no peito, me tremia toda, não sabia como seria aquela turma. Porém para minha alegria foi uma experiência maravilhosa no curso de Educação Física, turno matutino, uma vivência inesquecível, se a memória não me falha eram 42 alunos. Com aqueles/as graduandos/as eu vivi uma experiência edificante de aprendizagem, de saberes, de convivência harmoniosa, guardo na memória com muito carinho as vivências inesquecíveis dessa turma alegre que me fazia feliz.

Discorrerei um pouco sobre as surpresas que a experiência como docente na academia me proporcionou, por meio da metodologia de trabalho por mim adotada, me refiro aos tão questionados Seminários, como avaliação para obtenção de uma das três notas necessárias para cumprir as exigências da Matriz Curricular. Ao planejar a metodologia que seria aplicada sempre deixava o Seminário para encerrar a disciplina, eram apresentações permeadas de aprendizados enriquecedores para os alunos e para mim.

Foto 17 – Turma do Curso de Pedagogia/UERN



Arquivo Pessoal (2011/1012).

Enquanto educadora aprendi muito com os meus alunos/as, essa troca de conhecimento favorece a relação professor/a aluno/a. Confesso que eu sou muito chata, em decorrência da minha exigência e isso às vezes incomoda, diante disso eu orientava os/as estudantes para que preparassem um trabalho que tivesse relevância, que pudesse contribuir com a prática deles/as, algo relacionado com a realidade. Gosto de usar uma metodologia que favoreça o diálogo entre mim e os alunos, estimulando-os/as a desenvolverem a criatividade. Araújo (2006, p. 27) afirma que:

A metodologia de ensino está atrelada ao que “pode e precisa ser feito” quanto à prática pedagógica, além disso, representa o processo [...] que viabiliza a veiculação dos conteúdos entre o professor e o aluno, quando então manifesta a sua dimensão prática.

Na minha prática pedagógica principalmente no ensino superior buscava o máximo de diálogo possível com os/as estudantes, apresentando uma metodologia que fosse significativa e assim os alunos/as fossem motivados a prepararem suas pesquisas, posso endossar com toda segurança que foram experiências muito valiosas e que os objetivos eram alcançados.

O período compreendido entre novembro de 2010 e fevereiro de 2015 eu posso afirmar com toda convicção, profissionalmente falando, que foi o período de maior realização. Eu obtive o privilégio de vivenciar a experiência da docência em quase todos os cursos da UERN. A Faculdade de Educação/ FE é responsável pela formação pedagógica nos cursos de licenciatura. Assim, fica sob a responsabilidade dos docentes do Departamento de Educação ministrar as disciplinas pedagógicas nas licenciaturas.

Durante esse período foram nove (09) semestres de muitas experiências, vivências e conhecimentos que enriqueceram a minha prática, agregando valor à minha vida enquanto pessoa e profissional, buscava sempre dar o melhor de mim. Durante esse período guardo na minha história de vida recortes de momentos inesquecíveis, depoimentos de alunos e alunas que me fizeram perceber que eu estava trilhando bem o meu caminho como professora. Guardo com muito carinho as memórias com essas turmas na Universidade.

Foto 18 – Turma de Matemática Psicologia da Aprendizagem UERN



Arquivo Pessoal (2012/1013).

A imagem acima retrata uma das minhas memórias com essa turma da FANAT do curso de Matemática, era uma turma maravilhosa, essa foto é muito especial, me toca muito o coração, um desses alunos já faleceu num fatídico acidente de moto, ele me auxiliava sempre a montar o projetor, me emociona reverberar sobre esse assunto.

Outra memória que trago para descrever minhas experiências com o Ensino Superior é sobre uma dinâmica que eu apliquei no último dia de aula e pedi para que os alunos escrevessem sobre a experiência com a disciplina e sobre o meu desempenho com a Disciplina Psicologia da Educação, a turma era do curso de Matemática. O aluno J. A. escreveu:

Professora Luiza, o domínio do conteúdo, a dinâmica para transformar as aulas atrativas, uma metodologia bastante inovadora, usando todos os recursos cabíveis para uma excelente transparência do conhecimento. Uma maneira de apresentar seus trabalhos sempre com uma troca de conhecimentos, em forma de debate, caracterizando assim o pleno conhecimento dos conteúdos e do grupo em questão que para muitos não damos valor as disciplinas pedagógicas, mas a senhora “com todo respeito” provou que essa disciplina é muito importante para o nosso futuro enquanto professor¹¹.

Sinto-me lisonjeada ao ler um comentário desses, porém mais gratificante ainda foi quando minha sobrinha chega em casa e diz: “Tia Luiza, o meu professor de matemática foi seu aluno na UERN, ele disse que depois que foi seu aluno, nunca mais foi o mesmo professor, pois o que aprendeu nas suas aulas, está colocando em prática nas aulas dele”, para mim isso é um troféu de ouro.

¹¹ Transcrição retirada das anotações feitas no Diário pessoal da autora deste trabalho, no ano de 2007.

Pimenta e Lima (2011) escrevem sobre a prática como imitação de modelos e assim se expressam:

O exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de aprender a fazer “algo” ou “ação”. A profissão de professor também é prática. E o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação, será a partir da observação, imitação, reprodução e, às vezes, reelaboração dos modelos existentes na prática consagrados como bons. Muitas vezes nossos alunos aprendem conosco nos observando, imitando, mas também elaborando seu próprio modo de ser a partir da análise crítica do nosso modo de ser.

Por meio dessas observações no cotidiano da sala de aula, os envolvidos no contexto descartam os comportamentos considerados indesejáveis, e constroem seus conceitos docentes a partir das ações que agregam valor ao fazer do professor/a na relação com os alunos/as.

Outra experiência significativa no meu fazer pedagógico, era o questionário avaliativo no último dia de aula, o qual dispensava a identificação, era uma forma de avaliar minha prática, assim eu esperava um retorno sobre minha atuação como professora. Guardo com carinho muitas dessas avaliações, um dos pontos solicitados no questionário era: Comente, dê sugestões, críticas e propostas quanto ao desempenho da minha prática docente. Um dos estudantes do curso de Geografia assim se expressou: “Agradeço a professora Luiza por ter entrado em nossa vida acadêmica. Pois com sua simplicidade e sua maravilhosa forma de ensinar, conseguiu fazer a diferença e com certeza irei levar o seu ensinamento para os meus alunos”¹². Esse é o maior reconhecimento que um professor/a pode receber, saber que você contribuiu com o fazer pedagógico de um aluno é uma sensação indescritível.

Outra resposta avaliativa, veio de uma aluna com deficiência visual, do curso de Geografia, disciplina Psicologia da Educação, a qual se expressou assim: “Agradeço a professora pela maneira que a mesma me ensinou e apesar da minha deficiência me tratou como uma aluna normal”¹³. Gosto de aula onde existe diálogo, por isso sempre busquei dialogar com os alunos, para que eles pudessem sugerir, debater, se expressar, oportunizando desta forma a criação de subsídios, que embasaram minha melhoria na prática docente a ser utilizada no semestre seguinte.

Prosseguindo com a escrita das minhas conquistas profissionais, discorro sobre a aprovação no concurso para Orientadora Educacional. Sempre almejei atingir esse objetivo, às vezes eu pensava que não ia conseguir, portanto, é preciso entender que o tempo é de Deus e

¹²Transcrição retirada de uma das atividades avaliativa da disciplina Psicologia da Educação.

¹³ Transcrição retirada de uma das atividades avaliativa da disciplina Psicologia da Educação.

na hora certa acontecerá. Para minha grande alegria em outubro do ano de 2010, tomei posse do cargo de Orientadora Educacional da Secretaria de Educação do Município de Serra do Mel.

A respeito da Orientação Educacional Lück, (2011) descreve que:

Planejar a Orientação Educacional implica em delinear o seu sentido, os seus rumos, a sua abrangência e as perspectivas de sua atuação como área que principalmente focaliza na escola o desenvolvimento integral do aluno como pessoa. Vale dizer que esse planejamento envolve, antes de tudo, uma visão global sobre a natureza da Educação, da Orientação Educacional e suas responsabilidades educacionais de formação dos alunos. (LÜCK, 2011, p. 19).

Sou apaixonada pela minha função, gosto de estar junto dos/os aprendizes, incansavelmente busco por melhorias para minimizar as situações adversas encontradas no dia a dia da escola, buscando melhorar a formação dos alunos/as. Hoje posso dizer que sou realizada com o meu trabalho, embora experimente muitas experiências de dor, quando vejo os direitos das crianças e adolescentes sendo negados, as vezes me sinto uma gota de água doce no oceano, não são raras as vezes que me deparo com essas situações adversas e de falta de empatia, lamentavelmente esse sentimento é muito comum na grande maioria da humanidade, e quando eles estão solidificados na instituição Escola é ainda mais preocupante.

Ao fazer uma retrospectiva da minha história de vida, percebo que embora eu tenha enfrentando muitos desvios continuei insistindo e persistindo nas trilhas do caminho, que começou a ser traçado quando saí de casa aos onze (11) anos de idade para estudar na capital do Ceará, morando com pessoas desconhecidas e enfrentando adversidades, percebo que tudo valeu a pena. Chegar a uma pós-graduação é muito gratificante, me sinto lisonjeada. Se conquistar uma graduação em nível acadêmico, infelizmente ainda é privilégio para pouquíssimos brasileiros, imagine alcançar uma pós-graduação em nível de *Strito Sensu*, é ainda mais desafiador.

Posso dizer que não desisti, e cheguei ao meu objetivo traçado em nível de educação, está na “casa” Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, é muito gratificante e prazeroso. Decerto, que ao escrever este capítulo sobre a minha trajetória de vida, me possibilitou rever as minhas memórias, as minhas lembranças, as minhas lutas e acima de tudo as minhas conquistas que são incalculáveis, hoje posso dizer que o meu caminho é de vitórias. Vivi também momentos de festa, fui homenageada por várias turmas, me sentia muito lisonjeada.

Foto 19: Homenageada em 03 turmas de Pedagogia



Fonte: Arquivo pessoal (2016 e 2017).

Gratidão por todas as experiências, pela minha família, pelas amizades lindas que conquistei ao longo da minha caminhada, por todas as conquistas acadêmicas e profissionais, gratidão pela fé que tenho e que me faz crer, ainda mais, que mesmo diante das adversidades e perdas eu tenho um Deus que cuida de mim, todos os dias no caminhar da vida.

3 PELOS CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO NO RASTRO DA LITERATURA

Ontem um menino que brincava me falou, o hoje é semente do amanhã

Para não ter medo que esse tempo vai passar, não se desespere não, não pare de sonhar. Nunca se entregue, nasça sempre com as manhãs, deixe a luz do sol brilhar no céu do seu olhar. Fé na vida, fé no homem, fé no que virá, nós podemos muito, nós podemos mais, vamos lá pra ver o que será. (GONZAGUINHA, 1984.)

Iniciando esse diálogo, trago fragmentos dessa música do grande cantor e compositor Gonzaguinha, que para mim é repleta de significados a começar pelo título “Semente do Amanhã”, as estrofes dessa música representam bem o que eu penso sobre a vida. Além de que, desde sempre durante o acúmulo de saberes e conhecimentos da minha existência, uso a metáfora da semente para abordar diversas situações.

Quando, por exemplo, eu falo para uma criança a maneira como ela foi concebida, faço a relação desse momento com o cultivo da semente, falo que ela foi uma sementinha plantada na barriga da mãe, que nasceu e vai crescer. Quando estou nas reuniões da escola, com os pais e familiares dos/as alunos/as, faço também a relação da plantinha com os filhos/as, que precisam ser cuidadas, regadas, cultivadas através do amor, do diálogo, da orientação para que assim, num futuro muito próximo eles deem frutos e frutos bons.

Plantar uma castanha também demanda muito tempo, e para que nasçam cajus e castanhas de qualidade é necessário esperar um extenso período, de no mínimo (4) quatro anos. Na vida de uma criança é praticamente a mesma coisa, é preciso ter paciência para plantar, semear e colher.

Para Zagury (1993, p.123) “O pai e a mãe são as primeiras e mais importantes figuras da emoção infantil. Deles lhes vem tudo, alimentação, segurança, amor, carinho e estabilidade, são os polos primeiros do prazer e dor”. Sendo assim, é necessário que os pais tenham uma conduta mais afetuosa, para que possam lidar com todas as questões que envolvem o emocional desses seres em desenvolvimento.

Entender o ambiente que envolve a criança é de suma importância para poder entender como se dará o desenvolvimento da aprendizagem desta no ambiente escolar. Neste sentido Entrikin (2003) *apud* Pereira (2008 p. 145), atenta para os lugares como “um espaço gerador de identificação, a uma relação de experiência entre o sujeito no lócus”, ou seja, assim como o núcleo familiar é importante para a formação da criança, o meio social no qual ela convive também contribui diretamente para este processo e desta forma deve ser considerado como aspecto modificador.

Cotidianamente dizemos que a escola é o segundo lar das crianças, é quando a criança sai da convivência com os seus familiares e passa a fazer parte da experiência com o outro, com o diferente, um mundo bem maior, com a vida em sociedade. É nessa comunicação com a escola que a criança estabelece suas primeiras relações fora da convivência familiar. Diante disso é importante que a escola ao pensar o Currículo tenha muita clareza e responsabilidade na elaboração deste, observando as necessidades e a realidade educacional das crianças.

Compreender o contexto no qual a criança vive e se desenvolve, nos permite também entender sua história e consequentemente descrevê-la. Lani-Bayle (2008, p. 297) explicita bem este cenário quando fala que:

Estudar a parcela dos acontecimentos que se revelaram marcantes na vida de cada um, do modo de como as narrativas os manifestam, e segundo o grau de proximidade experimentada, tanto no espaço quanto no tempo, põe em evidência a antecipação aprisionante, na construção dos saberes, partindo-se dos mais próximos e familiares para os mais distantes.

Conceber sobre a história de vida dos indivíduos e poder escrever sobre suas histórias nos permite fazer uma autorreflexão, inclusive sobre nossa própria história de vida, contribuindo assim diretamente para a nossa formação educadora, relacionando teoria e prática.

Quanto a isso Josso (2010, p. 207) explicita:

As discussões à volta da escrita da narrativa da história de vida de cada um são, assim, oportunidades para uma reflexão da escrita nas aprendizagens intelectuais e, mais amplamente ainda, sobre o impacto formador de um trabalho de escrita que exige uma implicação pessoal intensa.

Desta forma, a prática da narrativa das histórias de vida dos indivíduos possibilita não apenas entendê-los e compreender sua realidade, melhorando assim o fazer pedagógico aplicado no seu desenvolvimento escolar. Mas, também faz com que nós educadores/as reflitamos sobre nossas próprias histórias de vida e fazeres educacionais.

3.1 Ouvir, registrar, interpretar: o que dizem os estudos dos autores

Com vista a compreender os questionamentos que me guiam neste estudo, busquei trilhar os caminhos de uma pesquisa bibliográfica para que não haja esforços sem resultados significativos. É importante considerar a pertinência dos dados encontrados neste levantamento, a respeito disto Macedo, Galeffi e Pimentel (2009, p. 104) diz que:

É preciso insistir sobre a pertinência dos “dados”, e sobre a consistência que deve existir entre as questões da pesquisa e a coleta destes. Algumas dificuldades podem levar à desqualificação de uma pesquisa qualitativa: insuficiência de fontes e “dados”: o pesquisador não obteve evidências o bastante para garantir certas asserções; falta de diversidade no estabelecimento de fontes e “dados”: ausência de evidências apoiadas sobre “dados” obtidos a partir de fontes variadas; erro de interpretação: o pesquisador não compreendeu os aspectos-chaves da complexidade da ação ou os significados atribuídos pelos atores aos acontecimentos e ações.

Em relação à pesquisa qualitativa Minayo (2001, p. 21) informa bem o que desejo com esta pesquisa quando afirma:

[...] se preocupa, nas ciências sociais com o nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Considerando a importância da pesquisa qualitativa devo pontuar que não só os dados apurados durante esse tipo de pesquisa são importantes, mas também os elementos que se emprega nessa busca. Diante disso é importante ressaltar que o pesquisador deverá ter um objetivo bem delineado daquilo que busca nos bancos de periódicos, por exemplo, quanto a isso, Ferreira (2002, p. 259) afirma que:

Sustentados e movidos pelo desafio de conhecer o já construído e produzido para depois buscar o que ainda não foi feito, de dedicar cada vez mais atenção a um número considerável de pesquisas realizadas de difícil acesso, de dar conta de determinado saber que se avoluma cada vez mais rapidamente e de divulgá-lo para a sociedade, todos esses pesquisadores trazem em comum a opção metodológica, por se constituírem pesquisas de levantamento e de avaliação do conhecimento sobre determinado tema.

A compreensão a respeito de um estudo que contemple determinado tema é de grande valia no processo de construção da ciência. Decerto, almeja-se construir uma investigação que busque informações sobre o conhecimento já existente nas produções científicas e que muitas vezes ficam desconhecidas dos pesquisadores.

O presente estudo faz uma revisão de literatura acerca do tema “A descasca da castanha como tema inerente ao currículo da infância: “memórias e vivências nas vozes das crianças”. Faz-se importante ressaltar que uma revisão de literatura, é de suma importância para o bom planejamento da pesquisa, pois esta contribui de forma significativa principalmente na elaboração do problema a ser pesquisado. Nessa perspectiva, Luna (2009, p. 50) discorre que “[...] uma revisão de literatura é uma peça importante no trabalho

científico e pode, por ela mesma, constituir um trabalho de pesquisa (basta rever os critérios apontados para caracterizar uma pesquisa e garantir que eles sejam atingidos). ”

Diante do exposto, é importante destacar que a revisão de literatura é uma metodologia que ajudará o pesquisador no planejamento do referencial teórico da pesquisa. Embora esse tipo de pesquisa seja relevante no planejamento da organização do referencial teórico e na elaboração de uma pesquisa científica, ela também apresenta alguns riscos ao pesquisador, principalmente no tocante à normatização.

Luna (2009, p. 85) enfatiza ainda que:

Uma revisão de literatura que procure recuperar a evolução de determinados conceitos enfatiza aspectos muito diferentes daqueles contemplados em um trabalho de revisão que tenha como objetivo, por exemplo, familiarizar o pesquisador com o que já foi investigado sobre um determinado problema de interesse.

Contudo, é importante salientar que a revisão de literatura objetiva aproximar o pesquisador do assunto pesquisado e que não existe uma regra única para a escrita. Cada pessoa tem um estilo próprio de elaborar e construir o caminho de busca que norteará a sua pesquisa, o que não dispensa o pesquisador de seguir normas e métodos que garantam a cientificidade do trabalho.

Portanto, buscou-se pesquisar as informações em várias bases como no Portal de Periódicos CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior que resultou na recuperação tanto de artigos científicos como de livros, no Portal Scielo onde se recuperou apenas artigos científicos e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), na qual foi possível resgatar alguns poucos trabalhos com o tema pesquisado. Desse modo, objetivou-se percorrer os caminhos da pesquisa, analisando as semelhanças entre os resultados obtidos com pretensão de conhecê-los mais profundamente, observando as discussões envolvidas, suas metodologias e conclusões. Esta é uma etapa bastante significativa para o desenvolvimento da pesquisa, para isso o pesquisador deverá ter o objetivo bem delineado daquilo que está buscando, quanto a isso Ferreira (2002, p. 259) afirma que:

Sustentados e movidos pelo desafio de conhecer o já construído e produzido para depois buscar o que ainda não foi feito, de dedicar cada vez mais atenção a um número considerável de pesquisas realizadas de difícil acesso, de dar conta de determinado saber que se avoluma cada vez mais rapidamente e de divulgá-lo para a sociedade, todos esses pesquisadores trazem em comum a opção metodológica, por se constituírem pesquisas de levantamento e de avaliação do conhecimento sobre determinado tema.

Decerto, almejava-se construir uma investigação que delineie uma paisagem sobre o conhecimento já existente nas produções científicas já publicadas, a fim de utilizá-los com aporte teórico para construção do estudo em questão.

3.2 Do desafio do conhecimento à construção dos caminhos da pesquisa

O contato com a pesquisa iniciou-se em meados de dezembro de 2019, decorrente da atividade proposta na disciplina de Pesquisa em Educação, que sugeria a construção de um artigo científico que fizesse uso do método Estado da Arte. De acordo com Ferreira (2002, p. 257):

“Estado da arte” ou “estado do conhecimento”. Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários.

Apesar do desconhecimento prévio sobre o método, vale ressaltar que a metodologia utilizada na referida atividade favoreceu efetivamente as buscas posteriores para construção deste estudo. Como citei anteriormente, a pesquisa teve início durante a disciplina do Mestrado, Pesquisa em Educação, quando fomos motivados a construir um estudo de caráter bibliográfico, descrito pela docente da disciplina como estado da arte. Foi um estudo bastante aprofundado, pois trouxe outros elementos que embasam e fundamentam os critérios de busca de referenciais teóricos, ainda desafiador pela falta de familiaridade com a temática.

Porém é preciso desbravar novos caminhos e enfrentar desafios. Os meios utilizados para a pesquisa foram os portais da CAPES, BDTD e SCIELO. A respeito da pesquisa bibliográfica Gil (2008) diz que essa possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto.

Alguns pesquisadores do “estado da arte: apresentam pensamentos divergentes, uns lidam com certa tranquilidade no mapeamento que se propõem a fazer, outros buscam produções acadêmicas, a partir dos resumos publicados, outros buscam em fontes - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - como ANPED é uma entidade sem fins lucrativos que congrega programas de pós-graduação stricto sensu em

educação, professores e estudantes vinculados a estes programas e demais pesquisadores da área. Ela tem por finalidade o desenvolvimento da ciência, da educação e da cultura, dentro dos princípios da participação democrática, da liberdade e da justiça social. Outros buscam os trabalhos na sua totalidade, para exemplificar esse fato para Megid (1999), por exemplo, em sua tese de doutorado considera que as pesquisas identificadas como do “estado da arte”, podem ser baseadas na leitura e análise dos resumos publicados em catálogos das instituições. A autora assim se expressa:

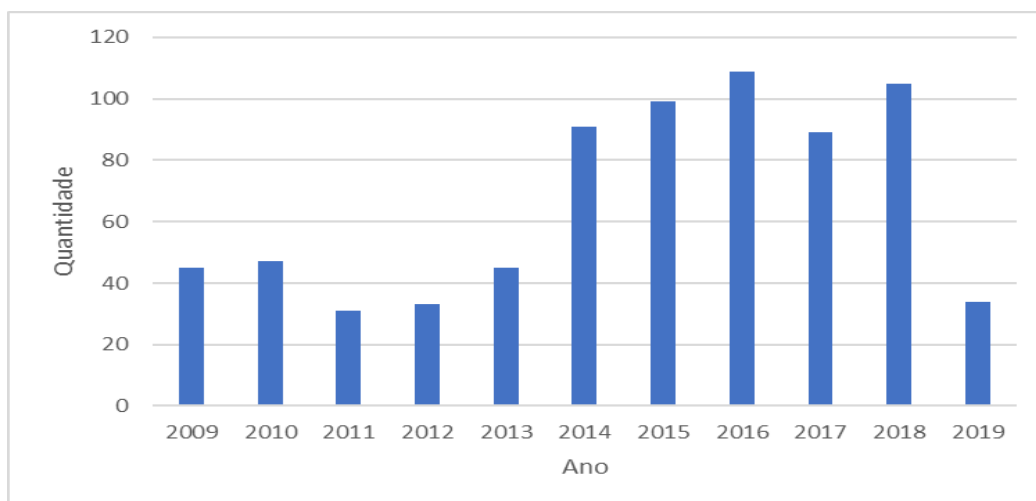
Toda essa discussão tem por objetivo expressar algumas limitações dos catálogos ou bancos de dados sobre a produção acadêmica, no que se refere a uma divulgação adequada da mesma. Os dados bibliográficos dos trabalhos já permitem uma primeira divulgação da produção, embora bastante precária. Os resumos ampliam um pouco mais as informações disponíveis, porém, por serem muito sucintos e, em muitos casos, mal elaborados ou equivocados, não são suficientes para a divulgação dos resultados e das possíveis contribuições dessa produção para a melhoria do sistema educacional. Somente com a leitura completa ou parcial do texto final da tese ou dissertação desses aspectos (resultados, subsídios, sugestões metodológicas etc) podem ser percebidos. Para estudos sobre o estado da arte da pesquisa acadêmica nos programas de pós-graduação em Educação, todas essas formas de veiculação das pesquisas são insuficientes. É preciso ter o texto original da tese ou dissertação disponível para leitura e consulta (MEGID, 1999, p.54).

Quanto a lisura deste tipo de pesquisa faz-se necessário uma análise mais ampla do trabalho, que vá para além dos resumos dessas fontes de produções acadêmicas, esses estudiosos nos levam a buscar outros questionamentos como por exemplo: um resumo poderia ser lido como parte de um todo? Que relação poderia ser feita entre cada resumo e o trabalho que lhe deu origem? Estas são perguntas necessárias no momento em que o pesquisador busca elencar as informações para a construção dos dados.

Nesta busca em construir o conhecimento almejado trilhamos o caminho da Revisão de Literatura que irá fornecer embasamento teórico para o trabalho, como também nos ajuda a dialogar com as referências localizadas, inserindo os resultados na construção de um trabalho científico.

As buscas preliminares foram realizadas no portal de periódicos da CAPES, entre 2009 e 2019. O primeiro termo utilizado foi “descasca da castanha”, com base nesse descritor, foi possível encontrar apenas 01(um) artigo o qual falava sobre a questão alimentar com a castanha, e claramente não era o tema pesquisado. Realizando uma nova tentativa foi utilizado o termo “narrativas de crianças”, surgiram 728 (setecentos e vinte e oito) publicações entre artigos, livros, resenhas e outros formatos de material informacional (Gráfico 1). Neste caso seria necessário utilizar muitos filtros para reduzir esse número de publicação.

Gráfico 1 – Resultado da busca com o descritor “narrativas de crianças”



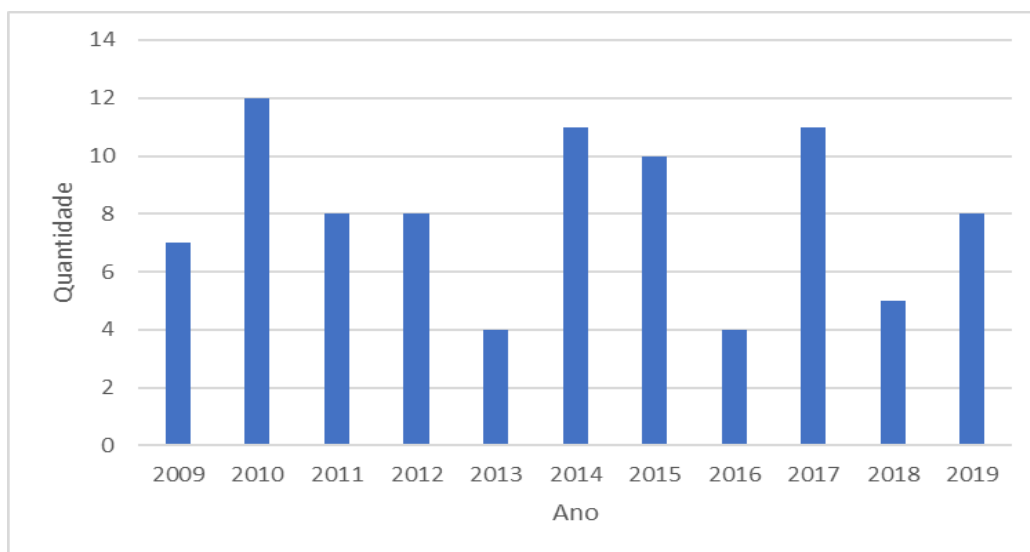
Fonte: Arquivos da pesquisadora (2019).

Diante da insatisfação com os resultados, já que não se adequavam ao propósito do presente estudo foi realizada mais uma tentativa, desta vez utilizando o termo “Narrativas de professoras com as castanhas”, resultando apenas em 02 (dois) artigos com essa temática, sendo que um abordava as escritas e narrativas sobre alimentação e Cultura e o outro estava com o acesso indisponível.

Quanto mais evidente se apresentava esse primeiro momento da pesquisa, mais empenho era empregado e com isso, novas buscas eram realizadas. Por último utilizou-se o termo “cultura escolar” e na tentativa de filtrar ainda mais os resultados foi feita a opção por artigos publicados em periódicos revisados por pares, publicados entre o período de 2010 a 2019, o que resultou em 230 (duzentos e trinta e dois artigos). Ao fazer uma leitura das informações básicas disponíveis sobre os artigos, chegou-se à conclusão que em sua maioria faziam parte de áreas diferentes a da Educação, que não era o foco da pesquisa.

À medida que a pesquisa se desenrolava, era revelado o insucesso nas buscas e em uma segunda fase dessa pesquisa, ainda no âmbito do Portal de Periódicos CAPES, foram realizadas mais algumas tentativas, desta vez a partir do termo simples “castanha”, com os filtros para artigos apresentados na língua portuguesa, compreendidos entre 2009 e 2019 (Gráfico 2). Desta vez obteve-se 88 (oitenta e oito) publicações, no entanto não havia nenhuma que contemplasse a área da educação, em geral versavam sobre as áreas de agronomia, agricultura e saúde.

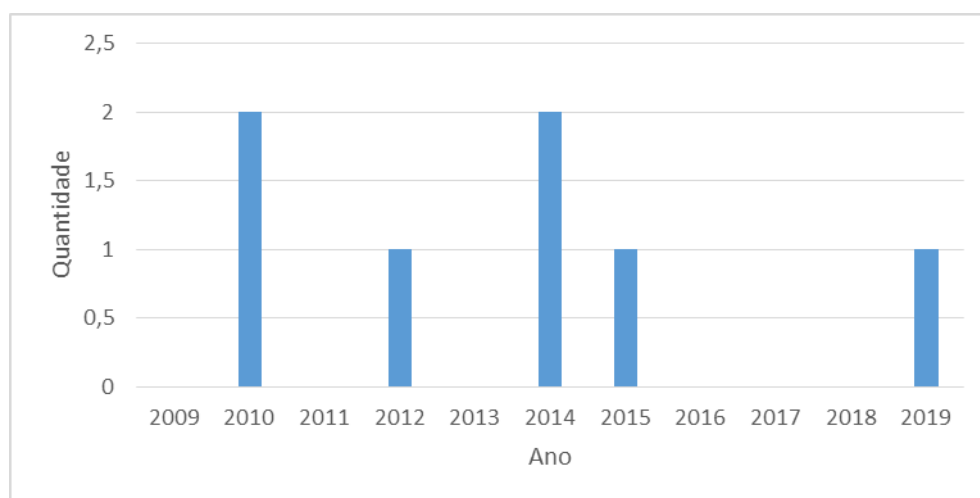
Gráfico 2 – Pesquisa com a Palavra-Chave “Castanha”



Fonte: Arquivos da pesquisadora (2019).

Como era preciso manter o foco, deu-se continuação a pesquisa e desta vez utilizou-se o termo “histórias de vida com castanhas” (Gráfico 3), com o recorte temporal entre 2009 a 2019, obtendo o total de 10 (dez) publicações com a temática. Perante a possibilidade de encontrar mais alguns artigos, aumentou-se o recorte temporal para o período de 2006 a 2019, o que não apresentou aumento nos resultados. Das publicações encontradas, 07 (sete) eram artigos, dos quais 02 (dois) na língua inglesa, e 03 (três) eram livros, todos indisponíveis integralmente para leitura. A falta de pesquisas com essa temática é notória como nos apresentam os resultados a seguir.

Gráfico 3 – Pesquisa com o termo “histórias de vida com castanhas”



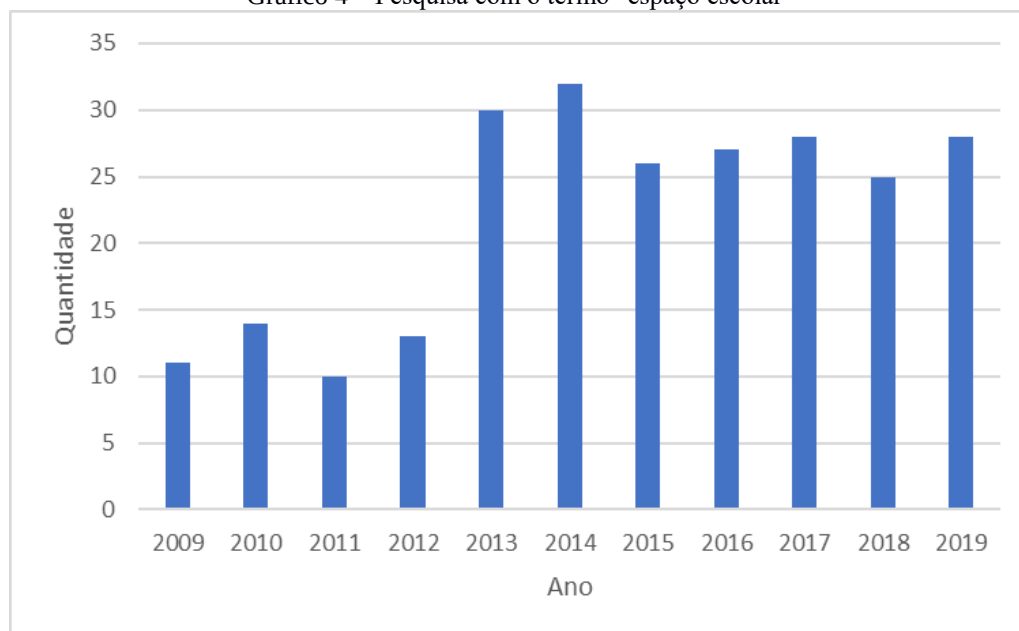
Fonte: Arquivos da pesquisadora (2019).

A partir deste resultado, escolheu-se três publicações que destacaram-se, são elas: o livro intitulado **Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura** (2008), os autores tratam de estudos sobre a alimentação e cultura e tem como foco escritas e narrativas, sobre o comer em grupos e em lugares diversos. O livro **Obesidade e saúde pública** (2006) o livro aborda a questão do avanço da alimentação do tipo *fast food*, lembrando que o Brasil está entre os cinco países que mais cresceram nos últimos anos entre todos os mercados da rede McDonald's no planeta.

E o artigo intitulado **Mulheres da floresta do Vale do Guaporé e suas interações com o meio ambiente** (2010), encontrou-se a análise de como as mulheres quilombolas do Vale do Guaporé, através de suas práticas cotidianas e seus modos de vida, constroem seus saberes ambientais, promovendo o desenvolvimento sustentável. A discussão relacionada à construção de domínio dos saberes das mulheres relativos à floresta e aos rios se deu através de diálogos contidos em entrevistas realizadas com elas que retratam suas experiências no seio da floresta como seringueiras, castanheiras, pescadoras e curandeiras, revelando como utilizam os recursos naturais, preservando o meio ambiente. Pode-se perceber que ainda assim a busca não trouxe resultados satisfatórios, sendo necessário buscar alternativa, que oferecesse resultados que atendessem às necessidades do estudo.

Visando obter estudos mais complexos, a pesquisa foi redirecionada para a BDTD e as experiências anteriores na escolha dos descritores foi fundamental para a escolha de novas possibilidades. O termo utilizado na ocasião foi “espaço escolar”, durante o período de 2009 a 2019 em um primeiro momento optou-se pelo repositório institucional da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), a escolha pela instituição deu-se pelo fato, da mesma ter várias publicações na área da educação, demonstrando assim familiaridade com a área. O resultado foi 244 publicações, sendo 82 teses e 162 dissertações, no entanto nenhum dos resultados correspondia diretamente a minha necessidade (Gráfico 4).

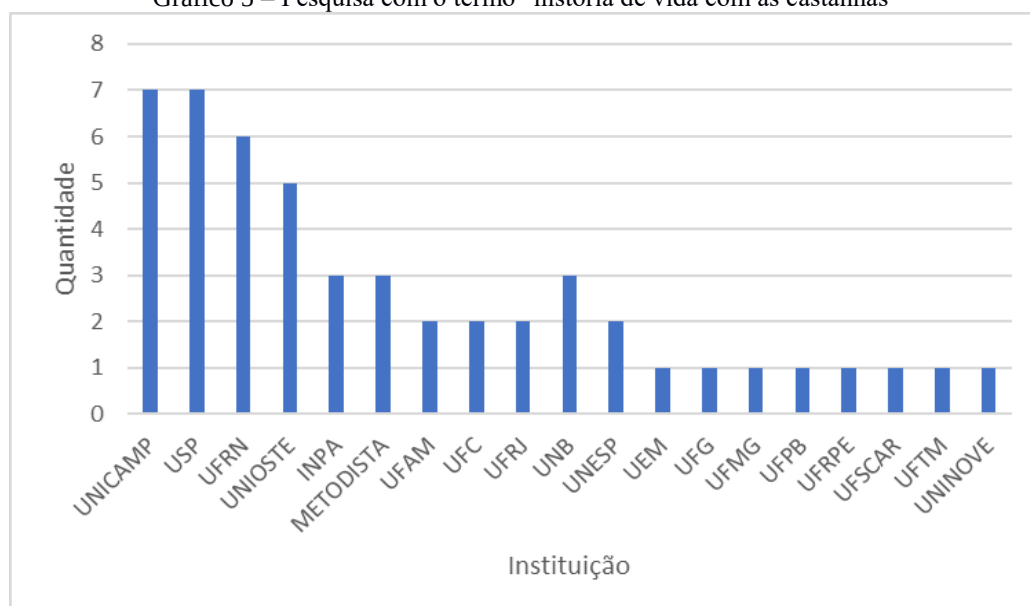
Gráfico 4 – Pesquisa com o termo “espaço escolar”



Fonte: Arquivos da pesquisadora (2019).

O processo de busca de dados é de suma importância, afinal seus resultados farão parte do alicerce da pesquisa e até chegar nessa condição, é natural que ocorram várias tentativas até alcançar o resultado esperado. Sendo assim, trabalhando na perspectiva qualitativa da pesquisa considerou-se realizar mais uma tentativa de busca utilizando o termo “história de vida com as castanhas”. Foi uma busca livre, sem filtros, resultando num total de 50 (cinquenta) trabalhos (Gráfico 5).

Gráfico 5 – Pesquisa com o termo “história de vida com as castanhas”



Fonte: Arquivos da pesquisadora (2019).

Visando refinar ainda mais a busca, optou-se por delimitar a instituição, agora fazendo a escolha por uma que estivesse geograficamente mais próximo à realidade do âmbito da pesquisa, selecionou-se a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), chegando então à três (3) Dissertações e 3 (três) Teses, os quais serão detalhados a seguir.

Discorrendo sobre a tese de Reis (2018), que trata da seguinte temática: **Reinventar a Universidade, um ensaio sobre o grupo de estudos da complexidade (GRECOM/UFRN)**, a autora realiza sua pesquisa expondo fragmentos da história de uma experiência de reforma do pensamento que foi construído ao longo de 25 anos na UFRN. Ela busca em Morin, estudioso da teoria da complexidade, para dizer que no âmbito do ensino, pesquisa e extensão é possível empreender uma reforma da Universidade. O destaque para o referencial teórico deste trabalho foi Edgar Morin, Claude Lévi-Straus, Nuccio Ordine, entre outros, a autora também faz uso do acervo documental para a realização da pesquisa empírica.

Na busca pelo conhecimento a respeito das histórias de vidas narradas pelos sujeitos em construção permanente, e seguindo os trabalhos localizados no repositório da UFRN, Santos (2009) em sua tese, **Ensino de Entropia: um enfoque histórico e epistemológico**, o professor/a pesquisador/a objetiva com esse trabalho além de se fazer conhecer o conceito de entropia, propor a construção de um roteiro didático que se constitui num percurso histórico e epistemológico para a entropia. Ele tem ainda a intenção de contribuir com o ensino da física.

O pesquisador busca através de Bachelar (1884-1962) dizer que: “é possível tornar mais significativo o conhecimento a ser ensinado e aprendido”. Santos (2009) faz uso de um memorial com o objetivo de apresentar ao leitor um pouco das inquietações, interesses e reflexões que o meio foi tecendo ao longo da sua vida profissional e suas narrativas que o levaram a construir essa tese. As palavras-chave são: ensino de física, entropia, história da ciência e epistemologia da ciência. Para o autor a preocupação é “desvelar significados e humanizar o conhecimento científico” (SANTOS, 2009, p.04).

Outra tese localizada no repositório da UFRN, tem a seguinte titulação: **Sobre a Construção das Ideias Científicas ou Darwin e seus demônios**. Neste trabalho, Sousa (2017), vem nos dizer que Daimons são obsessões cognitivas inconscientes que dominam os pensamentos dos sujeitos. Para o autor acima citado, tudo isso são frutos de experiências vividas, da educação escolar e familiar e dos traumas que marcam as histórias das pessoas (SOUSA, 2017). Para a realização desta pesquisa, o autor se inspirou em Edgar Morin, através do exercício exegese para compreender o porquê de trabalhar com as ideias positivistas de Darwin. As palavras-chave usadas foram: Complexidade, Implicação do

sujeito na ciência. Portanto boa parte da pesquisa está relacionada às histórias de vida relatadas pelo autor da tese.

Após a leitura de todos os resumos e suas considerações finais percebo que as teses disponibilizadas não tinham nenhuma relação com o meu objetivo. Era preciso continuar os desdobramentos do estudo. No entanto, ainda dentro dos resultados obtidos, três trabalhos dissertativos seriam lidos na esperança de encontrar algum estudo relacionado ao objetivo inicial da pesquisa.

A primeira dissertação localizada tem como título, **A formação do professor em diferentes espaços socializadores: Um olhar sobre os alunos do curso pedagogia da Terra** (2006). Costa (2006), faz uma pesquisa a respeito da formação do professor, destacando principalmente elementos que constituem a cultura. Dentro desse contexto histórico-cultural, o autor citado, elencou como referência para essa pesquisa, quatro espaços de formação: a Família, a Escola, o Trabalho e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra/MST. Observando, como os professores se referem a esses espaços destacando, em particular, os aspectos formativos apontados. As palavras chaves contidas nessa obra são: Formação de professores, Educação do campo e Identidades.

Realizada a leitura referente a dissertação de Costa (2006), identificou-se alguns pontos que estão contidos na pesquisa em questão, como por exemplo, as análises utilizando textos narrativos, que no âmbito da pesquisa em construção dar-se-á através das Histórias de Vida. Sobre este tema Josso (2010, p. 100), diz que:

Na abordagem “histórias de vida e formação”, a reflexão sobre a vida é centrada em salientar as experiências que consideramos significativas para a compreensão do que nos tornamos, nesse dia, e de que forma chegamos a pensar o que pensamos de nós mesmos, dos outros, do nosso meio humano e natural.

Seguindo essa linha de pesquisa, buscou-se conhecer experiências de professoras e de crianças que vivenciam a realidade da descasca da castanha como forma inerente de viver. Tecendo os caminhos da pesquisa, identificou-se também a Tese da professora Hostina Maria Ferreira do Nascimento da UERN, intitulada **Mala na mão, pé na estrada, à procura de uma pedagogia das singularidades**. Nascimento (2008, p. 08) diz que: “[...] para apresentar uma arqueologia dos saberes inscritos nestas histórias de vida, escolhi um estilo narrativo comprometido com a simplicidade e com a leveza”. Nesse trabalho a autora busca como referências principais os estudos de Edgar Morin e de Paulo Freire, ambos discutem a ideia dos conceitos de assunção, da identidade cultural e do diálogo.

Quanto à questão cultural e dialógica, Freire (1963, p. 11) aponta que “um outro dado que partíamos era de que a educação trava uma relação dialética com a cultura. Desta forma, a nossa ciência educativa não poderia sobrepor-se à realidade contextual nossa”. A questão dialética e cultural em Freire é algo presente em suas discussões, é preciso que na relação entre escola e aprendizes esteja presente o diálogo como construção de conhecimento. Pode-se inferir que não se deve desconsiderar as questões culturais envolvidas no cotidiano dos indivíduos que vivenciam a descasca da castanha. A principal característica identificada na escrita da dissertação de Nascimento (2008) é a leveza e a forma simples como as palavras são colocadas de maneira que envolve o leitor. As palavras-chave usadas são: Religação de saberes, Histórias de vida, Diálogo, Método como estratégia, Formação de professores e Pedagogia.

A dissertação de Oliveira (2004), intitulada: **Infâncias: o lugar do lúdico nas tramas do trabalho infantil**, discorre sobre o viver das crianças frutos de uma cultura que ainda insere esses pequeninos seres no trabalho infantil. É uma pesquisa de cunho qualitativo. A autora discute a palavra, como símbolo de comunicação por excelência, e a interação entre o pesquisador e os atores sociais estudados, como parte fundamental da investigação qualitativa, e tem como objetivo investigar como as crianças em situação de trabalho vivenciam o brincar em seu cotidiano.

O trabalho está dividido em seis (06) capítulos, dentre estes destaco três que fazem um link com a minha pesquisa. O capítulo (1) um, Infâncias: um processo histórico-cultural que trata de sentimento de infância no século XX. O capítulo (3) três a pesquisadora traz o título: O trabalho infantil; o qual está subdividido em três (03) tópicos, a saber: Por que as crianças trabalham. A situação do trabalho infantil produtivo no Brasil; Consequências da exploração do trabalho infantil; As piores formas do trabalho infantil e o combate do trabalho infantil produtivo. Por fim, o capítulo seis, fala sobre o lugar do lúdico no cotidiano de crianças que trabalham no beneficiamento da castanha de caju. Aqui me encontrei.

Neste trabalho entre tantas teorias do desenvolvimento a autora aborda a teoria sócio histórica e do ponto de vista da legalidade, se faz presente o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que diz:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 1990, documento não paginado).

Outros autores trazidos para discussão nesse trabalho são: Irene Rizzine e Irma Rizzine (1993) e M. Silvia, (2003), estas relatam que a maior incidência de casos de trabalho infantil ocorre nos países de industrialização intermediária e subordinada, por exemplo, nos países asiáticos e latino-americanos, onde se vem deteriorando prematuramente a força humana de trabalho das crianças e jovens, mediante a exploração invisível e a informalidade do mundo do trabalho.

Rizzine (1993) destaca que o trabalho infantil é uma questão presente há muito tempo no Brasil. Ela diz também que com a extinção da escravatura iniciou-se um “[...] processo de organização racional de um mercado assalariado, condição básica para que as relações capitalistas pudessem dominar plenamente a economia brasileira” (RIZZINE, 1993, p. 31 *apud* OLIVEIRA, 2004, p.67).

A leitura desse trabalho foi puro deleite ao perceber a semelhança com as aspirações que norteiam a construção da minha pesquisa de Mestrado, que é compreender as contribuições da descasca da castanha para o currículo escolar, a partir das narrativas de vivências das crianças verificou-se que todo esse processo de pesquisa em busca de embasamento para construção de uma revisão de literatura pertinente aos objetivos da pesquisa permitiu não só exercitar o “fazer pesquisa”, mas também catalogar os dados obtidos para eventual necessidade posterior. Constatou-se também a dificuldade em encontrar trabalhos relacionados ao tema pesquisado, só foi possível chegar a um resultado após várias repetições nas buscas e tentativas com diferentes descritores. Ficou notório que o maior impasse se deu no Portal de Periódicos CAPES, no qual não obtive os resultados esperados.

Direcionando a pesquisa para outro instrumento, a utilização da BDTD foi onde os resultados mostram-se mais consonantes com a pesquisa proposta. Dentre as seis publicações encontradas, apenas três chamaram a atenção, sendo elas dos autores Gilberto Costa (2006), Hostina Nascimento (2008), Indira Oliveira (2004). Apesar de não abordarem a temática exata do meu estudo, cada um dos autores acima contribui de alguma forma para a construção inicial do desenvolvimento da pesquisa.

Na dissertação de Costa (2006) ele aborda a questão do diálogo envolvendo a família e escola, sob a perspectivas dos professores, com base nos registros de suas falas, demonstrando como esses momentos contribuem para o desenvolvimento do pensar e agir dos mesmos. Desta forma, a questão de como o diálogo família-escola é abordado, é totalmente pertinente às narrativas de história de vida de indivíduos que sobrevivem do trabalho artesanal da descasca da castanha e sendo assim possuem uma identidade cultural muito particular.

Na dissertação de Nascimento (2008) a autora, entre outros aspectos, também trata do diálogo e da identidade cultural apresentando o cenário da sua pesquisa através de uma narrativa envolvente, fazendo de forma poética uma verdadeira viagem por meio das palavras, na construção do seu trabalho. A forma como Nascimento (2008) escreve me chama muito a atenção, a abordagem acerca das histórias de vida dos sujeitos tem semelhança com aquilo que busco.

Na última dissertação analisada, a de Oliveira (2004) que discorre sobre o trabalho infantil, apesar de não ser foco da minha pesquisa, embora haja uma ligação, visto que é justamente em decorrência das experiências e vivências das crianças com a descasca da castanha, é notório a demanda e a inserção dessa temática no currículo escolar. No entanto, o estudo é realizado no contexto das famílias que sobrevivem da descasca da castanha e que inserem as crianças nessa atividade laboral, como um meio de ajudar na sobrevivência familiar. A autora atenta para a construção da abordagem sócio histórica dos indivíduos, bem como o desenvolvimento humano destes, tem como principal ponto de partida as condições sociais às quais estas crianças fazem parte, não deixando de observar os aspectos legais, enquanto legislação, que trata do bem-estar dos pequenos.

Diante do exposto, o trabalho de Oliveira (2004), tem muito a acrescentar para o desenvolvimento das narrativas de histórias de vida das crianças que convivem com a descasca da castanha, primeiro por se tratar de um trabalho realizado em uma pequena comunidade do município de João Câmara/RN, coincidindo com a proposta da pesquisa de estudar os indivíduos também de uma comunidade, que vivenciam a mesma realidade, no entanto em um município do Oeste Potiguar. Outro aspecto compartilhado, diz respeito ao desenvolvimento humano, de como ele é afetado pelo contexto social, cultural e familiar, refletindo diretamente no ambiente escolar, principalmente no processo de aprendizagem dos aprendentes.

3.3 Nas relações da arte de fazer e saber, um olhar sobre os desdobramentos do estudo

Fazer ciência é uma arte. Montar o quebra-cabeça das pesquisas algumas vezes é bastante desafiador, requer do pesquisador empenho e sutileza para observar as particularidades de cada etapa desenvolvida, possuindo um olhar atento no que tange o objetivo desejado.

Mesmo sob todos esses cuidados muita coisa poderá não ser notada, primeiro porque o conhecimento produzido pela ciência não é totalizante no sentido de abarcar todas as coisas, é sempre um saber parcial; por outro lado, o olhar do pesquisador é sempre seletivo, visto que impregnado por saberes, concepções, interesses etc.

Com isso, é natural que no decorrer desse processo o pesquisador tenha que se desprender das suas convicções, de forma que outras novas possam surgir. Dando continuidade ao processo de fazer ciência, decidiu-se utilizar a base de dados Biblioteca Digital Scielo. À vista disso, foram utilizados basicamente os mesmos termos das buscas anteriores, na esperança que nesta nova plataforma fossem alcançados novos resultados. Para todas as buscas realizadas no Scielo, obedeceu-se ao recorte temporal de 2009 a 2019, além dos filtros nas áreas temáticas: Educação e Educação e Pesquisa, coleção: Brasil e idioma: português.

A primeira tentativa foi com o termo “castanha” e resultou em apenas 02 (dois) artigos, que contemplavam o âmbito da História da Educação. Para o termo “descasca da castanha” não foram encontrados nenhum documento, igualmente ocorreu com o termo “histórias de vida com as castanhas”.

Posteriormente, utilizei o termo “narrativas de crianças”, resultando num total de 23 (vinte e três) artigos. Deste total alguns abordavam temáticas voltadas para a área da saúde, outros para a sociologia educacional, outros ainda tratavam da narrativa no âmbito da formação docente e apenas 03 (três) artigos continham algo que se aproximavam do assunto pesquisado, os quais serão detalhados no quadro a seguir.

Quadro 1 – Descrição dos artigos resgatados no Scielo com o termo “narrativas de crianças”

Título	Dados da Publicação	Referencial Teórico	Objetivo	Características Metodológicas	Resultados
Desafios da diversidade em sala de aula: um estudo sobre performances narrativas de crianças imigrantes	Luciana Hartman (2017)	HARTMANS, N. (2015), SCHECHNER(1988, 2010), SANTIAGO; AKKARI; MARQUES (2013), MESMIN (1995).	Refletir sobre o poder da performance de narrativas de crianças imigrantes não apenas na tradução e organização de suas experiências escolares de contato com alteridade e com a diversidade, mas, sobretudo, na criação e transformação dessas experiências diante da realidade da vida no novo	Etnográfico-propositiva de cunho qualitativa. Atividades lúdicas, para o favorecimento da narrativa, entrevistas.	Constatou-se que nesse contexto, as performances narrativas constituem um elemento importante não apenas na tradução e organização das experiências dessas crianças imigrantes, mas, sobretudo, na criação e transformação dessas experiências

			país (França).		diante da realidade de vida no novo país.
História coletiva e construções subjetivas: uma trama de narrativas em uma creche comunitária	Vanessa Ferraz Almeida Neves (2013)	BENJAMIN (1984; 1994) BOSI (1994) KRAMER (1998; 2004) NEVES (2005; 2008) RICOEUR (1976; 1981) VYGOTSKY (2002)	Entrelaçar as narrativas de educadoras e fundadoras de uma instituição de educação infantil e suas práticas cotidianas com as crianças em uma periferia economicamente empobrecida de Belo Horizonte	Abordagem etnográfica, cunho qualitativo, observações diretas, entrevistas, análise das narrativas.	A partir da análise das narrativas das educadoras e das suas práticas cotidianas ficou evidente que a forma de rememorar implica e está implicada na maneira de reconstruir tais práticas, muitas vezes garantindo os direitos sociais das crianças atendidas e, outras vezes, impedindo esses mesmos direitos.
A desconstrução das narrativas e a reconstrução do currículo: a inclusão dos saberes matemáticos dos negros e dos índios Brasileiros	Wanderleya Gonçalves Costa; Vanisio Luiz Silva(2010)	HALL (2003) VEIGA (2000) COSTA; DOMINGUES; JESUS (2004)	Compartilhar alguns elementos que têm estado presentes nas reflexões sobre a inclusão dos saberes matemáticos dos negros e dos índios brasileiros no currículo da escola básica, a partir da problematização dos efeitos das narrativas e das contranarrativas nacionais no reconhecimento das especificidades desses povos e da própria identidade do povo brasileiro.	Abordagem etnográfica, cunho qualitativo, pesquisa bibliográfica.	Verificou-se a necessidade de os educadores repensarem suas práticas educacionais, buscando um maior conhecimento sobre as etnomatemáticas negras e indígenas, visto que a inclusão das culturas e das histórias dos negros e indígenas na escola é assegurado por Lei.

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Após leitura e detalhamento dos resultados obtidos, é possível identificar as semelhanças entre esses artigos e o estudo construído. O artigo “Desafios da diversidade em sala de aula: Um Estudo Sobre *Performances* Narrativas de Crianças Imigrantes” apresenta como as *Performances* narrativas estão sendo inseridas no contexto pedagógico, bem como suas contribuições nas vidas dos sujeitos ressaltando “a importância dos seus corpos, vozes, gestos, experiências, identidades étnicas, de gênero, raça e classe, que se inserem nos

processos de construção de conhecimento, tanto formais quanto não formais” Hartmann (2017, p. 47).

Traçando um paralelo com a vida das crianças que vivenciam a descasca da castanha, pode-se constatar que o exercício da narrativa (auto)biográfica da vida desses pequeninos, trazem à tona situações delicadas que, podem interferir diretamente em sua autoestima e por consequência atrapalhar o processo de construção tanto pessoal quanto educacional. Em ambos os casos, é indispensável o olhar cuidadoso do educador, pois é dele a responsabilidade da garantia de condições favoráveis aos processos de ensino-aprendizagem e de construção de saberes.

Apesar de Neves (2013) em seu artigo intitulado “História coletiva e construções subjetivas: uma trama de narrativas em uma creche comunitária”, tratar da narrativa principalmente sob a ótica das professoras, a principal familiaridade encontrada foi no referencial teórico, a qual foi delineada em autores como Bosi (1994) e Kramer (1998; 2004), ambos já abordados em capítulos anteriores deste estudo.

Nessa pesquisa, Neves (2013, p. 227) “explora as relações entre narrativa, memória e experiência em busca de um melhor entendimento das práticas das educadoras na construção de um contexto de cuidado e educação de crianças em uma instituição de educação infantil”.

Deste modo, assim como na pesquisa de Neves (2013), que através das narrativas das educadoras, observa-se as práticas cotidianas junto às crianças da educação infantil, o estudo em questão também pretende observar as práticas das educadoras, mas em detrimento as narrativas das crianças, observando como a prática pedagógica pode ser associada a um novo fazer pedagógico.

Por fim, no artigo de Costa e Silva (2010) com o título “A desconstrução das narrativas e a reconstrução do currículo: a inclusão dos saberes matemáticos dos negros e dos índios Brasileiros”. A narrativa apresentada é a histórica e cultural, a partir do conceito de etnomatemática, sob a ótica dos negros e índios brasileiros. Como base na fala de Costa e Silva (2010, p. 248) quando afirmam que:

[...] são frequentes os relatos de crianças e jovens negros tolhidos no seu desenvolvimento e autoestima por serem feridos na sua dignidade, na comparação de valores e saberes históricos, estéticos, familiares e sociais que tomam como referência a cultura dominante imposta a eles pelos currículos — como viremos a discutir nas próximas seções. Por sua vez, não raro, as culturas indígenas se fazem presentes no currículo de escolas não indígenas como um produto folclórico, como algo do passado e que não diz respeito à atualidade brasileira.

Na tentativa de abstrair as nuances das narrativas sob a ótica infantil e usufruir ainda mais do Portal Scielo, realizou-se outra busca desta vez com o termo “vozes de crianças”, mantendo todos os filtros citados anteriormente, o que resultou em 08 (oito) artigos.

Desses, 02 (dois) tratavam diretamente a questão das vozes da criança voltadas para o ensino e aprendizagem (quadro 2), enquanto que os demais abordavam a questão da formação profissional e violência contra a criança.

Dado o exposto, vale frisar que durante as várias tentativas de pesquisa, apesar de todos os filtros selecionados, mesmo assim apareciam resultados que não tinham articulação com o termo pesquisado, o que leva a crer que muitos outros que poderiam ter, não foram recuperados. Este cenário pode ser justificado pelas decisões dos respectivos autores dos artigos, seja no momento de escolher os descritores do resumo ou até mesmo na seleção do periódico para publicação.

O primeiro resultado foi o artigo de Cruz e Schramm (2019) intitulado “Escuta da Criança em Pesquisa e qualidade da Educação Infantil”, que embora não seja relacionado com crianças que vivenciam a descasca da castanha ou pelo menos, a alguma outra atividade equivalente, claramente identifica-se similaridades na abordagem social. Ficou evidente que essas crianças carregam consigo o peso do preconceito pela sua própria condição de vida. Essa situação por si só inibe a fala da criança na sociedade, o que não deveria acontecer no ambiente escolar.

Quanto a isso, Cruz e Schramm (2019, p. 30) reiteram sobre a importância de dar “voz” às crianças:

Ouvir as crianças com as quais trabalha é uma necessidade para que a educação infantil conheça esses sujeitos e possa melhorar a sua qualidade e, assim, cumprir o seu objetivo de promover o bem-estar e as aprendizagens e o desenvolvimento das meninas e meninos que frequentam turmas de creche ou pré-escola.

Em “Vozes de Crianças Pretas em Pesquisas e na Literatura: esperar é o verbo” , Araújo (2019) apresenta a educação literária como ferramenta pedagógica para trabalhar questões étnico-raciais. A partir de leituras ficcionais com sujeitos semelhantes à realidade dessas crianças pretas, busca-se instigar essas crianças à reflexão e a fala sobre seu papel na sociedade.

Araújo (2019, p. 3) destaca que a partir da educação literária “[...] que as vozes ecoem indicando caminhos para a construção, no espaço escolar, de um ambiente propício para a produção de subjetividades e identidades positivas, fortalecidas por laços de alteridade, respeito e reconhecimento”.

Tão importante quanto o falar é o escutar, de modo que os educadores precisam de uma formação que trabalhe esta competência e viabilize metodologias que se adequem à realidade dessas crianças normalmente excluídas da sociedade.

Quadro 2 – Descrição dos artigos resgatados no Scielo com o termo “vozes de crianças”

Título	Dados da Publicação	Referencial Teórico	Objetivo	Características Metodológicas	Resultados
Escuta da Criança em Pesquisa e Qualidade da Educação Infantil	Silvia Helena Vieira Cruz; Sandra Maria de Oliveira Schramm (2019)	CRUZ (2002; 2009; 2015; 2017; 2016); CORSI (2010); SCHRAMM (2009); MALAGUZZI.	Escutar crianças entre 0 e 5 anos, suas opiniões, desejos, reclamações, temores sobre temas como disciplina, brincadeiras, relações étnico-raciais e transição para o ensino fundamental	Qualitativa, exploratória, entrevista e observação direta.	Constatou-se que ao conhecer a perspectiva das crianças tem ampliado os conhecimentos sobre suas peculiaridades, sentimentos, necessidades e desejos sobre o trabalho desenvolvido nas instituições que frequentam. Também uma imagem mais positiva das crianças.
Vozes de Crianças Pretas em Pesquisas e na Literatura: esperar é o verbo.	Débora Cristina de Araujo; Lucimar Rosa Dias (2019)	CORSI (2010); RAMOS (2007); KRAMER (2005)	Ouvir crianças reais e ficcionais, com destaque para os discursos sobre/de crianças pretas, presentes em produções acadêmicas e literárias, com o intuito de que tais vozes nos ajudem a pensar em outras possibilidades de trato pedagógico das diferenças étnico-raciais, colaborando nos processos formativos de professoras e professores.	Qualitativa, exploratória, etnometodológica	Identificou-se que as crianças pretas da literatura infantil se apresentaram mais felizes do que aquelas das pesquisas acadêmicas, talvez porque no plano ficcional seja bem mais fácil concretizar sonhos de que todas as crianças vivam intensamente e ininterruptamente, sem qualquer obstrução à sua existência.
Desenhos e vozes no ensino de geografia: a pluralidade das favelas pelos olhares das crianças.	Juliana Maddalena Trifilio Dias (2013)	YI-FU TUAN; TUAN (1980); HOLZER (2003);	Compreender a leitura de mundo a partir da favela, considerando-se a pluralidade presente nas produções de sentidos e significados dos sujeitos que a observam.	Qualitativa, exploratória, entrevistas	Pode-se dizer que as favelas foram definidas pelos estudantes a partir de suas percepções e repletas de experiências por entre espaços e lugares, as quais enriquecem os diálogos no cotidiano escolar. O medo não foi relatado pelos alunos como um sentimento único, tampouco como uma barreira intransponível no convívio entre moradores e não moradores de favelas. Ao contrário, o medo suscitou dúvidas em relação à programação assistida e permitiu uma abertura para o encontro

					com o outro nessas cidades divididas.
--	--	--	--	--	--

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Percebo o quanto é importante observar o contexto social do qual os alunos fazem parte, para que os professores repensem suas práticas pedagógicas educacionais, pois acredita-se que dessa forma a apreensão do conhecimento torna-se mais efetiva. Saliento que o “observar” vai além de apenas olhar, inclui instigar a fala do aluno e a escuta atenta do educador, objetivando sempre promover medidas que façam do ambiente escolar e das suas atividades inerentes, momentos leves e prazerosos.

A medida que a pesquisa vai sendo desenvolvida novos conhecimentos vão sendo apreendidos, as dificuldades iniciais vencidas e a certeza de que o educador deve ser o agente facilitador da aprendizagem de seus educandos, levando em conta todo o contexto social que os envolve, torna-se cada vez mais presente nas leituras. Isso só confirma que o olhar cuidadoso do professor, faz toda diferença na construção do saber de seus/suas alunos/as.

Seguindo a nossa busca nesta construção da pesquisa relacionada aos objetivos desejados, buscamos pesquisas relacionadas ao currículo escolar. Pontuamos aqui algumas considerações sobre o currículo escolar como documento relevante para a instituição, sendo esse aspecto somente uma nuance do currículo, já que esse não se restringe única e exclusivamente a um documento.

O Currículo Escolar como documento é de grande importância para a educação. É necessário que ele esteja ajustado com o Projeto Político Pedagógico - PPP, com o currículo Potiguar, com as Diretrizes Curriculares Nacionais - DCN e com a mais nova política do ensino, que é a Base Nacional Comum Curricular - BNCC, alterada em 2019.

É importante ressaltar que são estes os documentos que norteiam e definem o processo de ensino e aprendizagem da educação escolar desde o nível local ao nacional. É no currículo escolar onde encontramos os objetivos, os conteúdos que norteiam o planejamento dos trabalhos que promovem a interdisciplinaridade, contendo ações que favoreçam o desenvolvimento cognitivo, intelectual, social e afetivo dos aprendentes para que assim o vínculo teoria/ prática fortaleça a aprendizagem dos/as estudantes.

Para o autor José Pacheco (2018), a referência mais remota ao termo “currículo” remonta ao século XVII, assim expõe:

Tradicionalmente, currículo é a seleção cultural de determinados conhecimentos e práticas. Mas, não é só isso. É também um conjunto de experiências, vivências, procedimentos, opções, metodológicas, modos de avaliação... Currículo é, pois, um conceito de vasto espectro semântico, de difícil unanimidade. (PACHECO, 2018, p.19).

Não é uma tarefa fácil definir currículo. No decorrer da busca pela referida definição, uma diversidade de pesquisadores/as que discutem essa temática foi identificados. Porém, ressalto que não adianta encher os Currículos escolares de teorias inalcançáveis, fora da realidade de uma região, é preciso que esse documento tão necessário no cotidiano escolar contemple inclusão e valores, que seja clara a sua elaboração, tendo em vista que a teoria curricular é imprescindível também aos docentes para que possam compreender que a escolha de determinados conteúdos, temas e perspectivas é sempre perpassada por relações de poder, ideologia e que, portanto, é uma escolha resultante de uma compreensão de mundo.

Ao pensar em uma educação libertadora, conforme preconiza Paulo Freire, o respeito às diferenças e a empatia precisam ser o alimento diário. Assim, importa discutir qual o tipo de educação que os estudantes estão vivenciando, tendo em vista essa problemática, sobre essa questão a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) registra que:

A relação entre o que é básico-comum e o que é diverso é retomada no Artigo 26 da LDB, que determina que os currículos da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (BRASIL, 2018, p. 11).

É importante destacar a necessidade de ter algum documento para embasar os conteúdos a serem trabalhados, no entanto realçar que a função desses devem contemplar a realidade de cada região. Quanto a isso Antunes (2014, p. 01) afirma a partir de suas pesquisas:

Empiricamente Currículo é tudo que se ensina e se aprende no âmbito do espaço escolar, significa afirmar que o trabalho em sala exige ir além da lista de conteúdos de matemática, português, ciências e outras áreas do conhecimento. Deste modo o trabalho docente supõe criar, recriar, fazendo o currículo conforme a necessidade da cultura, comunidade ou povo, incluindo com todas as experiências do ensinar e do aprender.

É preciso pensar no currículo escolar como um instrumento de democratização do conhecimento, que possibilita romper as barreiras do que, muitas vezes, vem engessado nos documentos oficiais, possibilitando assim a todo e qualquer aluno, independentemente do seu contexto social, o direito à aprendizagem.

Na perspectiva de compreender a questão curricular escolar na literatura científica, foi realizada uma busca na biblioteca online de periódicos científicos brasileiros, Scielo. Utilizando apenas o descritor “currículo”, foram encontrados 28 artigos, que contemplavam diversos eixos temáticos, como por exemplo o ensino superior, práticas pedagógicas entre outros, nenhum com a temática voltada para a realidade de crianças que vivenciam a descasca da castanha ou outra que se aproxime desta perspectiva.

Como o objetivo deste estudo está voltado para o ensino fundamental, após realizar uma leitura dos títulos e quando necessário os resumos destes artigos, chegou-se ao total de quatro artigos, que mais se aproximavam do objetivo da pesquisa em questão, representados no quadro abaixo.

Quadro 3 – Descrição dos artigos resgatados no Scielo com o termo “currículo”

Título	Objetivos e Pergunta Norteadora	Concepção Identificada	Aporte Teórico
Três teses histórico-críticas sobre o currículo escolar	Qual o problema do currículo na educação infantil?	A autora aborda a questão do currículo escolar na educação infantil, com base em uma pesquisa conceitual-bibliográfica de obras selecionadas do campo teórico histórico-crítico. Considerando que a dimensão política do currículo e dos múltiplos processos envolvidos em sua elaboração e concretização, acredita-se que se desdobra a necessidade de construir mediações que possam orientar e estabelecer a conexão na práxis pedagógica, entre o conhecimento clássico e a prática social global.	DUARTE (2016), GAMA (2015), MALANCHEN (2016), MARTINS (2013), SAVIANI (2011, 2012, 2013, 2016)
Percepção de professores da Educação Básica sobre as teorias do currículo	Identificar as concepções de currículo presentes no pensamento pedagógico de educadores atuando na Educação Básica e analisar o papel dessas concepções no atual cenário educacional.	Resultado de uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa, que trata das afirmativas relacionadas ao conceito do currículo. Para tal, as autoras abordaram o tema currículo a partir de uma perspectiva histórica, dando ênfase às principais visões que permeiam a formação dos educadores. Os resultados demonstraram que as teorias pós-críticas têm mais aceitação e que as teorias críticas foram as mais rejeitadas, embora, tenham sob alguns aspectos, grande aceitação.	JOHN DEWEY (1976), MOREIRA (2001, 2002, 2008), FREIRE (1979, 1991, 2006), ARROYO (2007), PILETTI (1997)

Um Caminho Para Atender as Diferenças na Escola	Analisar as modificações ocorridas no ambiente escolar a partir da implantação e implementação do PIE (Programa de Inovação Educativa), em uma escola judaica do Rio de Janeiro.	A partir de análise documental, entrevista aos envolvidos e observação direta, as autoras tratam do PIE como instrumento capaz de contribuir com as mudanças na escola, entendendo-a como organização e uma totalidade. Isto porque, elas se basearam no conceito sobre currículo de Sacristán (2000), o qual diz que o currículo trata-se de um conjunto de conhecimentos e experiências de aprendizagem oferecido aos estudantes que inclui não apenas a lista das disciplinas escolares que devem ser levadas até os alunos, mas também a forma de organização das turmas, a organização e gestão dos tempos, a escolha dos materiais e recursos para o processo de ensino e aprendizagem, as formas de controle e acompanhamento dos alunos, os valores preservados e vividos no cotidiano escolar, enfim, todo modo de vida da escola.	DEWEY (1976), PIAGET, GARDENER (1987), SÁCRISTÁN (2000), ANYON (1980), BOURDIEU (1977),
descobrir o contemporâneo no tradicional: reavaliação do impacto das pedagogias indígena maia e ocidental moderna sobre a identidade e o Self	Analisa o que as crianças aprendem, o impacto sobre suas identidades e como esse aprendizado se conecta com os destinos sociais e ocupacionais futuros.	As autoras buscam comparar o que é ensinado e aprendido – e não o que se pretende – em diferentes cenários educativos e dois momentos históricos diferentes. Os cenários educacionais diferem quanto aos tipos de aprendizagem e de ensino que mantêm, produzem tipos diferentes de educandos como resultantes identidades e metas diversas. Anyon (1980) afirmou que os estudantes de baixa renda e de classe trabalhadora aprendiam a obedecer ordens e a trabalhar com as ideias dos outros – o capital cultural e as tarefas aprendidas correspondendo a requisitos para o nível de serviço doméstico e trabalhos braçais - enquanto as crianças mais ricas aprendiam como ser supervisores, negociantes, colaboradores, tomadores de decisão e trabalhadores do saber.	LECOMPTE (1974, 1980), LUDWIG (2006), SPINDLER, G.; SPINDLER, L (2000), ANYON (1980)

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

O artigo de Pasqualini (2019) com o título Três Teses histórico-críticas sobre o currículo escolar, fez uso principalmente dos conceitos do autor Dermeval Saviani para dar embasamento à pesquisa. A partir da sistematização de três teses chama atenção para a atuação dos educadores com dificuldades quanto à aplicação do currículo no espaço escolar, orientando, conforme as palavras de Saviani (2013), que quanto mais se conhece a realidade, melhores são as perspectivas de atuar sobre ela. Com base neste estudo, pode-se dizer que não é o bastante saber que os alunos da escola Vila RN vivenciam a descasca da castanha, mas conhecer melhor a realidade de suas famílias, bem como o convívio social desses indivíduos é de suma importância, para fortalecer o currículo escolar e possibilitar práticas pedagógicas pertinentes ao ambiente em discussão.

O estudo de Lacerda e Sepel (2019) Percepção de professores da Educação Básica sobre as teorias do currículo, realiza uma discussão em torno das principais correntes teóricas sobre currículo, observando que esse ao longo do tempo, deixou de ser conteudista estático, além de atentar para a necessidade dos educadores em acompanhar essa evolução e romper com práticas homogeneizadoras e discriminatórias, considerando as diferenças.

Para esse fim, os professores precisam ter uma formação crítica, pensada como instrumento de empoderamento. Pensado no contexto da escola Vila RN, é de suma importância que os educadores dessa rede, sejam despertados para um fazer pedagógico crítico, motivador também para os alunos que convivem em meio à realidade da descasca da castanha, a buscar o empoderamento a partir de uma educação pensada e planejada para a realidade desses estudantes.

A pesquisa de Monteiro e Smole (2010), intitulada Um Caminho para atender as Diferenças na Escola, trata de um caminho para atender às diferenças a partir da implementação de um programa de inovação científica, objetivando criar estratégias de ensino e aprendizagem que favoreçam a educação intelectual dos estudantes, criando um sistema de ensino adaptado, levando principalmente em consideração a realidade cultural dos aprendentes. Considerando a ideia de Gardner, principal teórico utilizado neste estudo, o qual atenta para as inteligências múltiplas e as diferenças individuais, defendendo as muitas variações e formas de aprender, observa-se que os alunos precisam ser tratados na sua individualidade com vista a proporcionar um ensino que contribua para a formação de cada um.

Ludwig e LeCompte (2015), escreveram um artigo com a seguinte temática: Descobrimo o contemporâneo no tradicional: reavaliação do impacto das pedagogias indígenas maia e ocidental moderna sobre a identidade e o *Self*, percebi neste trabalho uma complexidade a respeito desta pesquisa, onde parte foi realizada numa sociedade não ocidental, predominantemente aprofundada por estudos sobre aprendizagem e adaptação em comunidades indígenas e de imigrantes (LUDWING, 2006) e outra foi nos Estados Unidos, com vistas a entender como as escolas trabalhavam os valores e a cognição com crianças pequenas. Para as autoras as escolas e os processos educacionais afetam os indivíduos e grupos na sociedade (LUDWING; LECOMPETE, 2015). A partir da observação de cenários distintos, as autoras buscaram analisar a aprendizagem dos estudantes, bem como o impacto dessa sobre suas identidades e ainda como essa conecta-se com a sociedade.

Desta forma, percebo a importância das escolas zelarem por um currículo bem elaborado com ênfase na aprendizagem dos estudantes, respeitando sua cultura e realidade, para assim estimular os aprendentes a construir saberes que possam levar para suas vidas e edificar um mundo mais justo, igualitário com cidadãos conscientes de seus deveres.

A metodologia de revisão de literatura, possibilitou a oportunidade de conhecer teóricos que discutem o currículo escolar, assim como a importância deste para qualquer nível de ensino, como também as diferentes reformas curriculares que surgem no campo da política educacional no decorrer da história. Citando como exemplo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), publicados em 1998 como o principal documento norteador dos currículos no Brasil. Há poucos anos aproximadamente surge a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A **BNCC para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental** foi aprovada e homologada em dezembro de 2017. Por sua vez, **o documento para o Ensino Médio** foi aprovado pelo **Conselho Nacional de Educação (CNE)** no dia 4 de dezembro de 2018 e homologado na semana seguinte, no dia 14 de dezembro, pelo **Ministério da Educação**. Importante ressaltar que não substitui os PCNs, mas traz novas orientações em relação às diretrizes educacionais do país.

A despeito dessas reformas de currículo que ocorrem ao longo da história, na prática podemos perceber que nem sempre as concepções que nele estão contidas se realizam predominantemente. Partindo desse princípio percebemos a importância de sistematizar um currículo que contemple as necessidades de uma escola no *lócus*, com propostas adequadas de acordo com as necessidades e realidades; e que tenha como objetivo primordial atender as demandas tanto da escola como da sociedade.

Por fim, foi possível compreender que atentar para a realidade que envolve as crianças que vivenciam a descasca da castanha é imprescindível para poder alinhar o currículo ao ensino e aprendizagem de modo satisfatório. Desta forma, produzir frutos não só de imediato, mas também futuramente. Tendo em vista que a escola tem como um de seus papéis comprometer-se com uma formação de estudantes e cidadãos críticos, ativos na sociedade a qual fazem parte.

4 VOZES DA INFÂNCIA: RELATOS DAS VIVÊNCIAS DAS CRIANÇAS NA DESCASCA DA CASTANHA, CONTRIBUIÇÕES AO CURRÍCULO ESCOLAR

Brincando de carrinho
Ou de bola de gude
Criança quer carinho
Criança quer saúde
Chutando uma bola
Ou fazendo um amigo
Criança quer escola
Criança quer abrigo
Lendo um gibi
Ou girando um bambolê
Criança quer sorrir
Criança quer crescer

Criança é vida
Toquinho

Iniciando a escrita deste capítulo trago a estrofe de uma música de Toquinho que retrata as necessidades básicas de uma criança, o próprio título claramente diz: “Criança é vida”, realmente a beleza que exala da intezza de uma criança é perfeita, até mesmo pelos sentimentos mais nobres que ela é capaz de emanar, como alegria, sinceridade, amor entre outros, por isso ela é a própria vida. Portanto, precisa ser amada, cuidada, respeitada e protegida.

No princípio da humanidade a infância era vista como uma fase sem importância para a sociedade, a criança um ser ingênuo, frágil, imperceptível, não havia um sentimento de valor, era vista tão somente como uma fase de dependência (ARIÈS, 2014). Para conquistarmos a concepção de infância que hoje permeia a sociedade, foi fundamental identificar os fatores e acontecimentos que envolviam esses seres tão indefesos e assim perceber o valor e a importância que tem a infância na relação com os grupos que compõem a sociedade.

A infância como temática histórica em função social é algo recente visto que a discussão referente ao universo infantil foi pouco explorada durante o transcorrer dos séculos. Entendo que esse sentimento de desapego era em virtude da falta de entendimento em relação a essa fase da vida, como também pelas próprias relações interpessoais de uma época vivenciada pelas famílias.

Foto 20 – Crianças brincando no parque



Fonte: Arquivo Pessoal, (2017).

Buscando uma compreensão mais nítida dessa fase tão singular que é a infância, retomaremos ao século XVI, como já citado anteriormente, a família como conhecemos hoje não existia, o convívio das pessoas era feito de forma coletiva, não existia casas distintas e o sentimento de individualidade e privacidade era inexistente. Desse modo a educação inerente as crianças acontecia de forma desprendida e sem critérios pré-estabelecidos, não havia necessariamente um cuidado reservado aos pais, isso não ocorria por maldade ou falta de irresponsabilidade, mas sim pelo estilo de vida que era muito comum na época. As crianças se alimentavam de forma aleatória, sendo alimentada por conhecidos, vizinhos e qualquer pessoa do convívio social.

Conforme preconiza (ARIÈS, 1981) quando menciona que com a chegada do século XVII algumas mudanças no contexto familiar se iniciaram, o modelo de vida coletiva vai se extinguindo lentamente, surgindo noções de privacidade e individualidade. Muito claramente essas transformações ocorreram inicialmente nas famílias burguesas, com um poder aquisitivo alto essas famílias sentiram a necessidade de construir vidas mais privadas e discretas, essa mudança trouxe novos aspectos na educação infantil, muito embora esse termo ainda não tivesse peso e significado nessa época.

Advinda da burguesia essa nova constituição de espaço e educação construiu na sociedade novos moldes, os pais ficaram encarregados exclusivamente dos seus filhos, e as famílias iniciaram processos individuais. Nesse período a diferenciação sexual também foi estabelecida, os homens definiram o papel de provedor da família, sendo assim não tinham tempo para ficar em casa e cuidar dos filhos, papel este assumido pelas mulheres que se

tornaram donas de casa cuidando exclusivamente dos afazeres domésticos e educação dos filhos.

A educação dessas crianças era voltada para cavalaria e etiqueta, e não podemos esquecer da forte influência religiosa que participou ativamente da construção moral do que se entendia por educação na época. Esse modelo de educação não era obviamente aplicado para todas as crianças, até agora falamos das famílias burguesas que tinham dinheiro para construir e manter este estilo de vida, essa realidade não era a mesma das crianças camponesas, que permaneciam vivendo ativamente em meio aos adultos, trabalhando, participando de conversas, festas e sendo vistas apenas como adultos em miniatura. Como diz Philippe Ariès (1981) um importante pesquisador da família e da infância, que analisou o período medieval por muitas fontes incluindo iconografias. O referido autor destaca:

[...] o sentimento de infância não existia – o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia (ARIÈS, 1981, p.156).

Não existia uma preocupação e um conhecimento sobre a infância, as crianças eram vistas como adultos em miniatura. Em relação a essa temática Ariès, (1981), assim expressa:

Adulto em miniatura, uma expressão usada para conceituar essas crianças que, além de serem vestidas como os adultos após os sete anos de idade, também recebiam afazeres e tarefas dos pais, por meio da educação modular. “A criança era, portanto, diferente do homem, mas apenas no tamanho e na força, enquanto as outras características permaneciam iguais” (ARIÈS, 1981, p.14). Os trajes usados nas crianças eram mudados aos sete anos, como coloca em síntese Kuhlmann (2005).

No final do século XVII a criança passou a ser vista como um quadro em branco que precisava de uma espécie de educação, com isso a separação da criança perante o adulto passou a ocorrer, e a imagem da infância passou a surgir, não apenas na visão de adulto em miniatura ou bibelô de entretenimento, mas um ser que passou a ter um pouco mais de evidência no contexto social da época.

Com a explosão do capitalismo no século XVIII ocorre um processo muito conhecido que é a revolução industrial, com o surgimento de indústrias, os trabalhadores saíram dos campos para se tornarem operários, nesse período a prática do infanticídio diminuiu, os filhos passaram a ser vistos como mais um braço para trabalhar e prover algum sustento. As crianças começavam a trabalhar desde os sete anos de idade, e as fábricas seguiam a todo vapor com jornadas de trabalho constantes e a indústria produzia dia e noite, as camas nunca esfriaram e

o trabalho era praticamente escravo, os operários trabalhavam em média doze horas por dia e ganhavam salários muito baixos, sem segurança e sem direitos, nestas condições os pais necessitavam que seus filhos trabalhassem cedo em função da sobrevivência.

Devido às horas exaustivas que as famílias passavam nas fábricas, não tinham tempo de conviver em família, não tinham folgas, nem horários durante o dia para o convívio, a luta pela sobrevivência era tão exaustiva que as pessoas acabavam por não viver, é doloroso pensar nas condições em que tantas crianças foram submetidas, vivendo sem possuir direito a uma vida digna e decente.

O que mais me preocupa é saber que atualmente em pleno século XXI, milhares de crianças brasileiras ainda vivenciam esse contexto de infância negada. Como seria divino se as pessoas nas suas mais diversas categorias e espaços tivessem um olhar sensível e humanizante no que se refere as condições de vida das crianças e pensassem como a cineasta Estela Renner que diz: “Nossos bebês são lindas sementes e é nosso papel, enquanto sociedade, preparar o solo e tornar a terra fértil para ver brotar e florescer todo o seu potencial.”¹⁴ Se não cuidarmos dessas “sementes” é muito provável que tenhamos um deserto humano, visto que as crianças bem amadas cuidadas, respeitadas serão seres humanos amáveis e saudáveis na sua completude.

Quando falamos de infância ressaltamos o estágio mais importante da vida humana no que concerne ao desenvolvimento não só do nosso organismo, mas dos mecanismos emocionais que constituem o nosso cérebro, mecanismos estes que são responsáveis por atitudes, reações e escolhas que fazemos ao longo da vida.

Gasparin, (2019), aponta que: O homem, portanto, por meio de sua inata aptidão para tornar-se homem, somente conseguirá seu intento pelo ensino, pela educação, pela cultura, pois viemos ao mundo como uma tábula rasa, sem nada saber. Embora a ideia da tábula rasa seja questionada por alguns estudiosos, eu particularmente comungo com o pensamento do autor dessa teoria. Assim, a todos os que nasceram homens é necessária a educação, para que se tornem verdadeiramente homens. Essa educação far-se-á com muita facilidade na primeira idade. É nesse período de vida que a criança deve ser educada.

¹⁴ Estela Renner é cineasta, diretora, roteirista e sócia da produtora Maria Farinha Filmes. Dirigiu, produziu e roteirizou filmes e documentários impactantes como “Criança, A Alma do Negócio”, que questiona os efeitos da publicidade dirigida às crianças, “Muito Além do Peso”, sobre a epidemia de obesidade infantil no Brasil e no mundo, e “Tarja Branca”, que fala sobre a importância do espírito lúdico em nossa vida. Disponível em: <https://www.fmcsv.org.br/pt-BR/impacto/o-comeco-da-vida/>

No primeiro capítulo deste trabalho fiz uso da metáfora da semente para discorrer sobre minha vida e a dos meus irmãos/as desde o útero da minha mãe, ou seja, fui buscar na natureza uma fundamentação, o exemplo da árvore que dá frutos. E encontrei no filósofo Comenius uma semelhança com os meus pensamentos quando ele assemelha a condição do homem a da árvore. Comênio (1976, p. 127) disse:

Efetivamente, da mesma maneira que uma árvore de fruto (uma macieira, uma pereira, uma figueira, uma videira) pode crescer por si e por sua própria virtude, mas, sendo brava, produz frutos bravos, e para dar frutos bons e doces tem necessariamente de ser plantada, regada e podada por um agricultor perito, assim também o homem, por virtude própria, cresce com feições humanas (como também qualquer animal bruto cresce com as suas feições próprias) mas não pode crescer animal racional, sábio, honesto e piedoso, se primeiramente nele não se plantam os germens da sabedoria, da honestidade e da piedade. (COMÊNIO, 1976, p. 127).

Para que uma árvore seja útil, produza frutos doces, flores para deixar o ambiente mais belo e forneça sombra é necessário ser cultivada desde pequenina para que sirva ao homem, penso que com o ser humano não é diferente, para que ele se torne intenso para si e para os outros, necessitará de cuidados desde a primeira idade.

Ao mencionar o termo infância vejo a pertinência de apresentar um recorte histórico desse assunto no Brasil, neste país as pesquisas mostram que o cuidado com a infância parece ter realmente começado no século XIX, fortalecendo-se nos séculos seguintes. Fontes (2005), aponta que:

É importante ressaltar que a história da infância no Brasil se confunde com a história do preconceito, da exploração e do abandono, pois, desde o início, houve diferenciação entre as crianças, segundo sua classe social, com direitos e lugares diversos no tecido social (FONTES, 2005, p. 88).

Para iluminar o conhecimento sobre a história de crianças e adolescentes no Brasil, a pesquisadora Fontes (2005), sinaliza uma vida social marcada pela desigualdade, exclusão e dominação. Estas marcas acompanham a história do Brasil, atravessando a Colônia, Império e República, hoje ainda fortemente identificamos a visão da diferença pela desigualdade. Assim, afirma a pesquisadora, “a desigualdade social assume, entre nós, múltiplas expressões, que se refiram à distribuição de terra, de renda, do conhecimento, do saber e, mesmo, ao exercício da própria cidadania” (FONTES, 2005, p. 30).

Todavia, é importante dizer que as pesquisas realizadas a respeito do tempo que sinaliza a infância nos mostra os avanços e conquistas que enfatizam a valorização dessa fase, é de um lirismo e beleza peculiar esse processo inicial da formação humana, ainda assim é necessário atenção para que continuemos a lutar para que os direitos das crianças e

adolescentes sejam respeitados. No documento que rege os direitos e deveres do período citado e da adolescência, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069, de 1990, considera criança a pessoa até 12 anos de idade incompletos e define a adolescência como a faixa etária de 12 a 18 anos de idade (artigo 2º), e, em casos excepcionais e quando disposto na lei, o estatuto é aplicável até os 21 anos de idade (artigos 121 e 142). A elaboração deste Estatuto trouxe relevantes contribuições para a vida desses seres, embora muitas conquistas ainda precisam ser alcançadas para mudar a realidade vivida por muitas crianças e adolescentes do Brasil. Corroboro com os apontamentos que a pesquisadora Kramer (2003), traz na sua discussão sobre Infância e sociedade: o conceito de infância. E assim ela expressa:

A concepção de infância aqui adotada supõe que se conheça como se dá a inserção da criança na sociedade, e qual é a sua relação direta com a produção da vida material, bem como a de sua família. A criança trabalha? Quais as suas condições objetivas de alimentação, saúde e habitação? A qual classe social pertence sua família? De que maneira a situação da classe social influencia e afeta a criança? O princípio fundamental é o de que a criança deve ser concebida em função da sociedade de classes, não existindo em si mesma. Encarar a infância dentro da sociedade de classes significa que não existe “a” criança, mas sim indivíduos de pouca idade que são afetados diferentemente pela sua situação de classe social. (KRAMER, 2003, p.38).

Entender o processo de construção da infância é interessante na perspectiva em que se constata essa etapa como a mais importante na construção do ser adulto, logo entendemos e enxergamos a criança como agente social e cultural importante responsável pelo futuro da sociedade, e como serão esses adultos? Eles estarão aptos para conviver e atuar em sociedade? Questionamentos como esse se tornaram necessários para esse processo.

Apesar da ideia do criador do Jardim de Infância, Friedrich Fröbel (1782 – 1852) contrastar com o pensamento de outros pesquisadores da infância, eu penso como Fröbel que diz: As crianças são o gérmen da humanidade e necessitam, desde pequeninas, da proteção e dos cuidados como num jardim, para este estudioso a educação de uma criança deve ser iniciada logo nos primeiros anos da infância. Ao ler o pensamento do autor citado, causou-me grande alegria, como professora, sempre fiz uso da metáfora do jardim ao mencionar a ausência das crianças no pátio da escola dizendo: a escola hoje está como um jardim sem rosas. Para este autor as crianças são as flores de um jardim, lisonjeada fiquei por pensar como este pesquisador. A escola é um local que produz muita energia boa, local que tem alegria contagiante, um aroma chamado vida se espalha nos corredores da escola quando as crianças e os adolescentes adentram os muros do espaço escolar.

4.1 Por entre o lugar, o trabalho o que inspiram os cajueiros e as castanhas, projetos, ações e parcerias: a escola para além do lugar

No diálogo que traço nesta sessão, aponto um recorte temporal, compreendido entre 2015 a 2020, para apresentarmos as conquistas que a Escola Municipal Lócus da pesquisa tem conquistado neste período. Vale ressaltar que a cidade de Serra do Mel é relativamente jovem, visto que tem apenas (33) trinta e três anos de Emancipação Política, embora o município apresente uma estrutura geográfica atípica, pela divisão territorial. Algumas conquistas significativas na área da educação estão sendo implantadas, com o objetivo de melhorar a qualidade da educação da cidade. Por ser a economia do lugar predominantemente focada na descasca da castanha, faço, nesta escrita, uso de uma metáfora que diz:

Um segredo. Quando minhas folhas balançam levo mensagens de esperança, de firmeza e também minha presença no mundo. Quase ninguém escuta, mas o vento sabe. Ah, outra coisa, entenda que da escassez e do nada, podem surgir muitos frutos. Lembre-se: de uma semente, uma grande árvore! (PAULA, 2020, Documento não paginado).

Ao ver esse texto intitulado “A mensagem do cajueiro”, que por sinal é um belo texto, reporte imediatamente a escrita que venho desenvolvendo neste estudo. O escritor faz uso de uma descrição dos sentimentos do cajueiro relacionando com o sentimento humano que se assemelha à vida.

Apresento um pouco da história do município Serra do Mel-RN, que está localizado a 46 Km da cidade de Mossoró-RN, nasceu de um Projeto de Colonização, constituído através da criação de uma comunidade social, organizada economicamente, visando integrar o desenvolvimento numa base territorial com características vazias demograficamente.

Serra do Mel-RN é uma das maiores cidades do Nordeste brasileiro na produção de castanha-caju e tem uma história de colonização peculiar, foi organizada em vilas, as quais levam nome dos estados brasileiros, sendo vinte e duas vilas rurais e uma vila administrativa, intitulada de Vila Brasília. Considero relevante citá-las: Vila Acre, Vila Alagoas, Vila Amazonas, Vila Bahia, Vila Ceará, Vila Espírito Santo, Vila Goiás, Vila Guanabara, Vila Maranhão, Vila Mato Grosso, Vila Minas Gerais, Vila Pernambuco, Vila Piauí, Vila Pará, Vila Paraíba, Vila Paraná, Rio de Janeiro, Vila Rio Grande do Sul, Vila Rio Grande do Norte, Vila Santa Catarina, Vila São Paulo, Vila Sergipe, Vila Tocantins.

A zona Urbana está concentrada nas vilas Brasília e Rio Grande do Norte, a distância das Vilas Rurais para as centrais, é entre cinco (05) e quarenta (40) Km. A educação

escolar em nível Fundamental Maior e o Ensino Médio do Município acontece nas Vilas Urbanas. Ou seja, tem alunos/as que viajam oitenta (80) Km aproximadamente para assistir aula no período vespertino e noturno na Rede Estadual e Municipal, saindo da Vila Amazonas para as Vilas Brasília e Rio Grande do Norte. São estudantes que não perdem a esperança e lutam almejando conquistas através do conhecimento e do saber.

Os estudantes que ingressam na Escola e chegam a concluir o Ensino Médio, a maioria possui uma história de vida com mais incentivo para a não desistência e superação de dificuldades para conquistar uma vaga na Universidade. Pouquíssimos alunos que chegam a cursar o nível superior. A Serra do Mel-RN cheira a castanha de caju e quase toda população do município está envolvida de alguma forma com a produção ou beneficiamento da castanha de caju, o que garante trabalho e renda o ano inteiro para muitas das famílias envolvidas nessa prática.

A agricultura familiar aparece como um modelo fundamental para o desenvolvimento do meio rural capaz de reduzir a pobreza e promover o uso irracional dos recursos naturais. Mesmo sendo responsável por mais de 80% da produção de alimentos do país, a agricultura familiar não recebe investimentos públicos suficientes para o seu bom desenvolvimento, especificamente no âmbito do beneficiamento de produtos. Ainda existe uma grande necessidade de melhorias com relação ao acesso a mercados, geração de renda e melhorias da vida das famílias no campo (SILVA, 2006 *apud* TORRES; SILVA; MARCOLINO, 2013, p.5).

A vida do agricultor nordestino não é uma vida fácil, embora 80% das famílias que vivem na zona rural sobrevivam dessa prática, percebe-se a falta de políticas públicas que venham beneficiar essas famílias, oportunizando-as uma melhor qualidade de vida. No Brasil, 74% da produção de castanha de caju tem origem na agricultura familiar. (AMYOT, 2009), apresenta uma valiosa informação, pesquisando o Município de Serra do Mel, ela constatou que no Rio Grande do Norte, o município que mais produz castanha de caju é Serra do Mel, onde a totalidade dos agricultores se enquadra nessa categoria. Nas leituras que fazemos sobre a história da criação deste município, percebe-se a intencionalidade do governo José Cortês Pereira de Araújo, governador do Rio Grande do Norte à época, em facultar a população a instalação de um núcleo onde desse a oportunidade da criação de grupos sociais com o intuito de através da mão de obra, oferecer uma qualidade de vida, criando fontes de trabalho agrícola, fomentando assim a economia estadual e regional.

Vejamos o que diz Nassif, (2018, Documento não paginado) sobre a missão do Estado: “A missão do Estado, por intermédio do governo, é executar ações, programas e projetos, com a prerrogativa de limitar a ação dos indivíduos em prol do bem comum e até mesmo fazer emprego da força física (coerção) para fazer valer suas decisões”.

De acordo com essa escritora, o Estado exerce um significativo e inegável poder sobre a sociedade, embora em algumas situações não cumpra o seu papel deixando o povo à mercê da desigualdade e tendo seus direitos negados. Mesmo diante de todo avanço tecnológico, do desenvolvimento da ciência, da criação de algumas políticas públicas que venham beneficiar o agricultor e as famílias menos favorecidas, ainda percebemos na sociedade brasileira muitos descasos em relação às camadas em vulnerabilidade social. Estamos muito aquém daquilo que é desejado e necessário para que se viva com o mínimo de dignidade humana.

Pensar sobre o contexto educacional de um município é algo desafiador, há muito que se fazer, é uma luta constante, precisa-se buscar parceiros que possam somar e fomentar a escola de (in)formação. Para isso buscamos na casa UERN, através da Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas – DAIN, na pessoa da professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, que esteve presente por quatro vezes nesta cidade. No ano de 2013 convidamos a professora e sua equipe para uma palestra sobre Inclusão, foi o dia inteiro de formação com oficinas na área de deficiência visual, física, auditiva entre outras.

Foto 21 - Local: Corredor central da Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte



Fonte: Arquivo Pessoal (2013).

Continuando a beber da fonte do saber e das experiências da Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar no ano de 2018 a equipe trabalhou a seguinte temática: Formação continuada conceitos e práticas em educação especial e inclusão, com o objetivo de discutir os processos de (auto) formação e práticas educativas, a produção histórica da cultura, (auto) biografias,

identidades, memórias, educação especial/inclusiva e o lugar da diversidade como espaços de produção de saberes.

Foto 22 – Formação continuada na Escola Estadual Padre José de Anchieta/Serra do Mel-RN



Fonte: Arquivo Pessoal (2018).

Talvez este tenha sido o encontro de formação mais significativo para a Educação Municipal de Serra do Mel, a participação e o envolvimento dos profissionais da educação foi algo prazeroso de ver, a temática e a didática de como a formação foi conduzida foi algo marcante, a equipe da DAIN era composta por mais de vinte pessoas que juntaram-se aos profissionais da Educação Municipal em torno de 180 funcionários/as. Foi emocionante e gratificante ter a DAIN/UERN como parceira proporcionando conhecimento e contribuindo com a educação municipal de Serra do Mel/RN. Outra conquista para a Educação Escolar Serramelense foi a adesão ao Programa Educacional de Resistência às Drogas PROERD através da Prefeitura Municipal de Serra do Mel.

O Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD) foi criado em 1992, no Rio de Janeiro. O modelo, que teve origem nos Estados Unidos, em 1983, é desenvolvido em mais de 58

países. Estudantes do quinto ano do ensino fundamental da rede pública e particular são os alvos do programa, que tem como lema Manter Nossas Crianças Longe das Drogas. O objetivo do programa é desenvolver ações pedagógicas de prevenção às drogas e à violência nas escolas do município de Serra do Mel. “O PROERD cumpre o papel de prevenir para evitar que qualquer uma dessas crianças sejam escravizadas pela droga e a marginalidade”, ressaltou o coronel Humberto Hermógenes Pimenta, comandante do 12º Batalhão de Polícia Militar.

Foto 23 – Reunião com a Gestão Escolar da Secretaria Municipal de Educação



Fonte: Site Costa Branca News

O Decreto nº 28.639, de 21 de dezembro de 2018, no seu Art. 2 define o PROERD/RN como:

É um programa social que envolve a Polícia Militar, a Escola e a Família, com a finalidade de desenvolver ações socioeducativas, preventivas e cooperativas, nas redes de ensino pública e privada do Estado do Rio Grande do Norte, objetivando conscientizar crianças e adolescentes sobre os efeitos nocivos do uso de drogas lícitas e ilícitas, bem como fortalecer o exercício da cidadania (RIO GRANDE DO NORTE, 2018, Documento não paginado).

A Escola Lócus desta pesquisa, recebeu com muita alegria a inserção do PROERD, durante dois anos os alunos/as das duas turmas dos Quintos Anos Séries Iniciais receberam a formação deste programa através da Polícia Militar, as crianças gostavam muito, ficavam ansiosas pelo dia do encontro, como ilustra as fotos 21 e 22:

Foto 24 – Lançamento do PROERD



Fonte: Arquivo Pessoal, (2018).

Foto 25 – Turma concluinte do PROERD



Fonte: Arquivo Pessoal, (2018).

No final do curso ocorre uma programação com a participação dos/das alunos/as inseridos no Projeto, com inclusão de algumas autoridades do município, da Polícia Militar e dos familiares dos estudantes inseridos no projeto.

Na via deste caminho de melhorias e conquistas para a Educação Serramelense, destaco aqui um marco para este município no final do ano de 2019 com a chegada do Instituto Brasil Solidário com o projeto social envolvendo obras estruturais, formações

pedagógicas e implementação do primeiro curso de eletrotécnica em escola de ensino médio estadual, foi um ganho valioso para toda comunidade.

O projeto contempla ação social com atividades gratuitas de arte, incentivo à leitura, educação ambiental, educação financeira, além de obras estruturais incluindo um auditório, laboratórios e nova biblioteca comunitária que chega ao município de Serra do Mel, por meio do projeto “Ventos que Transformam”, da Echoenergia, com realização do Instituto Brasil Solidário.

Como parte das atividades do evento, a equipe do Instituto Brasil Solidário, preparou uma primeira etapa de formações pedagógicas divididas em três salas temáticas: incentivo à leitura, educação ambiental e educação financeira com jogos educativos, que foram realizados nos dias 12 a 14 de fevereiro de 2020 para os educadores/as de todas as escolas da rede pública de ensino do município.

Durante esse período a Educação Serramelense vivenciou experiências valiosas de aprendizagem, de conhecimento e de muita esperança de melhoria na Educação e na vida do povo do lugar. Lamentavelmente, (30) trinta dias depois fomos interditados por conta da Pandemia do Covid 19, o mundo parou, no Brasil estamos sem perspectiva de voltarmos a normalidade, mas continuamos na esperança de um retorno para usufruirmos das conquistas obtidas pelo Projeto “**Ventos que transformam**”.

Certamente será um ganho imensurável para toda comunidade escolar, acredito que muitas vidas serão transformadas com essa aquisição e parceria. Cito aqui um exemplo do projeto “Ventos que Transformam”, a implantação de uma belíssima biblioteca, algo nunca visto antes pelos nossos aprendizes, outro sonho que eu tive a oportunidade de ver realizado na escola. Os estudantes ao adentrar naquele espaço todo colorido, organizado, repleto de livros novos ficavam encantadas, os olhinhos brilhavam de emoção e de curiosidade em ver tantas coisas lindas, algo inimaginável, certamente contribuirá bastante com a aprendizagem e o conhecimento dos alunos/as da escola. O registro de alguns desses momentos está nas fotos 23 e 24:

Foto 26 - Imagem. Biblioteca da Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte em 2019.



Fonte: Arquivo Pessoal (2019).

Foto 27 – Momento de leitura na Biblioteca da Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte



Fonte: Arquivo Pessoal (2019).

Este é um dos momentos mais prazerosos para a professora que tem a oportunidade de proporcionar o momento da leitura para suas crianças num local organizado, que incentiva o

gosto da leitura e do aprendizado, me causa muito alegria ver estas imagens, um presente maravilhoso para todos os estudantes e para os professores/as desta Escola em pesquisa.

4.2 A Escola espaço de produção dos conhecimentos do lugar

Foto 28 -Imagem: Parquinho construído por um grupo de amigos voluntários de Mossoró/RN.



Fonte: Arquivo pessoal (2017).

Iniciando a construção da escrita deste tópico apresento uma rápida descrição dessas imagens, a escola deve ser um lugar bonito, alegre, que remeta alegria, beleza e prazer, um espaço que oportuniza as crianças e os adolescentes vivenciarem a inteireza dessas fases da vida. Nessa escola campo da pesquisa, as crianças não tinham um lugar para brincar, durante o intervalo ficavam aglomeradas no corredor da escola, corriam, caíam, machucavam-se e gritavam durante todo o intervalo.

Esse cenário incomodava muito, eu precisava fazer alguma coisa para mudar essa realidade, foi quando levei a situação e o projeto para um grupo de amigos integrantes do grupo Nossa Senhora das Graças, pertencentes ao Movimento de Cursilho de Cristandade, que se sensibilizaram com a causa, e buscamos parceiros no comércio da cidade de Mossoró entre amigos e construímos um parquinho para que as crianças pudessem desfrutar do momento do intervalo brincando de se balançar, de jogar bola etc. Para os pesquisadores Viana (2017), Imbrizi (2017) e Jurdi (2017) o espaço da escola dever ser um lugar de construção coletiva. Assim;

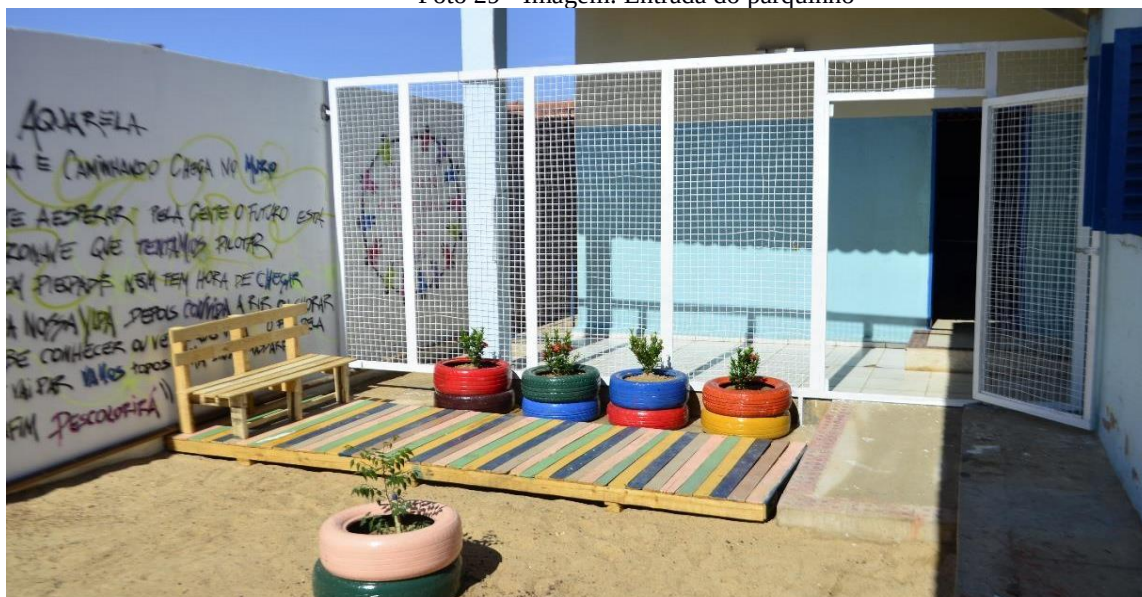
A escola tende a ser um espaço com pouca participação e construção coletiva com as crianças, mas ainda assim um local em que são possíveis encontros formativos e também deformativos de uma infância quase asséptica. Essa possibilidade fica evidente através da potência do brincar dentro da escola. A criança é sensível em suas percepções, ela reconhece os espaços sufocantes e resiste a eles. É uma resistência propositiva e, com isso, ela reivindica os espaços para exercer sua criatividade e imaginação. É uma proposta-convite também, e é na criança que estão as respostas para a produção de uma escola para elas e não um espaço de armazenamento da infância e de ocupação do tempo enquanto ele passa.

Cultivo dentro de mim um carinho e amor por esta conquista, é muito prazeroso presenciar durante o intervalo as crianças brincando, livres como pássaros, criando brincadeiras, fortalecendo amizades, aproveitando o tempo da infância com alegria. Um espaço sem função nenhuma tornou-se esse lugar lindo como mostram as imagens. Ao apresentar as imagens percebo nestas memórias narrativas um exercício de autoconhecimento, daquilo que somos capazes de realizar, ao rever as imagens desse projeto, chego a me perguntar como foi possível realizar tamanho intento, como seria bom se a gestão escolar continuasse zelando, cultivando esse sonho tão cheio de sentido e significado para mim como educadora, incentivando e alimentando o imaginário da criança que é o brincar. O narrar como processo de autoconhecimento para Brandão (2008) revela que:

É na e pela palavra que dizemos quem somos, dos nossos afetos, dos medos, dos sonhos e projetos. Damos “vida” ao imaginário da cultura, relatamos a partir do presente uma “verdade possível” e construímos o “mito” do herói- nós mesmos. “Re-significamos” a identidade e a história, projetamo-nos em realidade e fantasia para um futuro em linguagem, realidade e ficção, perspectivas enriquecedoras, que permitem a vida e nos constituem como sujeitos históricos (BRANDÃO, 2008, p. 16-17).

Na concepção abordada pelos pensadores, o ato de narrar retrata as experiências pessoais vivenciadas na experiência consigo, com o outro e com a coletividade, cruzando e ressignificando o passado, presente e futuro.

Foto 29 - Imagem: Entrada do parquinho



Fonte: Arquivo Pessoal (2017).

A imagem apresentada acima sinaliza a entrada do espaço infantil da escola. Na escrita deste sub tópico apresentamos o espaço da escola que inicialmente foi considerada um espaço para o lazer e consequentemente o prazer. Com o passar do tempo ele perde esse sentido e começa a ser considerado como um espaço onde se busca novas informações, porém na maioria das vezes de forma descontextualizada da realidade dos sujeitos, tornando-se um lugar entediante com pessoas insatisfeitas, transformando esse espaço que deveria ensinar o indivíduo do qual ele está inserido a viver a realidade social e local, a escola deveria inserir no seu currículo como uma das suas metas, conhecer a vida, a realidade dos estudantes, e evitar de construir muros impedindo que a realidade da sociedade entre na escola. Bock, Furtado e Teixeira (2019), denominam esse tipo de distanciamento de clausura escolar, se posicionam assim:

A clausura escolar é ilusória, pois a realidade social entra pela porta dos fundos, invade as salas de aula, podendo ser encontrada nos livros, nos valores ensinados e nas atividades desenvolvidas. Mas apesar de ilusória, esta clausura determina o distanciamento da escola do cotidiano vivido pelos seus integrantes. Assim, os conteúdos são ensinados como se nada tivesse a ver com a realidade social; as regras são tomadas como absolutas e naturais; a autoridade na escola inquestionável é inquestionável; a vida de cada um fica (mesmo que ilusoriamente do lado de fora). Os uniformes igualam a todas; as notas de aproveitamento são tomadas como resultantes apenas do trabalho realizado na escola e pela escola; o esforço pessoal torna-se fator decisivo do sucesso ou do fracasso escolar. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2019, p. 264).

A escola deve ser pensada como um meio para preparar os alunos para a vida, para isso é preciso que ela esteja aberta às realidades da cultura e da sociedade. É preciso um olhar

para desenvolver a sementinha do bem que cada indivíduo carrega dentro de si, implantando nos sujeitos que aprendem o conhecimento sobre valores, empatia, preparar indivíduos com capacidade para criar, inovar, inventar e transformar a realidade da sociedade despertando a importância de articular a vida escolar com a vida social. Lamentavelmente, nos deparamos com essa realidade na escola, a partir do Currículo, onde podemos perceber essa discrepância entre a teoria e a prática descontextualizada da realidade, na qual os estudantes vivenciam, tornando a sala de aula um lugar entediante e sem sentido.

Observa-se que estudantes estão na escola, conhecem as histórias que contam nos livros, estudam História do Brasil, no entanto, muitas vezes não conhecem a história do lugar onde moram. Para o educador Paulo Freire, na sua poesia intitulada Escola, a definição é: Escola é o lugar onde se faz amigos não se trata só de prédios, salas, quadros, programas, horários, conceitos. Escola é, sobretudo, gente, gente que trabalha, que estuda, que se alegra, que se conhece, que se estima. E eu penso que Escola é a própria condição vivida nos cotidianos dos estudantes, neste trabalho dissertativo tenho feito uso de imagens que se tornaram lembranças nas minhas memórias e conhecimento aos leitores/as deste trabalho.

Ferraço e Alves (2015) consideram necessário discutir algumas críticas que são feitas ao uso das narrativas imagens em trabalhos de pesquisadores desejosos em conhecer as vivências e acontecimentos nos cotidianos. A autora em uma das críticas no que se refere ao entendimento por multiplicidade de sentidos que as narrativas imagens evocam, expressa;

Nessas pesquisas, ouvir uma narrativa ou olhar uma imagem (como escutar um som), traz, a cada um que ouve, dentro das redes de conhecimentos e significados a que pertencem, a possibilidade de ‘ver’, ‘sentir’, ‘entender’ e ‘ouvir’ coisas muito diferentes. A questão é saber se isto dignifica, apenas, as dificuldades de usos desses recursos ou indica a ampliação de possibilidades na análise de uma dada situação, exigindo que incorporemos, necessariamente, a complexidade e potencialidade que cada acontecimento traz em si. Os que trabalham com as pesquisas nos/dos/com os cotidianos tendem a adotar essa segunda posição (FERRAÇO; ALVES, 2015, p. 8).

Portanto, ao ver as imagens (re) vivo esta memória tão significativa para a história do espaço escolar da Escola Vila Rio Grande do Norte, ele reflete alegria, tem sabor de conquista e de felicidade. Josso (2010, p.120) registra que “o segredo da felicidade para cada um está, portanto, bem guardado no centro da interioridade, [...]”. Assim a busca da felicidade para si é quase sempre associada, mais ou menos explicitamente, à busca da felicidade coletiva. Neste cenário Educação, Religião, Infância, Adolescência, Voluntariado e a ferramenta principal o Amor ao Próximo se unem no mesmo espaço oportunizando que outros sujeitos conheçam a cultura e o local dos estudantes contribuindo com a melhoria do seu viver na escola.

Foto 30 – Comemorações alusivas ao Dia da Criança outubro de 2017.



Fonte: Arquivo Pessoal (2017).

Está foto foi feita no dia das comemorações alusivas ao dia da Criança, na oportunidade inauguramos o espaço do parquinho. Escola é um espaço fértil de ferramentas utilizadas para educar, estimular e socializar os sujeitos de forma que esses estejam desejosos e capacitados a enfrentar algumas circunstâncias na vida, onde sua formação será de grande valia. Importa o cidadão aprender a desenvolver suas capacidades, à medida que é ensinado, a questionar, refletir e opinar. A escola, mesmo em diferentes contextos, é um espaço sagrado e essencial para o desenvolvimento social, intelectual e emocional do indivíduo.

Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. E já que pelo menos por isso sempre achamos que temos alguma coisa a dizer sobre a educação que nos invade a vida (BRANDÃO, 2002, p. 7).

Para esse fim é preciso que todos os envolvidos no processo educacional sintam esse desejo, não é só o professor/a que ensina, não se aprende só na escola, por isso a importância de conhecermos a vida dos estudantes, falarmos das experiências vividas, partilharmos os saberes, tudo isso gera aprendizado, conhecimento para a vida. O conhecimento está em todos os lugares, é fato, mas a escola enquanto instituição social e cultural, precisa exalar nos aprendentes o desejo de conhecer, de aprender de viver em grupo, para que ao experimentar outras vivências, tornando-se pessoas, possam se tornar sujeitos com capacidade para criar uma sociedade mais harmoniosa e mais empática.

Bock, Furtado e Teixeira (2019) apontam a escola como uma instituição que além de transmitir a cultura, conhecimentos entre outros, ela é definida como um meio que prepara o ser aprendente para a vida.

A escola apresenta-se, hoje, como uma das mais importantes instituições sociais por fazer, assim como outras, a mediação entre o indivíduo e a sociedade. Ao transmitir a cultura e, com ela, modelos sociais de comportamento e valores morais, a escola permite que a criança “humanize-se, cultive-se, socialize-se ou, numa palavra, eduque-se”. A criança, então, vai deixando de imitar os comportamentos adultos para, aos poucos, apropriar-se dos modelos e valores transmitidos pela escola, aumentando, assim, sua autonomia e seu pertencimento ao grupo social (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2019, p. 261).

Como já foi citado no decorrer dessa construção dissertativa a criança no decorrer dos séculos era vista como um adulto em miniatura, vivia conforme os costumes das famílias, vivenciando a rotina dos adultos, não se questionava sobre a importância da escola. Hoje sabemos que a escola é uma criação social do homem e que surgiu com o objetivo de responder às necessidades sociais, de organização do sujeito para a vida pública. No momento contemporâneo a escola ocupa boa parte da vida dos estudantes, ensina técnica, valores, ou seja, vem substituindo a cada dia o lugar da família.

4.3 As substâncias decorrentes da narrativa sobre a prática pedagógica e os sujeitos aprendentes

Para a ilustração desse sub tópico, trago uma memória fotográfica do encerramento do ano letivo de 2019. Estes estudantes eram da turma do Quinto Ano C, nós estamos embaixo de um pé de cajueiro, no espaço da escola Estadual Padre José de Anchieta, espaço cedido para as turmas da Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte, em virtude de não termos espaço suficiente para atender a nossa demanda. Essa escola é linda, espaçosa, ventilada, um sonho trabalhar num espaço que lhe oportuniza outras vivências extra sala de aula. Trabalhei juntamente a professora, tentando melhorar a autoestima deles, motivando para aprender, produzimos um livro sobre a história de vida de cada um e concluímos com uma festinha e troca de presentes, foi um momento muito especial.

Foto 31 – Encerramento do ano letivo de 2019



Fonte: Arquivo pessoal, (2019).

Nesse sentido, o contexto educacional é fator de transformação na formação dos seres. Segundo o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 21-22): “[...] as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação”. Na escola somos apresentados aos primeiros desafios da vida, as interações interpessoais, a ruptura da presença constante dos pais, o início da construção da personalidade e o surgimento sutil de autonomia do sujeito.

Para a construção de um trabalho de pesquisa o ápice é construir o objeto investigativo, porém para se chegar aos resultados almejados, faz-se necessário elaborar instrumentos que subsidiem esse momento. Neste caso em comum acordo com a minha orientadora, criamos um diário onde fui registrando o passo a passo no tocante ao encontro com os sujeitos da pesquisa para obtenção da coleta dos dados.

A pesquisa no campo da (auto)biografia e dos relatos de vida possibilita aos sujeitos uma visita aos locais da memória que muitas vezes consideramos inatingíveis. No que tange a pesquisa autobiográfica, histórias de vida e a própria história da educação, a partir dos anos 1980 foram retomadas as pesquisas nesta linha oportunizando aos pesquisadores outros caminhos metodológicos na produção do conhecimento. Os estudos de Souza e Menezes (2006, p. 146) apontam que:

No âmbito da História da Educação e de outros campos do conhecimento educacional, as pesquisas com fontes menos e mais recorrentes começam a ter e a adquirir novo estatuto metodológico e apresentam novos esforços para uma compreensão das práticas educativas escolares.

A citação acima traz à reflexão, sobre as possibilidades de produzir conhecimento acerca das várias fontes de pesquisa dentro da própria escola, os documentos, as histórias de vida narradas e escritas, o currículo, entre outros. Neste estudo, utilizei o método qualitativo da pesquisa. Fundamentando-se em Prodanov e Freitas (2013, p. 70) para ratificar que:

Pesquisa qualitativa: considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicos no processo qualitativo. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

Foram respondidos questionários por duas professoras e quatro estudantes. Quanto a este instrumento Gil (2008, p. 121) aponta o questionário como instrumento de busca de dados e que se configura como conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado. A construção do formulário de pesquisa configura-se como um instrumento adequado para informar dados de uma pesquisa e pode ser utilizado tanto na forma de questionários como em entrevistas ou formulários. Ressalto a importância dos cuidados na eficácia da checagem dos objetivos e das questões ordenadas. Neste sentido Gil (2008, p. 100) afirma que:

Embora a observação simples possa ser caracterizada como espontânea, informal, não planejada, coloca-se num plano científico, pois vai além da simples constatação dos fatos. Em qualquer circunstância, exige um mínimo de controle na obtenção dos dados. Além disso, a coleta de dados por observação é seguida de um processo de análise e interpretação, o que lhe confere a sistematização e o controle requeridos dos procedimentos científicos.

Os questionários, foram elaborados de forma escrita aos respondentes, direcionadas para as professoras na plataforma digital Google Forms, para os estudantes foram pelo aplicativo de mensagens Whatsapp, eu perguntava e eles respondiam, nos víamos pela câmera do celular, embora estejamos no meio da Pandemia do Covid 19, eu me revesti de todos os cuidados possíveis e fui à casa de uma família que vivencia a descasca da castanha e lá

entrevistei os outros alunos que faltavam. As informações apresentadas demonstram conhecimento e aproximação dos sujeitos pesquisados.

A escolha das professoras para participar da pesquisa foi um momento difícil de vivenciar, pensava no trabalho que cada uma desempenhava na sala de aula, na relação com os alunos, buscava professoras as quais eu observasse na prática pedagógica algo diferente no fazer da sala de aula, como também na vida dos alunos. E assim fui revivendo nas minhas memórias o meu dia a dia nos corredores da escola, até o ano de dois mil e dezenove, tendo em vista que o ano de dois mil e vinte, tivemos menos de um mês de aula presencial por conta da terrível Pandemia do Covid 19 que ainda estamos vivenciando, hoje infelizmente enfrentando a segunda onda.

Continuando a busca por participantes que se adequassem ao meu objeto desejado, ao participar de uma reunião, no mês de fevereiro após quase um ano fora da escola, abordei algumas professoras perguntando se elas conheciam algumas crianças que descascavam castanha, expliquei que estava buscando identificar esses aprendizes por conta da pesquisa do Mestrado, para minha alegria, uma professora falou que tinha alunos/as vivenciando esse contexto e começou a citar os nomes, além de ficar muito agradecida, convidei-a para participar da pesquisa e ela aceitou. Eu admiro o trabalho dela, principalmente o cantinho da leitura que ela criou na sala de aula e pela meiguice em tratar as crianças. A partir dessa nossa conversa ela enviou os nomes dos alunos e os contatos, um menino de (14) quatorze anos e uma menina de (12) doze anos. Ambos estudam na escola, mas não são mais alunos/as dela.

A segunda professora convidada leciona numa turma de Quinto Ano Séries Iniciais, o que me fez convidá-la foi por acompanhar seu trabalho com uma criança especial, sem diagnóstico fechado, não sabe ler, vive andando nos corredores da escola, dorme no chão, tem dias que está muito agressivo, é um menino de poucas palavras e foi abandonado pela mãe. Essa professora apegou-se a essa criança com um zelo maternal, ele é o menino que eu tento proteger e cuidar, desde o segundo ano das Séries Iniciais que venho acompanhando esse menino, temos esse ponto que nos une. Ela é uma professora de pulso firme, responsável, uma professora muito sensível e afetuosa.

Elaborado o questionário da pesquisa, enviei para a orientadora que fez o trabalho de revisão deixando o questionário adequado. Diante da impossibilidade do contato com os sujeitos da pesquisa, lembrando que ainda estamos na Pandemia do Covid 19, a entrevista enviada na Plataforma Google Forms foi respondida de forma muito rápida pelas professoras. Na conversa que tive com docentes, falei para ambas que neste trabalho dissertativo faço uso

da metáfora da semente como início da vida e que elas poderiam escolher um codinome de flor e assim elas fizeram, portanto. O questionário elaborado está formatado em (07) questões como pode ser visto nos anexos.

Partindo do pressuposto da visão das professoras, apresento o resultado da pesquisa, a questão de número um se refere a data e local onde realizou-se a entrevista. A mesma foi realizada entre os dias 13 e 22 de abril de 2021.

A questão número 2 refere-se aos dados da identificação das entrevistadas. Não será citado o nome das mesmas, utilizar-se-á um codinome para identificá-las, sugeri que elas escolhessem um que remetesse a plantas, uma disse que queria ser chamada de Orquídea e a outra de Girassol, para mim são duas plantas belíssimas.

A questão três aborda sobre o nome, idade e formação acadêmica. Como citado na questão anterior, as entrevistadas serão chamadas de Orquídea e Girassol, ambas têm 42 anos, são do sexo feminino e possuem formação acadêmica em Pedagogia.

Na questão quatro foi solicitado que as entrevistadas falassem sobre o trabalho na escola. A professora Orquídea não relatou sobre o seu trabalho na escola, enquanto a professora Girassol enfatizou que “é maravilhoso poder contribuir com a construção de seres, é um desafio, e ao mesmo tempo gratificante”.

Para compreendermos e explicitarmos a natureza e a especificidade da educação escolar, é necessário realizarmos uma análise criteriosa de como se dá as práticas educativas nas salas de aula. Nessa perspectiva a professora Orquídea não relatou sobre o seu trabalho na escola, enquanto a professora Girassol enfatizou que “é maravilhoso poder contribuir com a construção de seres, é um desafio, e ao mesmo tempo gratificante”. A esse respeito Saviani (2003) enfatiza que isso ocorre quando, no contexto escolar, no ato educativo, quando a função social da escola é transmitir, produzir e socializar os conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade, tais conhecimentos ficam em segundo plano.

Considerando a relevância das experiências dos professores/as, nas quais situam-se suas subjetividades e o seu trabalho docente, devemos considerá-las como elementos de (auto) reflexão, uma vez que, por meio de suas experiências e de suas práticas, transformam e mobilizam diferentes saberes, bem como conhecimentos próprios à profissão. Neste sentido Tardif (2012, p. 268), se expressa:

Enquanto profissionais, os professores são considerados práticos-reflexivos ou “reflexivos” que produzem saberes específicos ao seu próprio trabalho e são capazes de deliberar sobre suas próprias práticas, de objetivá-las e partilhá-las, de aperfeiçoá-las e de introduzir inovações susceptíveis de aumentar sua eficácia.

A sala de aula pode ser um ativo campo de pesquisa, onde através da prática do professor e da observação diária, o docente pode identificar situações que se forem aprofundadas, conduzirão a uma mudança tanto no fazer pedagógico, quanto na vida dos sujeitos inseridos no contexto.

Ainda na questão quatro foi questionado, qual o ano que leciona, o número de alunos da sala de aula e se as mesmas conseguiram identificar entre os alunos os que trabalhavam com a casca da castanha? A professora Orquídea respondeu que leciona o 4º Ano Séries Iniciais com um total de (30) trinta alunos e observou que entre estes alunos (04) quatro trabalhavam com a casca da castanha. Enquanto que a professora Girassol leciona o 5º Ano, séries Iniciais com (27) vinte e sete alunos/as e conseguiu identificar que entre estes, 03 alunos trabalhavam com a casca da castanha.

Complementando a questão de número 04 as docentes ressaltaram que é fácil identificar os alunos que trabalham com a casca da castanha por estes apresentaram três condições: a primeira são as condições físicas a partir das marcas deixadas na pele, a segunda é que os mesmos sempre relatam que não tem tempo para estudar em casa e a terceira, por estes apresentarem um nível de aprendizagem inferior aos que não necessitam trabalhar.

Na Questão 5 as entrevistadas foram questionadas a respeito do que sabiam sobre as vivências desses estudantes com as castanhas. Apenas uma das entrevistadas respondeu dizendo que:

É perceptível... deixam marcas na pele deles, tiram as digitais, muitas vezes chega a sangrar, além das marcas do corpo, tem as marcas deixadas na vida deles. O trabalho que os afasta da escola, é o mesmo que os fazem criar uma imagem incapaz de si mesmos, incapaz de não aprender, incapaz de ser alguém melhor, incapaz de sonhar, muitos deles não têm sonhos. O futuro é aquele. A castanha que muitas vezes os possibilita ter a oportunidade de comprar o pão, também tira deles a fase mais linda da vida, a infância, as brincadeiras, o faz de conta e os sonhos. (PROFESSORA GIRASSOL).

A esse respeito Santini (2013) discorre ainda que o emprego de crianças na quebra da castanha de caju está incluído na lista de piores formas de trabalho infantil, ao lado de atividades como beneficiamento do fumo, do sisal e da cana-de-açúcar. A situação a que estão submetidas as crianças de João Câmara (RN) não chega a ser novidade.

Como subtópico da questão 5 foi questionado se as entrevistadas já haviam realizado leituras sobre o tema? E que se sim, citasse exemplo. A professora Orquídea disse nunca ter realizado leituras sobre o tema, enquanto a professora Girassol enfatizou ter realizado apenas leituras de reportagem sobre o trabalho infantil.

Prosseguindo ainda na questão 5 foi questionado as entrevistadas como estas, viam a relação da criança que estuda e que no contra turno necessita descascar castanhas? A professora Orquídea descreveu que "É muito cansativo, muitas vezes perdem o interesse pelos estudos e muitos ainda estudam porque são obrigados, porém também acham bom para ganhar seu próprio dinheiro, visto que, os pais não os ajudam". Enquanto a professora Girassol enfatizou ser "uma realidade triste que deveria não acontecer, falta de políticas públicas que possibilitem à criança e à família não precisar usar a mão de obra delas para ajudar no sustento da casa".

Diante desse contexto sabe-se que a incorporação de crianças e adolescentes no mercado formal e informal de trabalho expressa, por um lado, deficiências das políticas públicas para educação, saúde, habitação, cultura, esportes e lazer, além da ineficácia da fiscalização do trabalho para cumprimento da lei e da vigência de certas crenças, mesmo entre os próprios pais.

Ainda como subtópico da questão 5 foi questionado se na opinião das mesmas quais os aspectos interferem na progressão da aprendizagem dos alunos de 14 anos que ainda não são alfabetizados? Professora Orquídea respondeu que: Os aspectos sociais e emocionais, as condições em que vivem com a família e também as metodologias aplicadas que não condizem com a realidade".

A professora Girassol disse que "[...] eles sentem vergonha por não saberem ainda ler, se sentem incapazes, desestimulados, cansados e sem esperanças.

Dando prosseguimento a questão 5 foi solicitado que as entrevistadas fizessem um relato do seu trabalho com esses alunos com distorção idade/série?

Não é fácil trabalhar com esses alunos, pois apresentam baixo desempenho em relação aos alunos regulares, demonstra falta de interesse, são alunos que já trazem uma bagagem que afeta na aprendizagem, seja o trabalho, ou a vivência familiar, a discriminação. São alunos que precisam de uma atenção especial por parte da escola (PROFESSORA ORQUÍDEA).

Enquanto a Professora Girassol enfatizou que:

O trabalho com eles é diferenciado. O nível das atividades é diferente. O tratamento com eles também precisa ser diferente. A auto estima é uma questão que estamos sempre procurando fazê-los com que melhorem. Mostramos que existe esperança e que apesar de ser difícil, é através da educação que eles irão vencer (PROFESSORA GIRASSOL).

A esse respeito Moreira (2000) discorre que uma das principais consequências da distorção idade-série é o baixo desempenho dos alunos em atraso escolar quando comparados

aos alunos regulares, o que pode ser evidenciado pelos resultados inferiores aos esperados nas avaliações nacionais do Ensino Fundamental. Para Imbernón, *apud* Kepler, (1999).

O dilema do professor consiste em encontrar um equilíbrio entre fatores, tais como o fracasso escolar, o trabalho com toda classe, com grupos pequenos, a atenção individual, o tempo dedicado aos objetivos das diferentes disciplinas, questões cognitivas e afetivas, a extensão e profundidade dos conteúdos, as decisões conjuntas, as decisões dos alunos, a atenção absoluta e a falta de atenção, os critérios oficiais de avaliação e seus próprios critérios, as necessidades dos indivíduos e do grupo (IMBERNÓN, 2010 *apud* KEPLER 1999, p. 109).

É importante ressaltar o fortalecimento do trabalho em equipe valorizando os vínculos afetivos entre os professores e os setores do contexto educacional, a sala de aula é um campo complexo, devido à diversidade dos estudantes e a realidade social dos adolescentes, contudo há uma ineficiência dos poderes públicos, gerando revolta, e às vezes desespero e desesperança nos professores/as. Quiçá havendo um compartilhamento nas tarefas por parte dos envolvidos no contexto escolar, contribuindo assim com os docentes e os estudantes, minimizando a carga do professor/a como também conhecer e conviver mais de perto com a realidade dos estudantes.

O desinteresse e a indiferença que algumas crianças apresentam em relação a rotina e as tarefas que necessitam serem desenvolvidas por elas, enquanto fase de educação escolar, é um dos assuntos mais abordados no âmbito educacional por muitos educadores, e certamente é um grande desafio. Cotidianamente os professores relatam as dificuldades de aprendizagem dos alunos.

A dificuldade de aprendizagem é uma queixa pertinente nas escolas, em que alunos, por fatores desconhecidos pelas instituições de ensino, não conseguem aprender, ou ainda, não se alfabetizar dentro do tempo estabelecido e esperado pelo sistema de ensino. (ELIAS; JACOBY, 2015, Documento não paginado).

Lidar com a dificuldade de aprendizagem, com o desinteresse das crianças pelas atividades e consequentemente com o fracasso escolar é talvez mais um dos desafios enfrentados pelos professores/as em todos os níveis de ensino. Essa é uma situação recorrente no diálogo destes profissionais, que precisam encontrar alternativas que despertem nos estudantes o desejo de aprender.

Para finalizar a questão 5 foi questionado quais as estratégias didáticas a escola já faz para que esses alunos/as avancem e consigam o aprendizado desejado?

A Professora Orquídea respondeu que “Tentam trabalhar de acordo com a realidade de cada um, porém não é suficiente”. Já a Professora Girassol disse “realizar atividades diferenciadas e acompanhamento individualizado”.

Talvez os educadores por não perceberem nos conteúdos que são repassados um significado, ou até mesmo um sentido para a vida, perguntem-se: O que fazer para tornar o ambiente mais motivador para a aprendizagem? Conforme Santos (2008, p. 73), existem sete atitudes que devem ser aplicadas para melhorar o ambiente da sala de aula.

1. Dar sentido ao conteúdo: toda aprendizagem parte de um significado contextual e emocional. **2. Especificar:** após contextualizar o educando precisa ser levado a perceber as características específicas do que está sendo estudado. **3. Compreender:** é quando se dá a construção do conceito, que garante a possibilidade de utilização do conhecimento em diversos contextos. **4. Definir:** significa esclarecer um conceito. O aluno deve definir com suas palavras, de forma que o conceito lhe seja claro. **5. Argumentar:** após definir, o aluno precisa relacionar logicamente vários conceitos e isso ocorre por meio do texto falado, escrito, verbal e não verbal. **6. Discutir:** nesse passo, o aluno deve formular uma cadeia de raciocínio pela argumentação. **7. Levar para a vida:** o sétimo e último passo da (re) construção do conhecimento é a transformação. O fim último da aprendizagem significativa é a intervenção na realidade. Sem esse propósito, qualquer aprendizagem é inócua (*grifo do autor*).

Paralelo a isso, destacamos as ideias da autora Veiga (1992), quando aborda a relevância também da prática pedagógica do professor como um fator preponderante as finalidades educativas. Na verdade, passa a ser vista como dimensão da prática social, que pressupõe a relação teoria-prática, que é essencialmente o dever do educar, a busca de condições necessárias à sua realização, indicando que a teoria e a prática não existem isoladamente, uma não existe sem a outra, mas encontram-se indissolúvel.

A questão 6 ressaltou sobre a relação das famílias e as contribuições destas para a aprendizagem desses estudantes?

Na realidade as famílias não contribuem para aprendizagem dos estudantes, pois a maioria não tem conhecimento dos direitos dos estudantes, são analfabetos, algumas famílias desestruturadas, e acabam colocando toda responsabilidade na escola (PROFESSORA ORQUÍDEA).

Neste cenário de adversidades, os professores buscam ajuda, chamam a família, comunicam a equipe pedagógica, para juntas construírem um caminho que possa identificar os possíveis desinteresses desses estudantes pelo desejo de aprender. Muitas crianças inseridas nesse contexto passam até três anos na mesma série, mudam de nível de ensino sem o conhecimento básico da leitura e da escrita e quando completam quinze anos são inseridas no contexto da modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA), modalidade de

ensino oferecida aos estudantes que estão em distorção idade/série nos estudos, oportunizando a conclusão do ciclo escolar em menos tempo que o convencional. Muitos não conseguem desenvolver o seu cognitivo, outros interesses como namoro, necessidade de trabalhar vão surgindo e consequentemente vão desistindo da escola e a construção do saber oferecido pela instituição deixa de ser prioridade, a escola perde todo o sentido.

“As famílias quase nunca contribuem. Elas acreditam que o trabalho naquele momento é o mais importante, pois necessitam da renda.” (Professora Girassol).

A questão sete (7) retrata sobre o que estas entendiam por Currículo Escolar? A quem atribuía essa falta de aprendizagem e a não progressão desses alunos? E ao não sucesso desses aprendentes?

É o caminho que o estudante deve percorrer durante sua vida na escola. Nele, estão organizados os conteúdos que o aluno vai aprender ao longo do estudo em uma instituição de ensino. A falta de aprendizagem e o não sucesso desses alunos, deve-se a falta de interesse, a família desestruturada, de um olhar diferenciado por parte da escola. O currículo da própria escola que talvez não tenha um conteúdo relacionado ao interesse deles. Muitas vezes eles chegam na escola com o cheiro do óleo das castanhas e com as mãos manchadas, e isso traz constrangimentos, contribuindo também com a falta de aprendizagem (PROFESSORA ORQUÍDEA).

Professora Girassol entende que:

Por currículo, entendo que é o eixo norteador da escola. É o caminho pelo qual o aluno irá percorrer por toda sua vida escolar. É difícil encontrar um atributo ao qual possamos eleger como responsável do não desenvolvimento dessas crianças. Sabemos que nesse contexto há uma série de elementos onde podemos citar como responsável esses índices negativos. A família é um desses responsáveis, o sistema, a escola, a falta de políticas públicas voltadas para esse contexto. O próprio município, de posses de dados negativos em relação a aprendizagem dessas crianças, teria como elaborar projetos, tanto escolar, como extraescolar. A fim de minimizar tais resultados. O não sucesso escolar das crianças desse contexto teria possibilidades de mudanças positivas, se tivesse um olhar específico para tal problema. No entanto, ao que percebemos, muitas vezes a culpa é jogada diretamente sobre essas crianças (PROFESSORA GIRASSOL).

Nessa perspectiva Oliveira (2017) discorre que é importante repensar a função socializadora que o currículo escolar deve exercer no âmbito educacional. Analisa-se contemporaneamente, que o currículo escolar não pode ser visto e nem compreendido, como, um “acúmulo” de disciplinas isoladas, fragmentadas, com conteúdo apresentados de modo tradicional, e transmitidos sem reflexão pelo professor/educador em sala de aula. Verifica-se, que o currículo escolar é histórico, e vai além de conteúdos e disciplinas, sendo que o currículo deve ser elaborado de forma a oportunizar condições de conhecimentos para os

educandos, na busca de abranger e atender as diversas realidades sociais existentes, de maneira ampla, real, significativa, reflexiva, dinâmica, democrática, inclusiva, ética e moral.

4.4 Pensar um estudo/escola que tenha, também, significado aos estudantes a partir do contexto local

O subcapítulo presente, tem o intuito de finalizar a análise desta pesquisa. Deste modo, apresento os componentes que norteiam a qualidade da investigação científica. Nessa perspectiva, está a exposição dos elementos que formam o objeto desse estudo, relatando as experiências vivenciadas no cotidiano escolar pelos alunos no espaço educacional estudado.

Foto 32 – Inauguração do Parquinho



Fonte: Arquivo Pessoal (2017).

Esta imagem foi feita no dia da inauguração do parquinho, foi um momento inesquecível para mim enquanto profissional da educação e para as quase quinhentas crianças que vão usufruir desse espaço para brincarem, sorrir, chorar e serem felizes na hora do intervalo escolar. Além das crianças está o diretor da escola na época, o palhaço que contratamos para animar as crianças, meu filho e eu, a cada nova experiência vivenciando, percebo que é possível melhorar as situações de adversidades dentro da escola, inserido no Currículo possibilidades de trazer a comunidade local para dentro dos muros da escola, se nós enquanto voluntários fizemos isso de um município para o outro, por que não na comunidade local? Tendo em vista que os benefícios serão usufruídos pelas pessoas do lugar, principalmente por essas crianças que tanto necessitam de vida decente e digna que só querem brincar, aprender e ser feliz. Santos (2019) faz uma linda descrição do que é ser criança.

Ser criança é deixar-se agir pelo prazer da brincadeira, é enxergar o mundo como um parque de diversão em que cada nova descoberta, revela-se uma aventura excitante. Ser criança é ter na essência a pureza e a leveza de um pássaro que voa cantando à liberdade, que transmite paz e esperança. Ser criança é não envergonhar-se com o erro, é mostrar-se forte ao cair. É chorar para revelar suas fraquezas, seus medos e até seus desejos; ser criança é sorrir com as trapalhadas do palhaço, é fazer travessuras, é gostar de sentir-se especial, amada e protegida. Ser criança é ser capaz de resolver os problemas pelo simples fato de ser criança; é viajar pelo inalcançável, desfrutar da magia das mais belas aventuras infantis através de sua aguçada imaginação. É ser e estar numa sociedade, na qual faz e refaz a sua história, o seu pertencimento, que se constrói, reconstrói e ressignifica-se.

Enquanto existir pessoas que busquem por melhorias que favoreçam e ressignificam o valor, o cuidado e o respeito pela criança, teremos esperança de um mundo melhor, nessa sociedade que por vezes é tão desumanizante e insensível quanto a cultura da infância. É preciso oportunizar condições para que essa fase da vida seja vivida de forma feliz e alegre.

Ponto a relevância da incorporação da cultura a partir do contexto local, apresentada através do Currículo que é um instrumento indispensável ao processo de ensino e aprendizagem. Nas várias pesquisas e definições que discutem essa temática, o entendimento aponta para a necessidade de um currículo que oportunize aos estudantes o conhecimento da realidade, das origens e da cultural local. É preciso que o currículo escolar siga um modelo que contemple a inclusão dos valores, pensando em uma educação libertadora, conforme preconiza Paulo Freire, onde o respeito às diferenças e a empatia são o alimento diário.

Antes de falar sobre o contexto local, gostaria de discorrer primeiramente sobre Educação, muitos são os conceitos a respeito dessa temática, após várias buscas encontrei uma definição em Durkheim *apud* Ferrari, (2008, p.29) que diz:

Se a educação for desligada das causas históricas, ela se tornará apenas exercício da vontade e do desenvolvimento individual, o que para ele era incompreensível: "Como é que o indivíduo pode pretender reconstruir, por meio do único esforço da sua reflexão privada, o que não é obra do pensamento individual?" E ele mesmo respondeu: "O indivíduo só poderá agir na medida em que aprender a conhecer o contexto em que está inserido, a saber quais são suas origens e as condições de que depende. E não poderá sabê-lo sem ir à escola, começando por observar a matéria bruta que está lá representada".

A educação é uma das tarefas humanas mais significativas e importantes da vida tanto no aspecto social, formal ou informal. Ela conduz as pessoas em relação à vida aos conhecimentos sistematizados ou não, essenciais à formação integral do sujeito, partindo do âmbito social, pessoal, ético e profissional. No que tange à escola é imprescindível elaborar condições que favoreçam o desejo do aluno em aprender, dando significado ao que foi aprendido, identificando o sentido e a utilidade do aprendizado.

Ainda na discussão sobre a escola e seu contexto local abordo um pouco da cultura local, mas o que é cultura local e qual sua relação com a educação? Darcy Ribeiro (1972, p.93):

Afirma que cultura é um fenômeno plural, multiforme que não é estático, mas que está em constante transformação, envolvendo um processo de criar e recriar. Ou seja, a cultura é por sua vez um componente ativo na vida do ser humano e manifesta-se nos atos mais corriqueiros da conduta do indivíduo e, não há indivíduo que não possua cultura, pelo contrário cada um é criador e propagador de cultura.

A cultura local é um produto de criação do homem, pode ser vista como a herança de um povo, com normas de subsistência, com seus valores, crenças e costumes que passam de uma geração a outra. Trazendo para a realidade do contexto escolar, o conhecimento repassado sobre a cultura é encontrado no Currículo Escolar, o documento que norteia essas informações da cultura do lugar.

É inconcebível pensar na instituição escola sem apontar o documento que rege os objetivos e todas as normatizações necessárias para que a escola caminhe e atinja seu propósito, segundo o pesquisador Sacristã (2013) “Currículo é tudo aquilo que sabemos e que, em tese, pode ser ensinado ou aprendido, currículo escolar é uma seleção organizada dos conteúdos a aprender, os quais, por vez, regularão a prática didática que se desenvolve durante a escolaridade”. Portanto, o currículo escolar é um documento flexível, onde estão contidos os referenciais teóricos metodológicos que consigam subsidiar propostas pedagógicas que oportunizem os direitos de aprendizagem dos estudantes com qualidade, sem cisão do conhecimento que lhes é de direito.

Ainda fazendo referência ao Currículo Escolar é pertinente lembrar que o assunto que deveria ser mais considerado neste documento no tópico que se refere a aprendizagem, por ser uma teia de significados que dá sentido ao entorno do indivíduo, é o desenvolvimento das potencialidades humanas. Daí a importância de acolher as diversas trajetórias de vida dos aprendentes, para que diante dessa realidade o professor/a possa flexibilizar os objetivos e os conteúdos, revendo a forma de ensinar e de avaliar, contextualizando o currículo que normalmente na teoria apresenta um conteúdo e na prática escolar destoa da realidade do local. Zabala, 1998, aponta alguns questionamentos imprescindíveis para a materialização dessa flexibilização: Quem são os meus aprendizes? Que sabem os alunos em relação ao que eu quero ensinar? Que experiências tiveram? O que são capazes de aprender? Quais são os seus interesses? Quais são os seus estilos de aprendizagem? (1998, p. 109). Portanto é

fundamental que prevaleça o ensinar e a relevância social e cognitiva do ensinado para garantir o que se tornará instrumentos a ser avaliado.

O processo de avaliação é um dos grandes desafios enfrentados pelos professores/as na sua prática pedagógica, é um ato complexo e às vezes injusto, por isso precisa ser bem definido na implementação do currículo escolar. Coaduno com Silva 2001 quando aponta para a importância de diversificar os instrumentos de avaliação com intencionalidade e sistematização.

A diversidade de instrumentos avaliativos precisa estar inserida em uma sistemática, atender a uma metodologia própria da teoria e da prática da avaliação educacional e adequá-la à natureza do objeto avaliado, seja o ensino e a aprendizagem, o currículo, o curso, o programa, a instituição, etc. (SILVA, 2001, p. 15).

A avaliação é um campo teórico e prático, apresenta um caráter metodológico e pedagógico, por isso ao pensar na diversidade de instrumentos urge a necessidade de pensar num modelo que atenda a intencionalidade e a especificidade do objetivo almejado.

Em vista disso, dessa narrativa tecida sobre contexto local, currículo e avaliação dos estudantes, pontuo o momento ápice desse trabalho dissertativo, as narrativas dos estudantes da Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte sobre seus sonhos, desejos e vivências com a descasca da castanha.

Medeiros e Aguiar (2013) afirmam que através das narrativas, temos a possibilidade de compreender as questões identitárias, expressões do existencialismo, mediante a interpretação e a reflexão do vivido. Bem ainda, busca-se diante dessa afirmação conhecer a realidade imbricada na vida e no cotidiano dos indivíduos.

Como forma de conhecer essa realidade, discorro sobre o caminho percorrido em busca destes estudantes, tendo em vista que continuamos enfrentando a Pandemia do Covid 19 e que as escolas estão fechadas há mais de um ano. Elegi o Diário de Campo como um dos instrumentos metodológicos por alguns motivos, o primeiro é por me identificar com esse tipo de escrita, prático isso há anos, segundo, viabiliza as possibilidades da utilização que abraça a abordagem qualitativa de caráter (auto)biográfico e por fim, possibilita registrar as impressões, o diálogo e o entendimento que vão sendo tecidos em cada momento com os participantes da pesquisa. Macedo (2010) tem um entendimento que diz:

Além de ser utilizado como instrumento reflexivo para o pesquisador, o gênero diário é, em geral, utilizado como forma de conhecer o vivido dos atores pesquisados, quando a problemática da pesquisa aponta para a apreensão dos significados que os atores sociais dão à situação vivida. O diário é um dispositivo na investigação, pelo seu caráter subjetivo e intimista. (MACEDO, 2010, p. 134).

O Diário tem uma natureza intimista e subjetiva, permite observar, (re)viver os momentos mais significativos experimentados pelos indivíduos no decorrer da vida e durante a pesquisa.

A escrita de como se deu o encontro entre mim e os estudantes sujeitos da pesquisa vem acontecendo há algum tempo, desde que iniciei a construção desse projeto. Porém, para este momento da pesquisa defini que (04) quatro estudantes dariam conta do objetivo traçado. Em fevereiro deste ano numa reunião pedagógica abordei algumas professoras do quarto e do quinto Ano Séries Iniciais sobre quem conhecia alunos que descascavam castanhas, para minha surpresa, apenas uma respondeu que conhecia, eu buscava apenas dois estudantes tendo em vista que eu já tinha outros contatos. Neste mesmo dia, logo à tarde ela me passou o contato dos mesmos, um menino e uma menina. Alguns dias depois através do Whatsapp entrei em contato com ambos e falei sobre a pesquisa, mostraram-se bastante interessados, marcamos o dia e o horário e obtive as falas que eu buscava.

Nesta tessitura narrativa, busco conhecer os sujeitos partícipes da pesquisa, fazendo os seguintes questionamentos. Quem são os seres protagonistas desse estudo? O que pensam sobre suas vivências? Quais os sonhos que cultivam para o futuro? Essas indagações ajudam a pensar quem são esses seres que estão percorrendo esse caminho comigo? Me antecipo dizendo que são meninos e meninas que pensam, que vivenciam dificuldades para sobreviver, mas que nutrem sonhos e são felizes. São frutos de um sistema de desigualdade social vivenciada em muitas realidades neste Brasil. Oportunizar possibilidades de fala a esses seres é um meio de conhecer suas culturas, seu pensamento sobre a realidade vivida. Diante desse contexto, Josso (2010) descreve que as histórias de vida contadas pelos sujeitos evidenciam referenciais, estratégias e recursos utilizados na procura de um ‘saber-viver’ a própria existencialidade.

Iniciando o contato com os sujeitos, liguei para o número indicado pela professora, atendeu uma menina de voz forte, me identifiquei, falei do meu objetivo, perguntei com quem ela estava em casa e ela respondeu “com a mãe e com meu sobrinho”, em seguida pedi que que ela ligasse a câmera para que assim pudéssemos nos ver e nos conhecer e assim ela fez, o cenário que surge a minha frente é de uma parede sem reboco, de uma casa extremamente simples, buracos na parede e com o telhado todo quebrado. Ela foi dizendo: tia eu não estou na Serra do Mel, eu estou em Mossoró, acho que só volto para Serra do Mel no final do mês.

Surgiu na câmera do celular uma menina de cara meio marrenta, sem esboçar nenhum sorriso, conversamos um pouquinho, fui perguntando sobre a vida dela, deixei-a bem à

vontade e iniciamos a nossa conversa, primeiro pedi que ela desse um nome fictício, por exemplo, se você fosse uma fruta qual seria? Ela respondeu: “qualquer uma”, eu citei algumas e ela escolheu amora. Ela estava deitada numa rede, perguntei se ela estava doente, e ela respondeu que “não, estou fazendo a tarefa da escola”. Amora tem doze (12) anos e está cursando o Quinto Ano Séries Iniciais. Dei prosseguimento a minha conversa com Amora fazendo a primeira pergunta que foi: Você gosta de estudar? Esta respondeu que “sim, pois estudar além de distrair a mente educa a pessoa”. Em seguida perguntei: Qual o seu maior sonho para o futuro? Para sua vida? E ela respondeu que o maior sonho de seu futuro “ser caminhoneira, e se não der certo irei ser policial”, eu a questionei ainda por qual motivo ela queria ser caminhoneira, e ela prontamente respondeu que “quero ser caminhoneira por conta do meu pai que dirige um guincho”.

Com relação ao maior sonho que ela tinha para a sua vida ela respondeu que “comprar uma casa na Serra do mel, pois atualmente moro de aluguel com minha família”. Questionei ainda se esta descasca castanha? E ela respondeu que “já trabalhei com a descasca da castanha, mas hoje não descasco mais, pois perdi a vontade”. Dando prosseguimento a nossa conversa perguntei: Quanto tempo você passou descascando castanha? Quantas horas por dia trabalhava? Você gostava? Ela não respondeu quanto tempo exatamente passou, mas disse que “foi pouco tempo e que começou com onze anos, e trabalhava das (07) sete horas da manhã e terminava as (5) cinco horas da tarde”. Prosseguindo perguntei: Na sua família quem descasca castanha? Ela respondeu: “Minha irmã, ela tem (24) anos, eu não descasco mais porque fico com o menino dela, aí não tem como, entendeu”? Gosto mais de ficar com meu sobrinho do que descascar castanha. Também ajudo a minha mãe, lavo os pratos, lavo roupa”. E para finalizar a minha conversa com Amora lhe questionei: Você aprendeu a ler com quantos anos? O que você mais gosta de fazer na escola? Ela respondeu: “aprendi a ler com nove (9) anos”. “E o que mais gosta de fazer na escola é o dever de matemática”.

O segundo sujeito da pesquisa é um menino muito especial, venho acompanhando-o há algum tempo, vive um contexto familiar difícil, não tem mãe, trabalha com as castanhas desde muito pequenino, hoje já completou quinze (15) anos, aprendeu a ler aos treze (13) anos, ainda assim com muita dificuldade, hoje está cursando o Sétimo Ano Séries Finais. Ele disse que o nome fictício poderia ser melancia uma fruta que ele gosta muito. As imagens que apareciam pela câmera do celular eram de uma casa muito simples, sem reboco, um cenário de pobreza muito forte.

Iniciamos nossa conversa perguntando se ele gosta de estudar e por que? Ele respondeu que “o estudo representa muitas coisas, acha difícil falar, se sente pouco à vontade”. O maior sonho que “melancia” tem para o futuro é ser policial, porque o policial ajuda muito as pessoas.

Ao abordar sobre as castanhas, perguntei se ele gosta, respondeu que “sim, que começou desde os (10) dez (11) onze anos com os irmãos e os primos e que é a única profissão que funciona para ele”. Melancia completou dizendo que “gosta de descascar castanha, mas é muito cansativo, fica em pé um bom tempo, até acabar as castanhas, mas é uma coisa de muitos anos, já me acostumei e com o que eu ganho eu compro roupa, comida, um monte de coisas”.

A matemática é hoje tanto uma ciência como uma habilidade necessária à sobrevivência numa sociedade complexa e industrializada. Para ganhar a vida, as crianças das camadas mais pobres da população devem, desde cedo, engajar-se nas atividades do setor informal da economia. Esta participação das crianças ocorre de diversas formas – vendendo doces, pirulitos, picolés etc [...] Com onze 10-11 anos, as crianças já podem ter seu próprio “negócio” ou ajudar seus pais Carraher, Carrahe & Sshliemann (1982, p.82).

Esses aprendentes conhecem a matemática da vida, lidam com o dinheiro e vendem seu trabalho, mas muitas vezes não conseguem aprender a matemática ensinada na escola. Para Carraher, Carrahe & Sshliemann (1982), as diferenças entre uma situação de venda em uma feira e uma situação escolar são tantas que é difícil saber o que leva as crianças a se saírem muito bem nos problemas da vida e demonstrarem tantas dificuldades ao resolverem problemas na escola. Ao meu ver é como se a matemática que é ensinada na escola, por não ser contextualizada com a vida, não é significativo, não desperta nos aprendentes o desejo do saber, do aprender. Terminada a nossa conversa eu o agradei e nos despedimos. A entrevista com “melancia” foi realizada à noite, ele disse que era mais tranquilo, demorou aproximadamente vinte minutos.

Ao ouvir os relatos desses meninos/as que aceitaram construir comigo essa pesquisa fico a imaginar o quanto ainda temos que avançar na busca por conquistas, por direitos e por qualidade de vida para as crianças e adolescentes que estão no cotidiano escolar. As crianças ainda precisam trabalhar para ajudar a manter a sobrevivência da família.

A esse respeito Kramer (2003) observa que o adulto vende a sua força de trabalho e para muitos desses adultos a criança poderá representar maiores ganhos, por isso promove a sua inserção no trabalho simultaneamente à sua vida escolar. Estes adultos compreendem que o valor de investimento da educação para as crianças trará resultados positivos a médio e

longo prazo, no entanto, muitas vezes as põe para trabalhar a fim de aumentar o capital familiar, prejudicando assim o desempenho das crianças. Sendo essa uma prática comum na classe de menor poder aquisitivo.

Continuando nesta busca pelos sujeitos entrevistei uma menina de (10) dez anos que cursa a Quinta Série Anos Iniciais. Ela é muito esperta, cheia de brincadeiras e amizade. A entrevista foi presencial num encontro que tivemos na Escola. O nome fictício escolhido foi maçã, ela disse que é uma fruta que gosta muito.

Ao iniciar nossa conversa, perguntei há quanto tempo ela tira castanha? Ela respondeu: “desde os nove anos, eu gosto de ajudar a mainha, porque ela me dá a mesada, só não raspo no domingo. Pois é o dia em que vamos arrumar a casa”. Em seguida questioneei: Qual o horário que você faz suas tarefas escolares?

Quando nós terminamos às cinco horas e trinta minutos, tomo banho e vou fazer dever. Gosto de trabalhar com isso porque não sai de casa e não faço outra coisa. Trabalho sentada, mas à noite tô um pouquinho cansada, estou juntando o dinheiro que ganho para comprar um celular, já tenho cento e cinquenta, por mês eu ganho dez reais. Quando eu chego da escola, almoço e vou trabalhar. Só sei ler um pouquinho, tenho vontade de aprender a ler (MAÇÃ, 10 anos).

Na fala de Maçã é perceptível o desejo que ela tem de aprender a ler melhor. Quantas crianças vivenciam esse mesmo sentimento, nos diálogos que fazemos no dia a dia com estudantes que apresentam essa dificuldade é comum ouvirmos eles/elas expressarem o desejo em saber ler.

Talvez o cansaço, a falta de motivação, de tempo para se dedicar aos estudos, por conta de outras responsabilidades minimizem o tempo que deveria ser dedicado às vivências e o comprometimento com os afazeres escolar, me identifico, vivenciei essa realidade e sei o quanto é danoso para o nosso futuro.

Fale sobre seu sonho para o futuro? “Quando eu crescer eu não quero trabalhar na castanha, quero ser médica, acho bom trabalhar com castanha mas não quero ficar dentro de casa, quero trabalhar cuidando dos doentes, se não for médica quero ser advogada. Sou feliz!”

O nosso último entrevistado foi um menino de (12) anos, o pseudônimo escolhido foi caju. Ele é um menino tranquilo que participa das aulas, o acompanhei durante muito tempo nas atividades e nas orientações que a professora buscava em mim. Nosso encontro aconteceu na Sala da Orientação Pedagógica.

Iniciei nossa conversa perguntando sobre o tempo que ele trabalha com castanhas e ele respondeu assim: “Trabalho na castanha há três meses para ganhar dinheiro, para comprar

minhas roupinhas, trabalho eu e meu cunhado, começo de uma hora, quando tem muita castanha, pego as castanhas de monoblocos pesadas, cansa muito”.

Ao questionar: Além de você quem mais trabalha com castanha? Ele respondeu “Meu cunhado, eu trabalho, corto e descasco castanha para ele às vezes ele também me ajuda, é um trabalho cansativo, que a pessoa passa a tarde todinha em pé”.

Em seguida, perguntei: Você gosta de trabalhar com castanhas? Ele respondeu: “Gosto”. Prossegui questionando-o a respeito de: Quanto ao lucro mensal, Caju respondeu: “Tem meses que eu apuro cento e cinquenta reais, quando mãe pede eu empresto e quando ela tem, ela me empresta, recebo o dinheiro de mês em mês. Quando meu cunhado puder vai botar um galpão de cortar castanha e aí eu vou trabalhar com ele”.

Quando indaguei. Quais os seus sonhos para o futuro? Ele respondeu “Quando eu crescer, quero cortar castanha, botar uma microempresa, porque dá muito dinheiro. Gosto de trabalhar porque tenho meus amigos e é muito divertido, tem um só pro caba escutar, para não dar preguiça” (CAJU, 12 anos). Contudo, apesar de muitos desses estudantes apresentarem baixo rendimento escolar, cultivam um sonho de um futuro melhor, como pode ser percebido nas narrativas destes. Nessa perspectiva Farias, Demartini, Prado (2005):

Investigar a infância, portanto, requer do pesquisador conhecimento da história e da condição social da criança. Em contrapartida, pesquisar a relação infância, escola, e toda a gama de relações aí imbricadas, exige do investigador a compreensão dos elementos constitutivos da história da educação, da infância, da pedagogia e da escola. Neste sentido, tanto a infância quanto a escola podem ser consideradas “artefatos” culturais, produtos de necessidades impostas pelo processo histórico da formação da sociedade capitalista. (FARIAS; DEMARTINI; PRADO, 2005, p.38).

Nessa perspectiva observa-se que o valor da criança perpassa pela significação econômica da infância e “[...]tratar a criança em abstrato, sem levar em consideração as diferentes condições de vida, é dissimular a significação social da infância” (KRAMER, 2003, p. 23). Com isso, a política voltada para a infância, para a escola e para os professores/as, precisa considerar que o desenvolvimento das crianças depende das suas condições de vida e meio cultural, pois vivenciam uma sociedade pautada pelas desigualdades sociais, onde é comum a negação de direito. A partir da família e chegando à escola muitas crianças e adolescentes vivenciam em ambientes e relações interpessoais que não estimulam a leitura, a criatividade, o raciocínio lógico, a ética.

Diante desse contexto, presente em muitas instituições de ensino, urge a necessidade de trabalhar a autonomia e o protagonismo dos sujeitos, a fim de que possam atuar em função daquilo que se deseja conquistar para o bem da coletividade, pois “[...]através da educação,

podemos de saída compreender o que é o poder na sociedade, iluminando as relações de poder que a classe dominante torna obscuras” (FREIRE; SHOR, 1992, p. 44).

Um dos caminhos é possibilitar a participação da comunidade escolar nos conselhos deliberativos, pois mostram os aspectos normativos e legislativos que apontam para um funcionamento mais adequado da organização, incentivando o exercício da cidadania.

Durante a conversa que tive com esses estudantes e como podem ser percebidas pelas falas, elas apresentam um diálogo curto, as respostas são sucintas, porém podemos perceber que todas as falas são permeadas de sonho profissional e futurista, que se alegram em poder ajudar a mãe, tanto na descasca da castanha como nos afazeres domésticos e também na consciência que trabalham para ajudar no financeiro e no sustento do lar.

O que mais admirei no diálogo que tive com esses estudantes foi o fato deles dizerem que são felizes, embora vivam esse contexto indesejável para essa fase da vida, nenhum esboçou tristeza, revolta, pelo contrário são cheios de desejos.

Através das narrativas dos estudantes percebemos que mesmo enfrentando esse contexto de trabalho, de desigualdade social, onde essas crianças são privadas do brincar, do assistir TV, usar a Internet, entre outras vivências típicas da infância e da adolescência, percebemos nas falas os sonhos de um futuro promissor, e o sentimento de felicidade que algumas enfatizaram. Eu acredito e incentivo dizendo para elas que é possível sim conquistar os sonhos, a gente não pode desistir nunca.

Considerando que o meio infantil/juvenil tem suas peculiaridades, é de suma importância pesquisar sobre esse universo, a partir das experiências vividas pelas próprias crianças, uma vez que existem aspectos sociais múltiplos que favorecem a negação do direito à infância e à adolescência, pois por diversas vezes essas vivenciam também os problemas dos adultos e sendo assim lhes falta tempo para aproveitar a fase das brincadeiras e das amizades na infância.

5 POR FIM: PASSEIO NA LEVEZA DO MEU SER, TRANSFORMO-ME EM MEU PRÓPRIO SER DE ESTUDO /SUJEITO E CONTINUO A ESCRITA

Eu sou aquela mulher
a quem o tempo muito
ensinou.
Ensinou a amar a vida
e não desistir da luta,
recomeçar na derrota,
renunciar a palavras
e pensamentos negativos.
Acreditar nos valores
humanos
e ser otimista.

Cora Coralina

A pesquisa educacional é relevante no fazer pedagógico dos profissionais da educação que, através da autobiografia e das histórias de vida, recriam o seu fazer pedagógico, como também a sua própria história. Por isso, mesmo diante da luta e das adversidades da vida continuo sendo essa mulher que fala Cora Coralina, que luta, que tem fé, que ama viver e tem esperança de ver uma humanidade melhor apesar de todas as intempéries do mundo presente.

Dito isto, entendo que associo por intermédio do diálogo, o trabalho com narrativas (auto) biográficas e a prática pedagógica do meu eu professor, assim consigo uma leitura detalhada da minha realidade. Não do ponto de vista de apontar erros e acertos, mas no sentido de compreender contextos e, de certa forma, somar na Educação que desenvolvo. Parafraseando Medeiros e Aguiar (2018). Postas essas considerações, acredito que a pesquisa é de grande importância, uma vez que coloca no centro, por meio de narrativas (auto) biográficas, o professor e suas experiências em uma realidade complexa.

Como problema da pesquisa busquei conhecer quais as contribuições da descasca da castanha para o currículo escolar nas narrativas e vivências das crianças dos Anos Iniciais da Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte? Para responder esta pergunta construímos um objetivo geral que é, pensar as contribuições da descasca da castanha para o currículo escolar a partir das narrativas de vivências das crianças da Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte. Diante disso buscamos através dos objetivos específicos, narrar a história de vida de uma menina do sertão, desbravando lugares, seus medos, e suas conquistas, apresentar por meio da revisão de literatura vivências de crianças com a descasca da castanha e identificar as contribuições da descasca da castanha como tema inerente ao currículo escolar da infância.

O direcionamento deste estudo oportunizou-me fazer uma viagem no percurso da minha vida ao longo desses anos, por meio das minhas narrativas, de alegrias, perdas, conquistas e gratidão.

Ao explorar o objeto de estudo conheci algumas pesquisas sobre histórias de vida com as castanhas, o que discutem os Currículos Escolares e o que pensam alguns autores acerca da temática. A formação do professor em diferentes espaços socializadores: Um olhar sobre os alunos do curso pedagogia da Terra (2006). Costa (2006), faz uma pesquisa a respeito da formação do professor, destacando principalmente elementos que constituem a cultura. Dentro desse contexto histórico-cultural, o autor citado, elencou como referência para essa pesquisa, quatro espaços de formação: a Família, a Escola, o Trabalho e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra/MST.

Seguindo essa linha de pesquisa, buscou-se conhecer experiências de professoras e de crianças que vivenciam a realidade da descasca da castanha como forma inerente de viver. Tecendo os caminhos da pesquisa, identificou-se também a Tese da professora Hostina Maria Ferreira do Nascimento da UERN, intitulada Mala na mão, pé na estrada, à procura de uma pedagogia das singularidades. Nascimento (2008, p. 08) diz que: “[...] para apresentar uma arqueologia dos saberes inscritos nestas histórias de vida, escolhi um estilo narrativo comprometido com a simplicidade e com a leveza”. Nesse trabalho a autora busca como referências principais os estudos de Edgar Morin e de Paulo Freire, ambos discutem a ideia dos conceitos de assunção, da identidade cultural e do diálogo.

A dissertação de Oliveira (2004), intitulada: Infâncias: o lugar do lúdico nas tramas do trabalho infantil, discorre sobre o viver das crianças frutos de uma cultura que ainda insere esses pequeninos seres no trabalho infantil. A autora discute a palavra, como símbolo de comunicação por excelência, e a interação entre o pesquisador e os atores sociais estudados, como parte fundamental da investigação qualitativa, e tem como objetivo investigar como as crianças em situação de trabalho vivenciam o brincar em seu cotidiano.

Com a metodologia de Revisão de Literatura obtive conhecimento sobre essa temática tento em vista ser uma linha de pesquisa desconhecida para mim; outro elemento que venho pontuar é a relevância das escutas realizadas e a convivência cotidiana com os alunos/as, adiquiri mais conhecimento e informações de como vivem as crianças que estudam na Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte e que tem como atividade junto a sua família a descasca da castanha.

Em muitas dessas escutas com as crianças, durante a prática diária, as histórias são tocantes, algumas emocionam de tal forma que é necessário dar um tempo para me recompor e só então continuar com as orientações que a minha função exige, afinal, meus pares profissionais esperam que eu possa contribuir com o trabalho em sala de aula. Não estou referindo-me as crianças sujeitas da pesquisa, mas aos sujeitos do cotidiano da minha prática como orientadora educacional.

Comungo com Josso (2010) quando fala que as potencialidades do diálogo entre o individual e sociocultural introduzem necessariamente uma reflexão sobre a articulação entre essas duas realidades e a tomada de consciência de coabitações de significados múltiplos no mesmo vivido.

Debruçar-me para refletir sobre a significação social da infância foi fundamental para eu compreender a realidade presente vivida por esses sujeitos em desenvolvimento. Em todas as classes sociais é comum a dependência da criança à pessoa do adulto, a qual deve protegê-la, alimentá-la, cuidá-la e oferecer junto às políticas públicas, as condições plenas para seu desenvolvimento visto que nessa fase, são seres que precisam de atenção e são economicamente não produtivos.

Lamentavelmente, ainda presenciamos nos espaços escolares situações adversas ao mundo infante/juvenil, são crianças e adolescentes que vivenciam contextos de pobreza, de falta de oportunidades, famílias desassistidas socialmente entre outros aspectos e especificidades que envolvem esses estudantes. Constantemente essas crianças e adolescentes são desprovidas de amor, de atenção e de princípios morais e éticos. Tudo isso reflete dentro da escola, muitos não conseguem avançar nos estudos, passam até três anos na mesma série, gerando vergonha e revolta, vão à escola para passar o tempo, o desejo de aprender já não existe mais.

Realizo escutas e acompanhamentos aos alunos que apresentam algum desinteresse pelos estudos, eles são estigmatizados como alunos com dificuldade de aprendizagem, normalmente são meninos e meninas que não conquistaram o aprender a ler e a escrever até os (10) dez anos de idade, no acompanhamento que fazemos a esses estudantes é perceptível esses sentimentos, quando chegam aos (15) quinze anos vão parar numa turma de EJA. Escutamos pouco os nossos alunos, por isso conhecemos muito pouco sobre eles e seus cotidianos de vida.

Neste cenário de adversidades, os professores buscam ajuda, chamam a família, comunicam a equipe pedagógica, para juntas construírem um caminho que possa identificar

os possíveis desinteresses desses estudantes pelo desejo de aprender. Muitas crianças inseridas nesse contexto passam até três anos na mesma série, mudam de nível de ensino sem o conhecimento básico da leitura e da escrita e quando completam quinze anos são inseridas no contexto da modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA), modalidade de ensino oferecida aos estudantes que estão em distorção idade/série nos estudos, oportunizando a conclusão do ciclo escolar em menos tempo que o convencional. Muitos não conseguem desenvolver o seu cognitivo, outros interesses como namoro, necessidade de trabalhar vão surgindo e conseqüentemente vão desistindo da escola e a construção do saber oferecido pela instituição deixa de ser prioridade, a escola perde todo o sentido.

Nesta pesquisa vejo a perspectiva de uma contribuição social e curricular no sentido de que a escola precisa redirecionar a visão sobre a realidade e as vivências dos estudantes, contextualizando a realidade com a teoria, conhecer as histórias de vidas dos sujeitos é uma maneira de tornar o professor/a mais compreensivo e mais empático diante de tantos contextos complexos e escassos de vida dos nossos meninos e meninas que tanto precisam do nosso olhar humano e da nossa escuta.

Além dos aspectos percorridos, almejo levar essa discussão para dentro da escola, buscando a sensibilização dos professores e da gestão escolar despertando o desejo de saber: Qual a influência que exerce a prática da descasca da castanha na vida das crianças? Na escola pesquisada estudam aproximadamente (800) alunos/alunas, destes, quantos praticam ou sobrevivem da prática da descasca da castanha? Há outra pergunta que eu gostaria de poder responder e que não tive condições. Nas falas das crianças percebo que embora elas vivenciem um contexto de vida adverso e desprovido das brincadeiras e dos bons momentos fantasiosos da infância, elas externalizam alegria e felicidade. Portanto fica a interrogação. Como as crianças ressignificam suas vivências e definem felicidade? Para o filósofo e pensador Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.) a felicidade não é fruto do acaso, nem é puro aprendizado de virtudes... É dádiva divina. Por isso penso eu que a felicidade não se explica, se vivencia os momentos e acontecimentos que tornam a vida feliz, na simplicidade que a vida oferece.

Desta forma, pretendo despertar nos meus pares o desejo de conhecer o resultado desta pesquisa, a fim de que a mesma possa oferecer embasamento e venha contribuir com o movimento curricular da instituição citada. A caminhada não se encerra aqui, enquanto Orientadora Educacional e Professora vou continuar plantando sementes e regando as flores

do jardim que são os meninos e meninas que exalam energia, luz e alegria nos corredores da Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte.

Neste ensejo, encerramos nossas intenções, ratificando o que diz Minayo (1994, p. 17), “é a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo”. Endossamos o pensamento da autora e afirmamos que o ciclo vai continuar aberto, o desejo de aprofundar a pesquisa continua latente, a pesquisa nos oportuniza beber da fonte do saber do conhecimento, acredito e desejo que outras problematizações sejam abordadas após o resultado desse estudo que, haja colheita de frutos significativos e relevantes para a melhoria educacional dos estudantes da Escola Lócus da pesquisa.

Finalmente, externalizar minha alegria inacabável por ter tido a oportunidade de vivenciar esse processo de conhecimento e de conquista tão almejado, tenho consciência do crescimento profissional e humano que a pesquisa me proporcionou, reviver as memórias, ouvir crianças e adolescentes que não tem condições de viver dignamente suas fases da vida como convém é tocante na alma e no coração, quem sabe assim possamos nos tornar profissionais mais empáticos e humanizantes.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História da Educação**, Pelotas, n. 14, p. 79-95, set. 2003.

ANTUNES, Camila de Oliveira. **As teorias do currículo na perspectiva de Tomás Tadeu da Silva**. 2014. Disponível em: https://pt.slideshare.net/Vanubia_sampaio/texto-1-38108443. Acesso em: 15 jan. 2020.

AMYOT, Danielle. **Análise pelo supply chain management da cadeia produtiva da castanha de caju no Rio Grande do Norte**. 2009. 110 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal, 2009.

ARAÚJO, Débora Cristina de; DIAS, Lucimar Rosa. Vozes de Crianças Pretas em Pesquisas e na Literatura: esperar é o verbo. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 44, n. 2, p. 1-22, jun. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362019000200407&lang=pt. Acesso em: 20 jun. 2020.

ARAÚJO, José Carlos Souza. Do quadro-negro à lousa virtual: técnica, tecnologia, tecnicismo. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro *et al* (org.). **Técnicas de ensino: novos tempos, novas configurações**. 3. ed. São Paulo: Papirus, 2006.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

ARMANDINHO (Intérprete). **Sementes**. Rio de Janeiro: Universal Music, 2008.

BARREIRO, Christiany Bento. **Pesquisa-Formação: a construção de si na escuta do outro**. Porto Alegre: PUCRS, 2009. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/3595?mode=full#preview-link0>. Acesso em: 30 set. 2019.

BESSA, Bráulio. **Poesia com rapadura**. Fortaleza: Cene, 2017.

BESSA, Bráulio. **Poesia que transforma**. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

BÍBLIA. Isaías. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada Edição Pastoral**. São Paulo: Paulus, 1999. p.983.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Ed. Saraiva: 2002.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 19, p. 20-28, jan. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 17 maio 2020.

BORGES, Cibele Dias. Memórias narradas: a história de Caetano José Ribeiro Júnior. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, 5, 2011, Pelotas. **Anais...** Pelotas: UFPel, 2011. p.215-222. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/123456789/758/3/Memorias%20narradas%20-%20a%20historia%20de%20Caetano%20Jose%20Ribeiro%20Junior.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2020.

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordino. **Labirintos da Memória: quem sou?** São Paulo: Paulus, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação popular na escola cidadã.** Petrópolis: Vozes, 2002.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 13 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 10 nov. 2019.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular:** educação é a base. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 18 jan. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Brasília: MEC\SEF, 1998.

BRASIL. **Lei 8.069, de 13 de Julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente.** Brasília: Ministério da Justiça, 1990.

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002.

CASTANHO, Marisa Irene Siqueira; SCOZ, Beatriz Judith Lima. Subjetividade, Ensino E Aprendizagem: aproximação históricocultural em trabalhos acadêmicos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 18, n. 3, p. 487 – 496, jul./set. 2013.

CHARLOT, Bernard. Formação de Professores: a pesquisa e a política educacional. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Org.). **Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito.** São Paulo: Cortez, 2005. p. 89-108.

CARRAHER, Terezinha Nunes; CARRAHER, David William; SCHLIEMANN, Analúcia Dias. **Na vida dez na escola zero.** São Paulo: Cortez, 1982.

CARRAHER, Terezinha Nunes; CARRAHER, David William; SCHLIEMANN, Analúcia Dias. **Na vida dez na escola zero.** São Paulo: Cortez, 1985.

COMBATENDO o trabalho infantil: Guia para educadores Brasília: OIT, 2001. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-lima/---ilo-brasilia/documents/publication/wcms_233633.pdf Acesso em: 12 maio 2021.

COMÊNIO, J. A. **Didática magna**. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1976.

CORRÊA. Narrativa de uma professora-formadora na trilha de uma práxis emancipatória. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA, 2., 2016, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize, 2016. p. 1-15. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/23071>. Acesso em: 13 maio 2020.

COSTA, Gilberto Ferreira. **A formação do professor em diferentes espaços socializadores: um olhar sobre os alunos do curso Pedagogia da Terra da UFRN**. 2006. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

COSTA, Wanderleya Gonçalves; SILVA, Vanisio Luiz. A desconstrução das narrativas e a reconstrução do currículo: a inclusão dos saberes matemáticos dos negros e dos índios brasileiros. **Educar**, Curitiba, n. 36, p. 245-260, jan. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602010000100016&lang=pt. Acesso em: 17 jun. 2020.

CRUZ, Silvia Helena Vieira; SCHRAMM, Sandra Maria de Oliveira. escuta da criança em pesquisa e qualidade da educação infantil. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 49, n. 174, p. 16-34, out. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/cp/v49n174/pt_1980-5314-cp-49-174-16.pdf. Acesso em: 20 jun. 2020.

DOLLE, Jean-Marie; BELLANO, Dennis. **Essas crianças que não aprendem: diagnósticos e terapia cognitivas**. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

DOMINICÉ, Pierre. A formação de adultos confrontada pelo imperativo biográfico. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 345-357, maio/ago. 2006.

ELIAS, Cristiano Gomes; JACOBY, Nadia. **Dificuldade de Aprendizagem: Percepções dos Professores do Ensino Fundamental I da Escola Municipal de Educação Básica Figueira**. 2015. Disponível em: <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-escolar/dificuldade-de-aprendizagem-percepcoes-dos-professores-do-ensino-fundamental-i-da-escola-municipal-de-educacao-basica-figueira#:~:text=A%20dificuldade%20de%20aprendizagem%20%C3%A9%20uma%20queixa%20pertinente%20nas%20escolas,Segundo%20Silva%20et%20al>. Acesso em 23 nov. 2010.

EMMONS, Robert. A. **Obrigado! Como a gratidão pode torná-lo mais feliz**. Rio de Janeiro: Estrela Polar, 2009.

ESSAS e outras. Informação de qualidade. Como Descascar Castanha de Caju – Como Retirar a Casca da Castanha. Disponível em: <https://essaseoutras.com.br/como-descascar-castanha-de-caju-como-retirar-a-casca-da-castanha/>. Acesso em: 16 jun. 2020.

FARIAS, A. L. G. de; DEMARTINI, Z. B. F.; PRADO, P. D. (Org.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. As pesquisas com o cotidiano das escolas: pistas para se pensar a potência das imagens narrativas na invenção dos currículos e da formação. **Espaço do currículo**, v.8, n.3, p.306-316, set./dez., 2015.

FERRARI, Márcio. Émile Durkheim, o criador da sociologia da educação. **Revista Nova Escola**. Out. 2008. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/456/criadorsociologia-educacao>. Acesso em: 12 jun. 2021.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “Estados da Arte”. **Educação & Sociedade**, ano 23, n. 79, ago., 2002.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. Conscientização e Alfabetização: uma nova visão do processo. **Revista de Cultura da Universidade de Recife**. n.4. abr./jun. 1963.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. (Coleção Educação e Comunicação; v.18).

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança; um sonho possível. In: FREIRE, Paulo. **Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FONTES, R. Criança. **Revista Presença Pedagógica**, v.11, n.61, p. 03-05, jan./fev. 2005.

FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

GASPARIN, J. L. A infância e seu processo educativo em Comenius. In: BOTO, C., ed. **Clássicos do pensamento pedagógico: olhares entrecruzados** [online]. Uberlândia: EDUFU, 2019, pp. 27-42. História, Pensamento, Educação collection. Novas Investigações series, vol. 9. ISBN: 978-65-5824-027-3. Available from: <http://books.scielo.org/id/fjnhs/pdf/boto9786558240273-03.pdf>. <https://doi.org/10.14393/edufu-978-85-7078-472-8>.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONZAGUINHA (intérprete). **Sementes do Amanhã**. Rio de Janeiro: EMI, 1984.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HARTMANN, Luciana. Desafios da Diversidade Em Sala De Aula: um estudo sobre performances narrativas de crianças imigrantes. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 37, n. 01, p. 45-64, abr. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622017000100045&lang=pt. Acesso em: 17 jun.2020.

<https://costabrancaNews.com/prefeitura-de-serra-do-mel-e-policia-militar-firmam-parceria-para-implantar-o-proerd-no-municipio/>

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Tradução Juliana dos Santos Padilha. Porto Alegre: Artemed, 2010.

JOSSO, M. C. **Experiências de Vida e Formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica & Educação. Série Clássicos das Histórias de vida).

KRAMER, Sonia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KEPLER, K. Investigación en la enseñanza: implicaciones para los programas de formación del professorado. In: PÉREZ, A.; BARQUÍN, L.; ÂNGULO, J.F. **Desarrollo profesional del docente: política, investigación y práctica**. Madri: Akal, 1999.

KUHLMANN JR., M. "Educação Infantil e currículo". In: Faria, A.L.G. e Palhares, M.S. (orgs.). **Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios**. 5 ed. Campinas, SP, Autores Associados, 2005

LACERDA, Caroline Côrtes; SEPEL, Lenira Maria Nunes. Percepções de professores da Educação Básica sobre as teorias do currículo. **Educ. Pesqui.**, São Paulo , v. 45, set. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022019000100577&lng=pt&nrm=isoAcesso em: 18 jan. 2020.

LANI-BAYLE, Martine. História de Vida: Transmissão Intergeracional e Formação. In.: PASSAGGI, Maria da Conceição, (org.) **Tendência da Pesquisa autobiográfica**. Natal. EDUFRN, São Paulo, Paulus, 2008. p. 297-316.

LEDOUX, Maria Lídia Paula; GONÇALVES, Tadeu Oliver. Identidade do professor que ensina matemática: elementos estruturantes do processo identitário. **REMATEC**, ano 10, n.19, maio/ago 2015. p. 79-93.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e aprendizagem da profissão docente**. Brasília: Liber Livro, 2012. 172 p. (Coleção Formar).

LUDWIG, Sheryl Ann; LECOMPTE, Margaret Diane. Descobrimdo o contemporâneo no tradicional: reavaliação do impacto das pedagogias indígena maia e ocidental moderna sobre a identidade e oSelf. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. esp., p. 1173-1190, dez. 2015.

LÜCK, Heloísa. **Planejamento em Orientação Educacional**. 22. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2011. 176 p.

LUNA, Sérgio V. **Planejamento de Pesquisa: uma introdução**. São Paulo: Educ, 2009.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica etnopesquisa-formação**. Brasília: Liber Livro 2010.

MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências antropológicas**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MARTINS, José de Souza. **Uma Sociologia da vida cotidiana – ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo: Editora Contexto, 2008. 172 pp.

MEGID, Jorge Neto. **Tendências da pesquisa acadêmica sobre o ensino de ciências no nível fundamental**. Tese de doutorado, Faculdade de Educação da UNICAMP. Campinas, 1999.

MEDEIROS, Emerson Augusto de; AGUIAR, Ana Lúcia Oliveira. O Método (Auto) Biográfico e de Histórias de Vida: reflexões teórico-metodológicas a partir da pesquisa em educação. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, Aracaju, v. 27, n. 11, p. 149-166, out./dez. 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18.ed. São Paulo: Vozes, 2001.

MONTEIRO, Letícia Portieri; SMOLE, Kátia Stocco. Um caminho para atender às diferenças na escola. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 357-371, abr. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022010000100011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 Jan. 2020.

MOREIRA, Camila Ferreira. **Distorção idade-série na educação básica**. 2000. Disponível em: <https://cmoreira2.jusbrasil.com.br/artigos/111821615/distorcao-idade-serie-na-educacao-basica>. Acesso em: 13 maio 2021.

NASSIF, Lourdes. **Política, estado e governo: o que é e para que serve o estado?, por Antônio Augusto de Queiroz**. 2018. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/entenda/politica-estado-e-governo-o-que-e-e-para-que-serve-o-estado-por-antonio-augusto-de-queiroz/> Acesso em: 13 jun.2021.

NASCIMENTO, Hostina Maria Ferreira do. **Mala na mão, pé na estrada: à procura de uma pedagogia das singularidades**. 2008. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

NEVES, Vanessa Ferraz Almeida. História Coletiva e Construções Subjetivas: uma trama de narrativas em uma creche comunitária. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 29, n. 01, p. 225-246, mar. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982013000100011&lang=pt. Acesso em: 17 jun. 2020.

NÓVOA, António (Org.). **Vidas dos Professores**. 2.ed. Lisboa: Porto, 2013. (Coleção Ciências da Educação; 4).

OLIVEIRA, Indira Caldas Cunha de. **Infâncias: O lugar do lúdico nas tramas do trabalho infantil**. 2004. 212 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Sociedade e Qualidade de Vida) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

OLIVEIRA, Rosane Machado de. Currículo Escolar: Um Conjunto de Conhecimentos para a Concretização de Objetivos Educacionais. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Edição 8. Ano 02, vol. 05. pp 52-73, nov., 2017.

PACHECO, José. **Reconfigurara a escola: transformar a educação**. São Paulo: Cortez, 2018.

PADRE ZEZINHO. **Utopia**. Rio de Janeiro: Sono-Viso, 1975.

PASQUALINI, Juliana Campregher. Três teses histórico-críticas sobre o currículo escolar. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 45, nov. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022019000100599&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 jan. 2020.

PASSEGGI, Maria da Conceição(Org). **Tendências da Pesquisa (auto) biográfica**. Natal/RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PAULA, Samuel de Souza. Mensagem do cajueiro. 2020. Disponível em: <https://www.somostodosum.com.br/clube/artigos/espiritualidade/mensagem-do-cajueiro-19301.html>. Acesso em 18 jul. 2021.

PEREIRA, Maria Izabel Galvão Gomes. Práticas Educativas, Territórios e Biografização: reflexões a partir da educação rural. In: PASSEGI, Maria da Conceição (Org.) **Tendências da pesquisa (auto)biográfica**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulos, 2008. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica/educação; v.3). p. 145-164.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção docência em formação: Ensino Superior. Série saberes pedagógicos).

PINHEIRO, Â. **A criança e o adolescente no cenário da redemocratização: representações sociais em disputa**. 2001. 438 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2001.

POLETTI, Rosette; DOBBS, Barbara. **A Resiliência: a Arte de Dar a Volta por Cima**. Petrópolis: Vozes, 2010.

POLLACK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLÍTICA, Estado e Governo: o que é e para que serve o Estado?, por Antônio Augusto de Queiroz Por Lourdes Nassif ://<https://jornalgggn.com.br/>. Acesso em: 26 fev. 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2.ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAMOS, Rosilene da Costa Bezerra; FREITAS, Charles Lamartine de Sousa; COTA, Eliane. Uma Narrativa de uma professora-formadora na trilha de uma práxis emancipatória. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA, 2, 2016 Disponível em:

http://editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2016/TRABALHO_EV060_MD1_SA14_ID3482_12102016225518.pdf. Acesso em: 18 maio 2021.

REVISTA PROSA VERSO E ARTE (Brasil). “**Gentileza gera gentileza**” – **Profeta Gentileza** (José Datrino). 2011. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoearte.com/gentileza-gera-gentileza-profeta-gentileza-jose-datrino/>. Acesso em: 10 jun. 2020.

RIBEIRO, Darcy. **Teoria do Brasil**, Petrópolis: Ed. Vozes, 1985.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: Métodos e técnica**. Paulo: Atlas, 2011.

RIZZINI, Irene. RIZZINI Irma. **A institucionalização de crianças no Brasil: Percurso Histórico e Desafios do Presente**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 1993.

ROLDÃO, Maria do Céu. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 94-181, jan. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a08v1234.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2020.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SACRISTÁN, J. G. (Org.). **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013. <https://www.pensador.com/autor/aristoteles/> Acesso em: 08 jul. 2021.

SANTINI, Daniel. **Crianças sem identidade, o trabalho infantil na produção da castanha do caju**. 2013. Disponível em: <https://trabalho infantil.reporterbrasil.org.br/criancas-sem-identidade-o-trabalho-infantil-na-producao-de-castanha-de-caju/index.html>. Acesso em: 12 maio 2021.

SANTOS, J. C. F. dos. **Aprendizagem Significativa: modalidades de aprendizagem e o papel do professor**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

SANTOS, Jean Mac Cole Tavares et al (Org.). **Educação, Política e Docência: formação em contextos locais**. Curitiba/PR: CRV, 2013.

SANTOS, Maria Antônia Medeiros dos. As vozes infantis acerca dos ambientes de aprendizagem de uma unidade de educação infantil do município de Mossoró-RN. Mossoró, 2019.

SANTOS, Zanoni Tadeu Saraiva dos. **Ensino de Entropia: um enfoque histórico e epistemológico**. 2009. 166 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. 36. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2003.

SERRA do Mel (RN) **Cidades e Estados**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rn/serra-do-mel.html>. Acesso em: 3 mar. 2021.

SILVA, Paulo Segundo *et al.* Agricultura familiar: um estudo sobre a juventude rural no município de Serra do Mel - RN. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, Mossoró, v. 1, n. 1, p.54-66, 2006.

SOARES, Francisca Maria Gomes Cabral *et al.* (org.). **Educação, (auto) biografias e inclusão**: entre a escuta e a escrita de si. Curitiba, PR: CRV, 2017.

SOUSA, Jair Moisés de. **Sobre a construção das ideias científicas ou Darwin e seus demônios**. 2017. 160f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si**: : narrativas do itinerário escolar e formação de professores. 2004. 344 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/10267/1/Tese_Elizeu%20Souza.pdf. Acesso em: 23 maio 2020.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MENEZES, Jaci Maria Ferraz. História da Educação na Bahia: recortes e aproximações sobre a constituição do campo. In: VASCONCELOS, José Gerardo; NASCIMENTO, Jorge Carvalho (Org.). **História da Educação no Nordeste Brasileiro**. Fortaleza: UFC Edições, 2006, p. 136-153.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

TORRES, Antônio Caubí Marcolino; Silva, Rosimeire Torres da; Marcolino, Maria Rosineide Torres. Cooperativismo e convivência com a seca: o caso da COOPAPI no RN. **Geotemas**, Pau dos Ferros, v. 3, n. 1, p.03-13, 2013.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A Prática pedagógica do professor de Didática**. 2. ed. Campinas Papirus, 1992.

ZAGURY, T. **Educar sem culpa**. São Paulo: Círculo do livro, 1993.

APÊNDICES

PARTE DOS MEUS DIÁRIOS E MEMÓRIAS AO LONGO DA VIDA.



Fonte: Arquivo Pessoal

AULA INAUGURAL DO MESTRADO. TEMA: PROCESSOS CRIATIVOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO



Fonte: Arquivo Pessoal

APRESENTAÇÃO NO SIMPOSEDUC E SEMANART 2019**POLLYANA THAÍS, EDNA, SANDRA E EU.**

Fonte: Arquivo Pessoal



Fonte: Arquivo Pessoal

FRANCISCA, ANA PAULA E EU

Fonte: Arquivo Pessoal

MOMENTOS DO MESTRADO COM A TURMA MARAVILHOSA 2019/2021

Fonte: Arquivo Pessoal

O MOMENTO DO NOSSO CAFÉ.

Fonte: Arquivo Pessoal



Fonte: Arquivo Pessoal

MIMOS PARA A NOSSA ORIENTADORA PELO DIA DO PROFESSOR/2019



**NOSSA ÚLTIMA FOTO JUNTOS/AS E AAGLOMERADOS/AS.
ENCERRAMENTO DO PRIMEIRO PERÍODO**

COM MINHA AMIGA SANDRA RODRIGUES.



Fonte: Arquivo pessoal

MEMÓRIAS COM ALGUMAS DAS MINHAS TURMAS NA UERN NO PERÍODO DA EXPERIÊNCIA ENQUANTO DOCENTE, MOMENTOS LINDOS E INESQUECÍVEIS 2010 A 2015. TURMA DE ESTÁGIO



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



TURMA DA FACULDADE DE LETRAS/PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM



Fonte: Arquivo pessoal

PEDAGOGIA/ MATUTINO PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Fonte: Arquivo pessoal

PLANOS DE AULA DAS PROFESSORAS DA PESQUISA.

Dia

Mês

03

03

2020



D
S
T
Q
Q
S
S

Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte
Serra do Mel - RN 03 103 12020

Plano de aula...

Rotina: Oração, calendário, chamada

Componente curricular:

Língua Portuguesa

Objetivo: Apropriar-se das letras do alfabeto, enfatizando o valor sonoro na identificação de sílabas e palavras.

Conteúdo: Lettura e interpretação

Metodologia:

- # Texto: Escola e;
- # Roda de conversa.
- # Dinâmica do relaxamento.
- # Produção textual coletiva: No primeiro dia de aula
- # Colagem do alfabeto com os quatro tipos de letras, explorando cada letra junto com os alunos.
- # Colagem das embalagens pedidas na aula anterior de acordo com a primeira letra do produto descrito no rótulo.
- # Escrita de sondagem (questionário)
- # Escrita do Alfabeto no caderno.

Recursos:

Livro paradidático, Dinâmica, alfabeto tabuleiro, cartões com palavras, embalagens.

Avaliação:



Secretaria Municipal de Educação,
Cultura, Esporte e Lazer

PLANEJAMENTO SEMANAL					
ESCOLA: Municipal Vila Rio Grande do Norte		DATA: 08/06 à 12/06/2020		ANO: 4º III PROFESSOR (A): Maria Edineuma Freire de Moura	
COMPONENTE CURRICULAR	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	História/geografia
OBJETO DE CONHECIMENTO	Leitura, interpretação e produção textual: Gênero: Receita.	*Operações com adição e subtração.	Texto e interpretação: referente à festa junina e produção textual.	Operação com dinheiro	Origem do São João
HABILIDADES	* EF04LP12-Inferir o tema e assunto, demonstrando compreensão global do texto.	* EF04MA25 – Resolver e elaborar problemas que envolvam situações de compra e venda e formas de pagamento, utilizando termos como troca e desconto, enfatizando o consumo ético, consciente e responsável.	* EF04LP09- Buscar e selecionar informações sobre temas de interesse pessoal ou escolar em textos que circulam em meios digitais ou impressos.	* EF04MA03 – Resolver e elaborar problemas com números naturais envolvendo adição e subtração, utilizando estratégias diversas, como cálculo por estimativa, cálculo mental e algoritmos. *EF04MA04 – Utilizar as relações entre adição e subtração divisão, para ampliar as estratégias de cálculo.	*EF04HI01 – Reconhecer a história como resultado da ação do ser humano, no tempo e no espaço, com base na identificação de mudanças ocorridas ao longo do tempo.
SUGESÕES DIDÁTICAS	*Orientar os alunos através de áudios ou vídeos; *Responder a atividade no caderno; * Fazer fotos e enviar pelo whatsapp.	*Orientar os alunos através de áudios ou vídeos; * Resolver atividades envolvendo adição, subtração, no caderno.	*Orientar os alunos através de áudios ou vídeos; * Ler o texto sobre as festas juninas e responder as questões no caderno;	*Orientar os alunos através de áudios ou vídeos; *Copiar atividades envolvendo situação problemas no caderno	*Orientar os alunos através de áudios ou vídeos; *Copiar a atividade no caderno e responder;
AVALIAÇÃO	*Através de observação do desenvolvimento dos alunos ao realizar as atividades;	*Através de observação do desenvolvimento dos alunos ao realizar as atividades;	*Através de observação do desenvolvimento dos alunos ao realizar as atividades;	*Através de observação do desenvolvimento dos alunos ao realizar as atividades;	*Através de observação do desenvolvimento dos alunos ao realizar as atividades;

PLANEJAMENTO SEMANAL

ESCOLA: Municipal Vila Rio Grande do Norte			DATA: 08/06 à 12/06/2020		ANO: 4º III		PROFESSOR (A): Maria Edineuma Freire de Moura	
COMPONENTE CURRICULAR	Segunda-feira		Terça-feira		Quarta-feira		Quinta-feira	
	Língua Portuguesa		Matemática		Língua Portuguesa		Matemática	
OBJETO DE CONHECIMENTO	Leitura, interpretação e produção textual: Gênero: Receita.		* Operações com adição e subtração.		Texto e interpretação: referente à festa junina e produção textual.		Operação com dinheiro	
HABILIDADES	* EF04LP12-Inferir o tema e assunto, demonstrando compreensão global do texto.		* EF04MA25 – Resolver e elaborar problemas que envolvam situações de compra e venda e formas de pagamento, utilizando termos como troco e desconto, enfatizando o consumo ético, consciente e responsável.		* EF04LP09- Buscar e selecionar informações sobre temas de interesse pessoal ou escolar em textos que circulam em meios digitais ou impressos.		* EF04MA03 – Resolver e elaborar problemas com números naturais envolvendo adição e subtração, utilizando estratégias diversas, como cálculo por estimativa, cálculo mental e algoritmos. *EF04MA04 – Utilizar as relações entre adição e subtração divisão, para ampliar as estratégias de cálculo.	
SUGESÕES DIDÁTICAS	*Orientar os alunos através de áudios ou vídeos; *Responder a atividade no caderno; * Fazer fotos e enviar pelo whatsapp.		*Orientar os alunos através de áudios ou vídeos; * Resolver atividades envolvendo adição, subtração, no caderno.		*Orientar os alunos através de áudios ou vídeos; * Ler o texto sobre as festas juninas e responder as questões no caderno;		*Orientar os alunos através de áudios ou vídeos; *Copiar atividades envolvendo situação problemas no caderno	
AVALIAÇÃO	*Através de observação do desenvolvimento dos alunos ao realizar as atividades;		*Através de observação do desenvolvimento dos alunos ao realizar as atividades;		*Através de observação do desenvolvimento dos alunos ao realizar as atividades;		*Através de observação do desenvolvimento dos alunos ao realizar as atividades;	

PLANEJAMENTO SEMANAL: 2021					
ESCOLA: Municipal vila Rio grande do Norte		PROFESSORA: Wênia da Silva Lima			
DIA DA SEMANA	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
ANO: 5ano		TURMA: IV			
COMPONENTE CURRICULAR:	Português e Ciências	Português e Matemática	Matemática e Geografia	História e Educação Física	Religião e Arte
OBJETO DE CONHECIMENTO	* Texto: Festas junina História do São João	* Produção textual: * Situação Problema: festa junina	* Situação Problema: festa junina.	* A origem das festas junino.	* Tradições da festa Junina. * Quadrilha
HABILIDADES	* Ler e compreender, silenciosamente e, em seguida, em voz alta, com autonomia e fluência, textos curtos com nível de textualidade adequado (EF35LP01). * Associar os movimentos cíclicos da Lua e da Terra a períodos regulares e ao uso desse conhecimento para a construção de calendários em diferentes culturas (EF04CI11).	* Resolver e elaborar problemas de multiplicação e divisão com números naturais e com números racionais, cuja representação decimal é finita (com multiplicador natural e divisor natural e diferente de zero), utilizando estratégias diversas, como cálculo por estimativa, cálculo mental e algoritmos (EF02MA08). * Reconhecer as características da cidade e analisar as interações entre a cidade e o campo e entre cidades na rede urbana (EF05GE04).	* Resolver e elaborar problemas de multiplicação e divisão com números naturais e com números racionais cuja representação decimal é finita (com multiplicador natural e divisor natural e diferente de zero), utilizando estratégias diversas, como cálculo por estimativa, cálculo mental e algoritmos (EF02MA08). * Reconhecer as características da cidade e analisar as interações entre a cidade e o campo e entre cidades na rede urbana (EF05GE04).	* Analisar o papel das culturas e das religiões na composição identitária dos povos antigos (EF05HI03).	* Reconhecer a importância da tradição oral para preservar memórias e acontecimentos religiosos (EF05ER04). * Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal (EF15AR08).
SUGESTÕES DIDÁTICA	* Orientar os alunos através de áudios ou vídeos. * Fazer fotos e enviar pelo WhatsApp: * Aplicativo Google meet * Copiar e responder a atividade no caderno.	* Orientar os alunos através de áudios ou vídeos. * Fazer fotos e enviar pelo WhatsApp: * Aplicativo Google meet * Copiar e responder a atividade no caderno.	* Orientar os alunos através de áudios ou vídeos. * Fazer fotos e enviar pelo WhatsApp: * Aplicativo Google meet * Copiar e responder a atividade no caderno.	* Orientar os alunos através de áudios ou vídeos. * Fazer fotos e enviar pelo WhatsApp: * Aplicativo Google meet * Copiar e responder a atividade no caderno.	* Orientar os alunos através de áudios ou vídeos. * Fazer fotos e enviar pelo WhatsApp: * Aplicativo Google meet * Copiar e responder a atividade no caderno.
AValiação	Será realizada através da participação e das atividades devolutivas.	Será realizada através da participação e das atividades devolutivas.	Será realizada através da participação e das atividades devolutivas.	Será realizada através da participação e das atividades devolutivas.	Será realizada através da participação e das atividades devolutivas.

PLANEJAMENTO SEMANAL: 2021					
ESCOLA: Municipal vila Rio grande do Norte		ANO:5ano TURMA:IV		PROFESSORA: Wênia da Silva Lima	
DIA DA SEMANA	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
COMPONENTE CURRICULAR:	Português e Ciências	Português e Matemática	Matemática e Geografia	História e Educação Física	Religião e Arte
OBJETO DE CONHECIMENTO	* Texto: Festas junina História do São João	* Produção textual: * Situação Problema: festa junina	* Situação Problema: festa junina.	* A origem das festas junino.	* Tradições da festa Junina. * Quadrilha
HABILIDADES	* Ler e compreender, silenciosamente e, em seguida, em voz alta, com autonomia e fluência, textos curtos com nível de textualidade adequado (EF35LP01). * Associar os movimentos cíclicos da Lua e da Terra a períodos regulares e ao uso desse conhecimento para a construção de calendários em diferentes culturas (EF04CI11).	* Planejar e produzir texto sobre tema de interesse, organizando resultados de pesquisa em fontes de informação impressas ou digitais, incluindo imagens e gráficos ou tabelas, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto (EF05LP24). * Resolver e elaborar problemas de multiplicação e divisão com números naturais e com números racionais cuja representação decimal é finita (com multiplicador natural e divisor natural e diferente de zero), utilizando estratégias diversas, como cálculo por estimativa, cálculo mental e algoritmos (EF05MA08).	* Resolver e elaborar problemas de multiplicação e divisão com números naturais e com números racionais cuja representação decimal é finita (com multiplicador natural e divisor natural e diferente de zero), utilizando estratégias diversas, como cálculo por estimativa, cálculo mental e algoritmos (EF05MA08). * Reconhecer as características da cidade e analisar as interações entre a cidade e o campo e entre cidades na rede urbana (EF05GE04).	* Analisar o papel das culturas e das religiões na composição identitária dos povos antigos (EF05HI03).	* Reconhecer a importância da tradição oral para preservar memórias e acontecimentos religiosos (EF05ER04). * Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal (EF15AR08).
SUGESTÕES DIDÁTICA	* Orientar os alunos através de áudios ou vídeos. * Fazer fotos e enviar pelo WhatsApp: * Aplicativo Google meet * Copiar e responder a atividade no caderno.	* Orientar os alunos através de áudios ou vídeos. * Fazer fotos e enviar pelo WhatsApp: * Aplicativo Google meet * Copiar e responder a atividade no caderno.	* Orientar os alunos através de áudios ou vídeos. * Fazer fotos e enviar pelo WhatsApp: * Aplicativo Google meet * Copiar e responder a atividade no caderno.	* Orientar os alunos através de áudios ou vídeos. * Fazer fotos e enviar pelo WhatsApp: * Aplicativo Google meet * Copiar e responder a atividade no caderno. * Fazer um prato típico de festa junino.	* Orientar os alunos através de áudios ou vídeos. * Fazer fotos e enviar pelo WhatsApp: * Aplicativo Google meet * Copiar e responder a atividade no caderno. * Vestir-se a caráter com roupa junina.
AValiação	Será realizada através da participação e das atividades devolutivas.	Será realizada através da participação e das atividades devolutivas.	Será realizada através da participação e das atividades devolutivas.	Será realizada através da participação e das atividades devolutivas.	Será realizada através da participação e das atividades devolutivas.